

os *Karas*

**PEDRO
BANDEIRA**

**ANJO
DA
MORTE**

The title 'ANJO DA MORTE' is rendered in large, bold, white, sans-serif capital letters. Each letter of the title is partially overlaid by a white silhouette of a runner in mid-stride, creating a sense of motion and speed. The runner silhouettes are positioned as follows: one on top of 'A', one on the left side of 'N', one on the left side of 'J', one on the right side of 'O', one on the right side of 'D', one on the right side of 'A', one on the left side of 'M', and one on the right side of 'O'.

 MODERNA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Os Karas



Miguel

Não tem apelido. Foi ele quem decidiu reunir alguns amigos e, por brincadeira, fundar um grupo secreto no colégio onde é presidente do Grêmio Estudantil. É ele quem lidera os amigos e define o próximo passo a ser dado pelos Karas.

Chumbinho

Aficionado por videogames e computadores, com sua esperteza e valentia, sente de longe o cheiro de novas aventuras. Foi justamente isso que fez Chumbinho descobrir o grupo secreto que atuava no Colégio Elite.

Magri

Melhor atleta do Colégio Elite, é a grande esperança de medalha olímpica para o Brasil. Apesar do jeitinho delicado e meigo, se é preciso salvar um dos amigos ou entrar em ação, Magri vira uma verdadeira “gata”, perigosa e pronta para agir, enfrentando qualquer risco.

Calú

Ator e extramamente extrovetido e brincalhão, está sempre de bom humor, dando ânimo aos Karas na hora de agir. Apesar de ser o garoto mais bonito do Colégio Elite, seu coração balança mesmo é por Magri.

Crânio

É o geniozinho da turma. Calado e pensativo, é o campeão de xadrez e das notas da escola, e em nome dos amigos e das aventuras, larga tudo quando o assunto é **Emergência Máxima**. Assim como Calú, é apaixonado pela menina dos Karas.

Pedro Bandeira

Anjo da Morte



Mais uma aventura dos Karas!

Dedico este livro ao meu amigo Koichi Kameda,
Do Rio de Janeiro, um verdadeiro Kara,
como o Miguel, o Calu, o Crânio e o Chumbinho.

1. Um grito de pavor

— K! Inismenterdinisaistaismentertenter! Nomber enterscomberndenterrinis jomber sentercentertomber. Aisvinissentert Craisniniomber enter Chuftermbinishnomber...

Miguel ouviu o clic do telefone que estava sendo desligado do outro lado. Esfregou os olhos para afastar o sono.

Era a voz de Magrí. De sua querida Magrí. Falando em código. No Código Vermelho dos Karas.

O garoto olhou para o relógio. O telefonema o acordara meia hora antes de o despertador tocar. Agora, ele teria de chegar ao Colégio Elite bem antes do início da primeira aula.

Uma sensação de mal-estar tomou conta do líder dos Karas. Na noite anterior, Magrí tinha ido com Calú à estréia de uma peça. Algo de muito grave deveria ter acontecido no teatro...

A platéia estava lotada.

Sussurros ansiosos denunciavam a expectativa do momento mágico em que os refletores seriam acesos e as pesadas cortinas de veludo vermelho-escuro seriam abertas, revelando o cenário para dar início ao primeiro ato do Rei Lear, de William Shakespeare.

Uma campainha estridente ecoou por todo o teatro.

Era o primeiro sinal, que anunciava os últimos cinco minutos antes do início da peça.

Durante toda a semana, a imprensa comentara entusiasmada: aquela seria uma encenação muito especial da famosa tragédia, e a presença do grande ator Solomon Friedman no papel-título era mais uma garantia de um espetáculo inesquecível. Por isso tantos haviam pago tão caro pelo direito de estar ali, na mágica noite de estréia, para sofrer e refletir sobre o drama imortal do velho rei enlouquecido e solitário.

Ao lado do palco, uma porta levava aos camarins.

Discretamente, a porta abriu-se para dar passagem a um jovem que voltava para a platéia. Pouco mais que um menino, mas tão alto quanto um adulto.

O rapaz afastou-se para o lado, evitando esbarrar em um homem que vinha entrando em direção aos camarins enquanto ele saía.

De cabeça baixa, o homem desapareceu porta adentro.

O jovem dirigiu-se ao seu lugar, na primeira fileira, bem no centro, ao lado de uma garota que brilhava como uma jovem estrela de cinema. Formavam um lindo casal, mais na idade de espetáculos de música popular do que de estréias de Shakespeare.

— Que rapaz lindo! — comentou baixinho uma senhora para o marido.

— Que gato! — extasiou-se um sussurro feminino, bem mais jovem.

Mesmo sob as luzes mornas da penumbra em que estava a platéia, o rapaz se

destacava. Era um daqueles jovens que todas as garotas gostariam de ter como namorado e que todas as mães gostariam de ter como filho.

— Você voltou rápido, Calú — disse a garota, com um sorriso de iluminar a meia-noite. — Como está o velho Sol?

— Está ótimo, Magrí.

Uma ou duas fileiras atrás, um suspiro fez-se ouvir.

Calú sentou-se ao lado da menina que sorria, acostumada a ouvir suspiros e comentários apaixonados sobre a beleza do amigo. Calú era, sem dúvida, o garoto mais bonito do Colégio Elite, onde os dois estudavam.

— O velho está feliz, Magrí. Absolutamente preparado. Vai estrear como se nada de excepcional estivesse por acontecer. Como se encarnar um dos mais difíceis papéis do teatro universal fosse a tarefa mais natural do mundo...

A campainha estridente tocou duas vezes. Era o segundo sinal. O espetáculo começaria dentro de três minutos, no máximo.

Magrí enlaçou o braço do amigo. As luzes da platéia diminuíram um pouco, quase imperceptivelmente. O rapaz sentiu um perfume suave, delicado, e voltou-se para a menina como se pela primeira vez tivesse percebido quanto ela era linda. Magrí encostou o rosto no ombro de Calú, quase que só para fazer inveja à desconhecida que suspirara há pouco. Como o roçar de uma pétala, a leve maquiagem soltou seu pólen perfumado e manchou um pouquinho o ombro do blusão do rapaz.

Calú cerrou os olhos e apoiou a cabeça no encosto da poltrona, deixando-se levar pelo prazer daquele momento. Da proximidade quente da amiga, seu pensamento divagou, até voltar a Solomon Friedman. Dentro da memória, reavaliou a figura querida do seu velho professor de teatro, todo maquiado, com uma longa barba, fina e grisalha, que o fazia parecer mais velho ainda.

Solomon Friedman! Se em um templo o sacerdote transmite a palavra de Deus, no teatro o ator transmite a palavra do Homem. Para Calú, o teatro era religião e o velho Sol seu sumo sacerdote.

Solomon Friedman: o ator húngaro que escolhera o Brasil como nova pátria desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O professor de duas gerações de atores brasileiros. O professor de interpretação que ensinava a Calú os segredos do método de Stanislávski. O método complexo de interpretação em que o ator tem de "viver" a personagem, encarná-la e sofrer com ela, como se fosse a própria personagem.

Calú fora cumprimentá-lo nos bastidores. O velho ator estava lendo algo em uma folha de papel amarelo e guardou-a sob alguns livros quando o rapaz entrou no camarim.

O discípulo abraçou o mestre e desejou-lhe sorte daquele modo original com que os atores incentivam os colegas antes de uma estréia:

— Merda pra você!

— Obrigado, Calú...

Voltara logo ao seu lugar, pois sabia que não deveria interromper a preparação do querido Sol. Naquele momento, o velho ator já vivia o Rei Lear. Já era o Rei Lear, uma personagem criada há quatrocentos anos, que, de tempos em tempos, voltava à vida através da voz e do talento de poucos grandes atores capazes de enfrentar um desafio como aquele. Atores como o velho Sol.

Calú já assistira a vários ensaios e sabia que aquela seria uma noite de arrepiar. Ao lado de Magri, aguardava o acender dos refletores como se ele mesmo estivesse para entrar ali, no espaço religioso do palco.

O aluno adorava o professor e o professor adorava o aluno. O velho Solomon Friedman tinha planos para Calú.

Planejava encenar, no ano seguinte, Romeu e Julieta, a tragédia clássica do amor impossível. E já escolhera o jovem ator que faria o papel de Romeu. Seria a estréia de Calú no teatro profissional.

"Ano que vem... a minha estréia!", pensou Calú, extasiado com a oportunidade de encarnar um dos maiores papéis do teatro universal, numa idade em que ainda se precisa de autorização escrita dos pais para se dar qualquer passo sozinho.

A campanha soou três vezes, despertando a platéia da realidade para mergulhá-la num mundo de sonho. Do sonho maravilhoso do teatro.

O murmúrio dos espectadores cessou por completo e as luzes da platéia diminuíram suavemente.

Escuridão completa. Som de enormes tambores.

Com batidas ritmadas, graves, surdas, numa cadência aterradora, o som foi crescendo. Já reboava por todo o teatro.

As cortinas abriram-se pesadamente.

Os refletores acenderam-se lentos, dirigindo as atenções para o centro do palco.

Como a marcar a pulsação de todos os corações, os tambores continuaram, dando tempo para os espectadores acostumarem-se ao cenário e ao clima solene da tragédia inglesa.

Pararam subitamente.

No silêncio que se seguiu, cada espectador pensou estar ouvindo as batidas do próprio coração.

Dos bastidores, correspondendo ao envolvimento arrepiante que já tomava conta da platéia, um grito de pavor sobrepôs-se a tudo.

— Ahhhhhh...

Foi como se todos os corações parassem de pulsar por um segundo, à espera do que viria a seguir.

Um crítico especializado ajeitou-se na poltrona. Rei Lear era uma peça que começava de modo leve, quase alegre, para, aos poucos, desenvolver sua trama

de tragédia e morte. Por isso, o crítico julgou genial aquela inovação criada pelo diretor da peça.

Por mais pavoroso que seja, um grito em uma peça de teatro não deve surpreender ninguém, já que o palco é o lugar certo para gritos, gargalhadas, alucinações e desesperos. Mas, na platéia, o grito pegou Calú de surpresa.

— Ei! Senta aí! — protestou uma voz na segunda fileira.

Calú estava de pé. Pelo que assistira nos ensaios, ele sabia que aquele grito não fazia parte do espetáculo.

Dos bastidores, uma voz de mulher foi claramente ouvida:

— Meu Deus! Ele está morto!

Ninguém entendeu quando, como um gato, o belo jovem da primeira fileira pulou para o palco e correu em direção aos bastidores.

Era fácil traduzir o Código Vermelho. Mentalmente, Miguel repassou a mensagem telefônica de Magrí: era só trocar "ais" por "a", "enter" por "e", "inis" por "i", "omber" por "o" e "ufter" por "u":

"K! Imediatamente! No esconderijo secreto. Avise Crânio e Chumbinho..."

Magrí tinha dito K! O sinal de emergência máxima dos Karas!

Miguel sairia de casa meia hora antes do habitual.

Seus pais ainda estariam dormindo. Algo de muito grave deveria ter acontecido para que Magrí convocasse uma reunião de emergência máxima dos Karas àquela hora.

Porque os Karas...

Os Karas! Aquele pequeno grupo de alunos do Colégio Elite! Tinha sido o espírito de aventura que fizera Miguel criar o grupo secreto dos Karas. A idéia começara quase como uma brincadeira inocente, mas a realidade tinha feito com que os cinco amigos acabassem enfrentando perigos tremendos. Perigos que os Karas jamais procuravam, mas que pareciam atrair.

Sim, Miguel sabia onde Magrí queria a reunião. O esconderijo secreto: o forro do enorme vestiário do Colégio Elite.

O que teria acontecido no teatro? Miguel não pudera ir à estréia do Rei Lear, mas Calú não perderia aquele espetáculo por nada deste mundo. Magrí tinha ido ao teatro com ele.

Miguel apertou o gancho do telefone, aguardou o sinal de linha livre e discou para Crânio. Em seguida, ligou para Chumbinho. Os cinco Karas deveriam se reunir. Mais uma vez.

2. A morte do Rei Lear

A jovem atriz que faria o papel de Cordélia estava paralisada na porta do camarim de Solomon Friedman, como se tivesse sido fulminada por um raio. Calú afastou-a sem qualquer cerimônia e invadiu o camarim, antevendo a tragédia.

Emoldurado pelas luzes que circundavam o espelho do camarim, debruçado sobre a mesa de maquiagem, Solomon Friedman parecia repousar. Um pequeno círculo negro adornava-lhe a nuca, e um filete vermelho escorria-lhe pelos dois lados do pescoço, formando um delicado colar.

Ansiosamente, Calú agarrou-lhe o ombro e puxou-o.

O corpo caiu para trás, contra o espaldar da poltrona giratória. Com o peso, a poltrona fez meia-volta, e o grande ator pareceu fixar o olhar parado, arregalado em seu aluno predileto. Um sorriso estático paralisava-lhe a expressão sob a barba falsa da personagem, como se cinicamente o velho Sol escarnecesse da própria morte.

Solomon Friedman estava morto. E parecia feliz.

O camarim já havia sido invadido por quase todo o elenco do Rei Lear, e foi como se uma corte de verdade chorasse em uníssono pela morte do seu rei, com seus duques e cavaleiros vestidos em veludos e ajaezados em ouro falso.

Lentamente Calú afastou as mãos do ombro do velho Sol.

Seus olhos ardiam, inflamados. Queriam chorar. Queriam explodir em forma de revolta. Mas o rapaz abafou a dor dentro do peito. Ele era um Kara. Não poderia permitir que o desespero superasse sua consciência. Solomon Friedman estava morto. Era preciso vingar aquele covarde assassinato! Era preciso agir.

Mesmo em meio à dor pela perda do seu querido professor de teatro, a atenção de Calú notou um detalhe que poderia ser importante. Olhou debaixo de uma pilha de livros que havia na mesinha ao lado. Em seguida, abaixou-se e pegou algo no cesto de papéis.

Não fazia nem cinco minutos que ele estivera naquele camarim visitando o velho Sol: o assassino ainda poderia estar por ali. Por um momento passou-lhe pela lembrança a imagem do homem que cruzara com ele na porta que ligava os camarins à platéia. Como era ele? O rapaz não conseguia lembrar-se. Estava muito escuro naquele momento. O que ele tinha visto não fora mais que um vulto.

Calú abriu caminho entre os atores que se lamentavam inutilmente em volta do cadáver e correu para a porta principal do teatro.

Foi encontrar Magrí agarrada à gola do porteiro, sacudindo-o como se quisesse despertá-lo de um desmaio:

— Fale, homem! Alguém saiu do teatro?

O porteiro ainda não sabia o que acontecera, e sua surpresa era devida apenas ao fato de estar sendo sacudido por uma menina tão linda e tão elegante. Aos

poucos, Magri e Calú puderam entender-lhe as palavras confusamente balbuciadas. Sua função era apenas impedir que alguém entrasse sem ingresso, e sua inteligência não chegava ao ponto de prestar qualquer atenção ao trânsito contrário, para o qual não estava treinado.

— Não... acho que... ninguém saiu...

Não foi preciso qualquer combinação entre os dois Karas.

Magri empurrou o porteiro para dentro do teatro e fechou a porta, guardando-a com seu próprio corpo. Se alguém tentasse fugir por ali, teria de passar por cima do seu lindo cadáver.

Calú conhecia muito bem aquele teatro e correu para a entrada dos atores, que ficava nos fundos e seria a única alternativa para uma fuga rápida.

A porta estava escancarada.

Como um ator veterano, suando como nunca sob a luz dos refletores, o detetive Andrade movia-se com desenvoltura pelo palco. Aquele papel ele sabia desempenhar como ninguém.

Solomon Friedman fora morto com apenas um tiro na nuca. Um tiro que ninguém ouvira, por causa do ribombar de tambores que abria a peça. O assassinato devia ter sido cometido naquele exato momento.

Calú já retomara seu lugar na primeira fileira. Mais uma vez via-se envolvido em um crime hediondo. Só que, desta vez, a vítima era alguém muito próximo a ele. Alguém que ele amava. E, mais uma vez, ali estava o detetive Andrade, aquele policial dedicado, gordo, careca, sempre suando quando estava às voltas com um problema complicado para resolver.

Calú sentiu-se seguro: a investigação do assassinato do seu querido professor estava nas mãos de alguém que ele já aprendera a amar como seu próprio pai.

Cumprindo uma ordem do detetive, o administrador do teatro, um homem miudinho, conseguiu que todos os atores, técnicos e funcionários subissem ao palco.

— Não falta ninguém?

— Já verifiquei — respondeu o administrador. — Estão todos aqui.

O porteiro e a bilheteira tentavam fazer com que os espectadores voltassem aos seus lugares. A ordem do detetive tinha sido bem clara:

— Prestem muita atenção: eu quero que cada um volte exatamente para o lugar que ocupava no momento do crime, entenderam?

O porteiro e a bilheteira tinham entendido e, com muito custo, conseguiram reacomodar a platéia em seus lugares.

Quando tudo estava do jeito que ordenara, o detetive passou o lenço suado pela careca mais uma vez e pediu calma:

— Um momento! Agora só falo eu!

Aos poucos, sua ordem foi sendo obedecida. Cada ator, no palco, e cada espectador, na platéia, olhava para o gordo detetive com uma ansiedade maior

do que se ali estivesse o grande Solomon Friedman representando o Rei Lear.

— A casa estava lotada, não estava? — perguntou Andrade, sem se voltar para o pequeno administrador.

— Completamente! — concordou o homenzinho. — Todos os ingressos foram vendidos. E também já verifiquei que todos eles estão devidamente rasgados, na urna da entrada.

— Isso quer dizer então que todos que compraram ingresso compareceram ao teatro?

— Sim, senhor...

— Muito bem... muito bem... — resmungou Andrade.

— Temos um bom número de suspeitos. O assassinato pode ter sido cometido por qualquer um dos atores, qualquer um dos funcionários ou qualquer um dos espectadores...

— Ei, espere aí! — protestou o ator que faria o Duque de Albany e cujo bigode falso já estava meio despencado.

— O senhor está nos acusando de...

— Por que justamente nós? — cortou uma atriz exageradamente maquiada para o papel de Goneril, a terrível filha mais velha do Rei Lear. — Pode ter sido qualquer pessoa!

— Não! — cortou o gordo detetive. — Só pode ter sido uma pessoa!

Andrade foi até os bastidores e logo voltou puxando para o palco um tripé sobre rodinhas no qual estava instalado um refletor. Virou-o desajeitadamente e apontou o foco de luz para um ponto da platéia, na sexta fileira.

Havia um lugar vago!

Andrade sentiu-se como um ator ao fazer a revelação final de uma peça de mistério.

— É... Todos entregaram seus ingressos na entrada, o porteiro os rasgou e colocou na urna. Mas parece que agora está faltando alguém...

Novamente sentada na primeira fileira, Magrí apertou o braço de Calú. Eles haviam bloqueado as duas saídas.

Mas o assassino tinha sido mais rápido...

Andrade estava olhando para a menina, com carinho.

Fora sua voz que ele ouvira ao telefone, comunicando-lhe o crime. Sentiu falta de Miguel, de Crânio e de Chumbinho.

Chumbinho! Pouco mais que um menino... alegre, reinador... mas valente como ninguém. Por um instante, passou pela cabeça do detetive a lembrança das aventuras que o destino o fizera partilhar com aqueles cinco adolescentes que ele já aprendera a amar como se fossem seus próprios filhos.

Todos estavam quietos à espera da próxima fala do principal ator da peça policial que agora se desenrolava no palco. Uma peça que estava sendo escrita ali, naquele momento, pela realidade.

Andrade voltou-se para a platéia, olhando na direção da sexta fileira e falando desnecessariamente alto, pois a boa acústica do teatro permitia que até um sussurro fosse ouvido por todos:

— Alguém aí dessa fileira lembra-se de quem estava sentado naquela poltrona?

Em volta da poltrona vazia, todos se entreolharam. Na ponta da sexta fileira, uma senhora levantou-se e falou nervosamente:

— Bom, acho que me lembro de alguém... Um homem, pedindo passagem para sair, pouco antes de a peça começar... Quando ouvimos o grito, ele não tinha voltado ainda...

— A senhora poderia descrever esse homem?

— A platéia estava na penumbra... — titubeou a mulher. — Era um homem... de idade, talvez...

— Um velho? — perguntou o detetive, de cima do palco.

— É difícil... estava tão escuro! Era velho, sim... talvez...

A testemunha parecia duvidar de si mesma. Só sabia dizer "talvez". Andrade pensou que ela seria de pouca utilidade num julgamento.

— Muito velho?

— É difícil dizer... o meu pai, por exemplo, ninguém diria que ele tem...

Andrade começou a perder a paciência...

— O velho que a senhora viu era seu pai?

— Meu pai?! Oh, não! Claro que não!

— Então deixe seu velho pai fora disso, por favor. A senhora poderia calcular a idade do homem que viu sair dessa poltrona?

— Não sei... uns sessenta anos, talvez...

— Era alto? Era baixo? Era gordo? Era magro?

— Era... um tipo comum, eu acho...

— Mas a senhora não notou alguma característica no tal homem que pudesse nos ajudar?

— Não sei... Só o que ele tinha de estranho era... talvez... a voz... quando ele pediu passagem para sair...

— Ele pediu licença?

— Bem... não propriamente. Ele resmungou algumas palavras... Deveria estar pedindo licença... talvez... com uma voz diferente...

— Uma voz "diferente"? O que tinha a voz de diferente?

— Um sotaque... um sotaque estrangeiro...

— A senhora saberia dizer de que língua era esse sotaque?

— Acho que... parecia alemão... talvez...

3. A aranha negra

O dia mal amanhecera quando Miguel chegou ao Colégio Elite. Ainda faltavam quarenta minutos para o início da primeira aula.

Cumprimentou um porteiro sonolento e dirigiu-se rapidamente para o enorme vestiário que separava o prédio principal das quadras de esportes. Entrou no quartinho onde se guardavam vassouras e produtos de limpeza e, agilmente, pulou como um acrobata, agarrando-se à borda do alçapão do teto. Com o impulso, a tampa do alçapão afastou-se e o líder dos Karas jogou o corpo para cima, atravessando a abertura em direção ao forro do vestiário.

As primeiras luzes da manhã filtravam-se através de telhas de vidro que, no centro do telhado, substituíam algumas das telhas de barro.

Calú e Magrí aguardavam sentados sobre as pernas como japoneses à espera da cerimônia do chá.

Miguel olhou com ternura para a menina. Aqueles olhos estavam cansados ao levantarem-se para ele. Mas como eram lindos aqueles olhos! O garoto ajoelhou-se ao lado de Magrí e tomou suas mãos com delicadeza, como se a consolasse por algo que nem sabia o que era.

— O que foi, Magrí? O que aconteceu?

Magrí encostou o rosto nas costas da mão do amigo, aceitando o conforto oferecido. Um perfume suave, de quem acabou de sair do banho, emanava da menina. Seus cabelos ainda estavam úmidos, cheirando a xampu. Toda ela parecia uma flor, amanhecendo orvalhada. Mas uma flor que tremia, insegura. O líder dos Karas respirou um clima de aflição, que pairava por todo o forro do vestiário.

— Ah, Miguel... Pior não poderia ser...

Miguel aconchegou no seu aquele corpo de menina.

Aos poucos, sentiu em si a tranquilidade que procurava oferecer à amiga e descansou, como se tivesse voltado para a cama e retomado o sono, mergulhando no seu sonho predileto.

Sem olhar para o abraço do casal de amigos, Calú parecia desconfortável.

Em curtos intervalos, Crânio e o pequeno Chumbinho entraram pelo alçapão, silenciosos como gatos.

Os Karas estavam reunidos.

— Isso são horas? — resmungou Chumbinho. — Desse jeito a gente vai ter de criar um regulamento proibindo chamados de emergência máxima antes do meio-dia!

— É bom que tenha acontecido algum fato muito grave mesmo para me tirarem da cama a esta hora... — brincou Crânio.

Calú fuzilou-o com o olhar:

— Será que o assassinato de Solomon Friedman é grave o bastante para você? A reação de todos foi de surpresa. À de Crânio juntou-se o arrependimento

pela brincadeira. Disfarçadamente tirou do bolso a pequena gaitinha para ficar passando-a pelos lábios, sem tirar dela nenhum som. O som estava dentro dele. Um som de tensão, de expectativa.

Ninguém interrompeu enquanto Calú narrava detalhadamente o drama real que substituíra a tragédia a ser estreada pelo grande Solomon Friedman na noite anterior. Talvez aquele fosse, em todo o mundo, o único caso de assassinato de um ator, minutos antes de entrar em cena.

— Eu telefonei imediatamente para o detetive Andrade — informou Magrí no final da explanação de Calú. — Ele iniciou as investigações daquele jeito metuciloso que vocês conhecem muito bem...

— E o que ele descobriu? — perguntou Chumbinho.

— Andrade pode ter lá suas teorias, Karas — respondeu Calú. — De qualquer forma nem adianta saber o que ele descobriu. Eu acho que o assassinato de Solomon Friedman foi um crime político!

Miguel tentou impedir que a imaginação do amigo voasse muito alto:

— Um momento! Não vamos começar a inventar maluquices. Só o que sabemos é que Solomon Friedman foi assassinado. Não vamos agora forçar os fatos para enxergar o que não foi demonstrado. Por enquanto não há nada que...

— Há sim, Miguel — interrompeu Calú, que não admitia nenhuma acusação de exagero, mesmo que tivesse razões para estar emocionalmente envolvido. — O velho Sol estava lendo uma folha de papel amarelo quando eu entrei no camarim para cumprimentá-lo. Escondeu-a debaixo de uns livros quando me viu, como se não quisesse me mostrar. Naquele momento, o cesto de papéis estava vazio, disso eu me lembro muito bem. Depois da morte dele, porém, não havia nada debaixo dos livros. Mas, no cesto, havia este papel amarelo amassado. Vejam!

Calú mostrou uma folha amarrotada de papel amarelo.

Era um impresso malfeito, como um folheto de propaganda de liquidação. No alto, destacava-se uma cruz suástica.

Uma cruz suástica! A medonha aranha negra do horror, com as quatro pontas girando no sentido contrário ao movimento dos ponteiros do relógio, como se fizesse voltar o tempo para uma época de crime e loucura, quando a liberdade e a inteligência foram ceifadas da face da Terra.

O terrível símbolo nazista da insânia e do ódio!

Andrade passara boa parte da noite dirigindo seu velho fusquinha sem pressa e sem destino. Ele precisava pensar e, para isso, nada como as ruas desertas de São Paulo no meio da madrugada.

Depois do final das investigações no teatro, o cadáver do ator fora levado para o Instituto Médico Legal. Andrade mandara anotar o nome e endereço de todos os presentes, dispensara todo mundo e mandara interditar o teatro. Mas, agora, ele não podia ir para casa como se estivesse apenas com mais um caso nas

mãos. A vítima fora amiga de Calú, e o assassinato de um amigo de um dos seus queridos meninos era um problema especial para ele.

A noite paulistana já esfriara um pouco quando o detetive estacionou em frente a uma lanchonete, aberta em plena madrugada. Apesar do friozinho e do regime que ele se prometera começar no dia seguinte, Andrade pediu um banana-split, com três bolas de sorvete, três tipos de calda açucarada, um exagero de chantilly, marshmallow, farofa de paçoca, castanhas picadas, xarope de groselha, três canudinhos de biju como enfeite e uma pequena cereja plantada em cima de tudo.

Saboreou lentamente cada colherada, sem deixar de pensar naquele estranho caso. O que sabia Calú sobre o velho ator? E Magrí? Ele deveria interrogar os dois, mas sabia que aqueles danadinhos haveriam de querer meter-se em tudo! Ah, mas ele os proibiria! Ah, sim, desta vez ele não iria permitir que os garotos se metessem novamente em uma investigação de assassinato! Que cuidassem de estudar e deixassem as coisas sérias a cargo dos adultos!

Miguel recebeu o papel amarelo que Calú lhe estendia. Crânio e Chumbinho meteram a cabeça por sobre seus ombros. Sob os raios de luz que entravam no forro do vestiário através das telhas de vidro, as frases do folheto amarelo davam enjoão no estômago. Eram um amontoado de acusações caluniosas, odientas, racistas, asquerosas...

O folheto começava com um título em alemão:

Brasilianischejugend, "Juventude Brasileira", como traduziu Calú, que estudava alemão. As frases restantes estavam em português e soavam como palavrões, ao conclamarem os brasileiros à resistência a uma suposta "conspiração judaica que...".

O líder dos Karas estava cansado. Mais uma vez, Miguel se sentia fraco diante de tudo o que o amigo lhe narra.

Afinal de contas, o que eram os Karas? O que eram eles, além de um pequeno grupo de adolescentes reunidos pelo espírito de aventura? O que podiam eles? Como se intrometer na investigação de um assassinato como aquele? E se houvesse mesmo uma implicação política por trás de tudo? Mas não ousou dizer o que pensava.

Solomon Friedman era tão importante para Calú quanto um pai. Nada havia a discutir. Não importava se eram muito jovens. Aquele era um trabalho para os Karas.

— Isto não passa de uma nojenta propaganda nazista, Calú — concluiu Miguel. — Você pensa que Solomon Friedman poderia ter sido assassinado por alguma sociedade de loucos que esteja com saudades das atrocidades cometidas pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial?

Calú balançou vigorosamente a cabeça, reforçando a suspeita que levantara:

— Deve ser isso! A mulher, lá no teatro, não disse que o tal velho tinha

resmungado algumas palavras em alemão ao pedir passagem?

— Esse velho alemão deve ser o mesmo que esbarrou em você na entrada dos camarins... — lembrou a menina.

— Não posso dizer se era velho o sujeito que esbarrou em mim, Magrí. Muito menos se era alemão ou chinês. Estava muito escuro, e eu nem prestei atenção... — confessou Calú. — Mas vejam aqui, no fim do impresso. Vejam esta frase manuscrita. Isto é alemão puro!

Todos olharam o papel amarelo amarrotado. Era uma letra difícil, trêmula:

ERINERE DICH, SCHWEINEJUDE:

NIEMAND ÜBERLEBT MEINE HÖLLE!

— Traduza isso, Calú. Por favor... — pediu Magrí.

O rapaz traduziu, sentindo vergonha do que dizia.

— "Lembre-se, judeu porco: ninguém sobrevive ao meu inferno!"

— Barbaridade! — exclamou Chumbinho, com uma careta. — Como alguém pode escrever uma nojeira dessas?

Houve uma pausa. Cinco cérebros jovens e privilegiados completavam o quadro pintado por Calú. Cinco estômagos revoltavam-se com o que acabavam de saber, como se alguém tivesse escarrado no cadáver de Solomon Friedman depois de assassiná-lo covardemente.

Miguel raciocinou em voz alta:

— Solomon Friedman era judeu... Fugiu dos campos de concentração em 1944 e acabou no Brasil, não é, Calú? O que mais você sabe sobre ele? Sabia de alguém que o perseguia? Que o ameaçava? Que pudesse ter lhe mandado este folheto asqueroso? A testemunha falou em um velho alemão... Poderia ser alguém do passado de Sol? Um velho como ele?

Ficou decidido que se encontrariam depois das aulas.

Alguns fatos, escondido no passado, que Solomon Friedman contara a Calú, poderia fornecer-lhes uma pista.

Magrí levantou-se e encaminhou-se para o alçapão pensando: havia um detalhe, no meio do monte de indignidades daquele folheto amarelo, que parecia uma pista importante. Mas tudo ainda estava muito confuso para ela.

Precisava pensar mais antes de discutir sua suspeita com os outros Karas.

— Meine Hölle... "o meu inferno!" — repetiu Chumbinho, lentamente. — Um inferno particular!

Crânio pôs-se de pé:

— Então já sabemos a quem perseguir, Karas!

Olhou por um momento para os amigos surpresos e completou:

— Ao demônio!

4. O segredo da torre

O velho alemão tinha uma saúde de ferro. Para ele ainda não pesavam as sete décadas que já vivera. Mas, naquela manhã, ele se sentia jovem, leve, poderoso, como se estivesse novamente com pouco mais de vinte anos — última ocasião em que envergara o uniforme negro das SS, as terríveis tropas de elite de Hitler.

Seu destino ficava a pouco menos de uma hora de São Paulo. Ele dirigia sozinho, como sempre fazia. A melhor maneira de garantir sua própria segurança, de manter o perfeito disfarce que o protegia há décadas era dispensar motorista e guarda-costas. Qualquer ostentação poderia tirá-lo do anonimato. E, por enquanto, a curiosidade do público, da polícia e, principalmente, das organizações judaicas era a última coisa que o velho alemão poderia desejar.

Manobrou por uma estradinha de terra que saía despercebida da rodovia e rodou ainda cerca de dois quilômetros. Em pouco tempo estacionava na frente dos altos muros de uma mansão, o Castelo da Vargem Fina, como era chamado pelos moradores simples dos arredores, que assim pronunciavam o nome dado pela Organização ao quartel-general: Castelo Wachenfeld.

A mansão destoava totalmente das construções espalhadas pelos pequenos sítios em volta. Era uma arquitetura de estilo gótico solidamente construída, com uma torre típica de um castelo da Europa central e paredes bem altas, quase completamente encobertas de hera.

O velho alemão saiu do carro e sentiu no rosto a brisa que fazia dançar as folhas secas sobre a terra batida da estradinha. Ergueu os olhos para a torre. Lá em cima, na torre, escondia-se o grande segredo da Organização. O segredo guardado além de todos os segredos. O segredo protegido pela ferocidade dos dobermans, pela boçalidade dos guardas de segurança e pela brutalidade do terrível Komandant. Além de três membros do Supremo Komand da Organização, dois na Europa e um nos Estados Unidos, somente o Komandant no Brasil tinha conhecimento daquele segredo.

E ele era o Komandant da Organização no Brasil.

Participar da criação do segredo fora seu passaporte para a importante tarefa para a qual fora escolhido: comandar, do Brasil, a fabulosa decisão da Organização — a retomada do poder mundial!

Num dos mourões de pedra que sustentavam o portão de ferro da entrada da mansão estava uma pequena placa de bronze, onde se lia a seguinte inscrição: "Lar da Juventude Brasileira".

O alemão achava que aquela fora uma das mais brilhantes idéias do Supremo Komand da Organização. O disfarce perfeito que permitia, mais ou menos às claras, o recrutamento de crianças e jovens abandonados que, sob a supervisão do Komandant, estavam sendo treinados ali para constituírem o futuro exército do IV Reich.

Por um momento, enquanto trancava o carro, o Komandant pensou na genialidade da Organização ao escolher o Brasil como sede para o IV Reich. Em que outro país haveria maior contingente de crianças abandonadas?

E quem daria por falta delas nas ruas?

Ao longe, era possível ouvir vagamente os ruídos dos jovens da "Juventude Brasileira" em seus exercícios militares matinais. Esses exercícios eram feitos nos campos de treinamento no centro da imensa propriedade de vários alqueires, completamente cercados por muros de pedra.

O alemão levou consigo o jornal que acabara de comprar. No pé da primeira página estava o título que ele havia lido com mais prazer em toda a sua vida:

ATOR ASSASSINADO

ANTES DE ENTRAR EM CENA

Não sorria, pois jamais havia aprendido a sorrir, mas o faria, se soubesse. Estava livre de um pesadelo:

"O porco ator judeu está morto! Finalmente!", pensava ele, com alívio.

Depois de décadas de medo, de fugas, de sobressaltos, tudo parecia ter mudado para ele. A partir daquele dia, ele não seria mais o eterno fugitivo que os antigos camaradas tinham de esconder. Não seria mais aquele velho solitário, tremendo a cada ruído, sempre à espera da prisão ou da morte. Os bons tempos de segurança e poder absoluto estavam para voltar.

Era preciso ter paciência por mais algum tempo. Dentro de mais alguns dias, ele poderia voltar a vestir com orgulho a farda negra das SS, as tropas de confiança do seu Führer, o seu guia.

"O Grande Adolf Hitler!", pensava o alemão. "Valeu a pena esperar! Logo voltarei a vestir a farda das tropas SS que fizeram a glória da Alemanha! E que voltarão a comandar o mundo!"

Só mais dois dias e ele estaria recebendo o Esperado, que vivera seus doze anos na África do Sul sob a guarda da Organização.

"E o mundo estará aos pés do IV Reich!"

Para que sua tranquilidade pudesse voltar por inteiro, só faltava mesmo que Solomon Friedman desaparecesse da face da Terra. E até isso, por fim, tinha acontecido.

Atrás das grades do portão de ferro, o porteiro o reconheceu e bateu os calcanhares, procurando empertigar-se o mais que podia.

— Heil Hitler — saudou o velho alemão, quase num sussurro, pensando que aquele que fora um dia um brado orgulhoso transformava-se agora em um murmúrio clandestino, por razões de segurança.

"Mas esta situação há de mudar! E depressa!"

O porteiro o havia reconhecido, mas o doberman, sempre preso pela coleira, não mostrou sinais de boas-vindas. O empregado agarrou firmemente a correia e abriu os portões, contendo a fúria assassina do cão, que latia furiosamente,

espumando baba pela bocarra.

O velho alemão olhou em volta para certificar-se de que não havia nenhuma outra fera como aquela à solta.

"Não se pode confiar nesses guardas recrutados no Brasil. Ach! Que povinho desorganizado! Que raça sem disciplina!"

Tudo lhe pareceu em ordem, e o velho alemão atravessou rapidamente as alamedas cercadas de acácias em flor.

Foi recebido à entrada do vasto salão do castelo por um dos guardas de segurança e subiu para o seu Kabinet.

Em sua expressão, não havia mais qualquer traço da satisfação que a notícia do jornal lhe provocara, pois em outra parte do jornal havia lido uma nota sobre um processo contra um certo médico. A notícia deixara o alemão furioso.

O tal médico também sentiria o peso da sua fúria.

Agora ele era o Komendant.

O velho fusquinha de Andrade estava estacionado próximo ao Colégio Elite, como se o detetive fosse mais um dos pais que vinham buscar o filho no final das aulas.

Esperava encontrar somente Magrí e Calú, mas não se espantou quando viu Chumbinho, Miguel e Crânio junto com os dois. Aquele grupo não se largava!

Mesmo que ninguém tivesse combinado o encontro, os Karas sentiram um certo alívio ao distinguir a silhueta gorda do detetive no meio das mães e dos choferes que buscavam os filhos na escola.

Magrí beijou as gordas bochechas de Andrade, sentindo o arranhar da barba, que o detetive não raspava naquela manhã.

— Eu não queria meter vocês novamente em uma encrenca cabeluda, meninos, mas...

— Nós fazemos parte da confusão, Andrade — simplificou Miguel. — Calú era muito amigo de Solomon Friedman!

— É... era mesmo... Por isso eu acho que Calú pode me ajudar nesta investigação. Mas só com informações, entenderam bem? Desta vez eu não vou admitir que vocês...

O olhar dos cinco impediu que Andrade fosse adiante com a proibição. O detetive desistiu e convidou:

— Querem uma carona?

Pronto! Os cinco teriam de espremer-se no minúsculo fusquinha mais uma vez! Magrí ia sempre no banco dianteiro, e os quatro tinham de encontrar lugar no banco de trás. Chumbinho odiava ser o menor de todos e ficava danado quando sugeriam que ele viajasse no colo de alguém. Enfiou-se no estreito compartimento que havia junto ao pára-brisa traseiro.

— Vocês têm mais alguma informação sobre o crime de ontem à noite, não é, meninos? — começou Andrade.

— Temos — confirmou Magri.

— Para o Ibirapuera?

— Para o Ibirapuera!

O detetive engatou a marcha. Sempre no Parque do Ibirapuera ou no Jardim Zoológico! Aqueles meninos nunca queriam testemunhas quando tinham de contar alguma descoberta a ele. Bom, se eles gostavam de brincar de polícia e ladrão, o que ele podia fazer?

Calú pegou um jornal que encontrou sobre o banco do fusquinha. Deu uma rápida olhada numa pequena notícia impressa na página dobrada e exclamou:

— Ora vejam só! Ferenc Gábor chega hoje ao Brasil!

— Quem?

— Ferenc Gábor. Coitado do velho Sol! Como ele gostaria de estar vivo agora! Vocês nem imaginam: Ferenc Gábor era um velho amigo do Sol. Um amigo dos tempos terríveis. Está vindo pela primeira vez ao Brasil. Justamente um dia depois da morte de Sol...

— Ferenc Gábor? — estranhou Miguel. — Nunca ouvi...

— Ferenc Gábor tem tudo a ver com o passado de Solomon Friedman, Miguel. Uma coincidência... uma macabra coincidência...

Nas mãos de Calú, Miguel leu:

EXPOSIÇÃO DO MESTRE DAVI SEGAL CHEGA HOJE A SÃO PAULO

Sob o título, a foto de um quadro, com um velho sorridente ao lado. A legenda dizia:

Ferenc Gábor, curador universal da obra de Davi Segal, chega hoje a São Paulo, trazendo uma exposição com telas inéditas, pintadas pelo gênio judeu-alemão do expres-sionismo pouco antes de sua morte no campo de concentração de Sobibor.

Entalado atrás do banco traseiro, Chumbinho coçou a cabeça:

— Engraçado... acho que eu já ouvi esse nome... Ferenc Gábor... Só não me lembro onde...

— Você acompanha arte, Chumbinho?

— Ferenc Gábor está vindo da França — explicou Crânio. — Aqui diz que ele vive lá, onde cuida dos quadros de Davi Segal, o mestre do expressionismo...

— Não... não tem nada a ver com nenhum "ismo"... Eu ouvi esse nome aqui... no Brasil... tenho certeza. Só não consigo lembrar...

Calú não estava prestando atenção ao que Chumbinho dizia. Seus pensamentos focavam-se apenas na tragédia do seu amigo assassinado. O crime comovera a cidade, fizera chorar o Brasil. Naquele momento, o corpo do grande ator judeu, do grande cidadão brasileiro, estava sendo velado na Biblioteca Municipal, recebendo o último adeus da comunidade teatral que tanto devia a Solomon Friedman. Calú desejava estar lá e lá permanecer até que o caixão fosse fechado, quando, então, do velho Sol só restaria a lembrança... e a saudade. Mas

a saudade só teria cabimento depois que o assassino estivesse desmascarado. Enquanto isso, Calú sentia-se obrigado a agir, em vez de simplesmente ficar chorando sobre as flores que adornavam o caixão.

— Solomon Friedman gostaria de estar vivo... Por várias razões o velho Sol gostaria de ter vivido mais um pouco. Pelo menos para rever esse velho amigo...

Uma lágrima escorreu pela face do garoto.

5. O Grande Ódio

Para a primeira audiência do Komandant, fora convocado o médico que a Organização escolhera para cuidar dos jovens recrutas da Brasilianische Jugend.

— Como está o Komandant? — perguntou o médico.

— Furioso, como sempre — respondeu o guarda da porta de entrada. — Talvez um pouco mais furioso do que sempre...

Acompanhado do guarda, o médico subiu com dificuldade as escadas cobertas de tapetes e esperou que ele batesse na grossa porta de nogueira do Kabinet. Como resposta, os dois ouviram a conhecida voz do Komandant:

— Kommen Sie! Entre!

Protegido por grossas cortinas, o amplo Kabinet estava na penumbra. Atrás de uma mesa de trabalho, entalhada à mão em madeira de lei, uma pequena lâmpada destacava apenas um rosto. Era uma carranca irreal, uma máscara velha e dura, imóvel como se tivesse sido entalhada a machete pelo mesmo artesão que construía a mesa.

O médico atravessou o tapete que ocupava quase toda a sala e aproximou-se da mesa.

— Guten Morgen, Herr Komandant!

Ja sentar-se, mas a carranca falou, detendo o movimento do médico e deixando-o ridiculamente curvado, como se esperasse um chute no traseiro.

— Não lhe dei licença para sentar-se, Herr Doktor!

A carranca levantou-se, mostrando o corpo que a sustentava. O velho Komandant era alto e empertigado, como se tivesse engolido um cabo de vassoura inteirinho. Vestia um terno de montanhês alpino, com botas de montar. Naquele velho, a vestimenta parecia uma farda.

— Desculpe, mein Komandant...

O Komandant começou a andar em círculos sobre o tapete, provocando um som cavo com o tacão das botas. Os dois alemães falavam um português perfeito, de quem mora há anos no Brasil, mas o sotaque de ambos era áspero, como se duas serras conversassem. O velho deteve as passadas e voltou-se furioso para o médico-

— Como foi cometer este erro, Herr Doktor?

O Komandant estendeu-lhe o jornal dobrado. O médico reconheceu a notícia sobre o processo a que estava respondendo por um dos muitos erros médicos que já cometera em sua carreira. O Komandant sacudia-lhe o jornal à frente do nariz como se quisesse que o médico o engolissem:

— O que me diz a isso, Herr Doktor?

O médico gaguejou:

— Isto, Herr Komandant, é uma conspiração desses malditos judeus que dominam os conselhos de Medicina. Eles não sabem reconhecer um verdadeiro médico ariano... Estão me processando só porque eu me recusei a atender uma

negra que estava com uma gravidez complicada. Aqueles judeus do conselho estão se aproveitando disso só para me prejudicar! Juro que vou me vingar deles! Eu juro, Herr Komandant! Eu pensei que...

— O senhor só pode pensar o que lhe mandam pensar, Herr Doktor! Esses inócuos juramentos de vingança só servem para ameaçar nossa segurança. Os pequenos ódios, as pequenas vinganças pessoais devem ser deixados de lado diante do Grande Ódio, da Grande Vingança!

O médico sentia-se cada vez menos à vontade:

— É claro, Herr Komandant!

— O senhor foi escolhido para cuidar da saúde dos recrutas da Brasilianische Jugend, a Juventude Brasileira, comandada pela Organização. Logo, outro médico assumirá suas funções, e o senhor terá apenas um paciente, o Esperado. Lembra-se? Faltam apenas alguns dias para começar a sua gloriosa missão. A maior honra que o senhor jamais recebeu em sua vida! Se quer ser um dia o Ministro da Saúde Ariana do IV Reich, não se esqueça da lealdade à Organização. Do contrário...

— É claro, Herr Komandant. Eu não serei mais...

— O senhor só pode ser ou deixar de ser o que a Organização ordenar, Herr Doktor! O senhor deveria orgulhar-se da tarefa para a qual a Organização o escolheu!

— Mas eu me orgulho, Herr Komandant! O meu sangue ariano...

— Só deveria haver um tipo de sangue, Herr Doktor: tipo "O", positivo, universal... e branco!

O médico já conseguira empertigar-se e procurava a palavra certa para evitar a tempestade de fúria que se armava com as palavras do Komandant.

— É claro que sim, Herr Komandant! É claro que sim! É o meu tipo de sangue, Herr Komandant! É o meu... Todos os outros tipos impuros de sangue deverão ser derramados sobre a Terra! Concorda com isso, Herr Doktor!

— É claro que sim, Herr Komandant! Sempre concordei!

A carranca fez uma pausa, valorizando ao máximo o que tinha a dizer:

— Herr Doktor, o senhor é médico. Como médico, o senhor sabe que é preciso destruir os micróbios que infeccionam o organismo humano. Eu também quis ser médico, mas a guerra determinou outro destino para o meu talento. E eu seria o maior médico do mundo! Seria o maior de todos porque aprendi que, para salvar as vidas que valem a pena, é preciso eliminar todas as outras que infeccionam a sociedade e ameaçam a superior raça ariana! Por isso é preciso destruir todas as raças que infestam o Lebensraum, o espaço vital ariano. Sem compaixão! Sem piedade!

— Sim, sim, é claro Herr Komandant...

— Dentro de alguns dias, o senhor estará aqui, no Castelo Wachenfeld, ajudando a mim, que fui encarregado pelo Supremo Komand de preparar o

Esperado para assumir o IV Reich. Desse momento em diante, todo o sucesso de anos de trabalho dependerá da sua atenção. Se o senhor, mais uma vez, apenas uma vez, cometer um erro, eu mandarei matá-lo como a um cão!

No alto da parede do Kabinet, sobre a ampla mesa entalhada, o olhar do médico, mais acostumado à penumbra, já podia ler a inscrição da faixa que sempre estivera ali, esperando o momento de novamente ser o grande lema do mundo:

Der Führer befiehlt wirparieren, nicht ràsonnieren...

Emoldurado entre o olhar do médico e a faixa, o Komandant imobilizara-se novamente em forma de pedra, duro, impiedoso, tresloucado!

"O Führer deseja vossa obediência, nunca vosso raciocínio..."

O médico engoliu o significado da frase e a agressão que a simples existência do Komandant significava. Tudo justificado pelo título com que o Komandant entrara para a História:

Todesengel... o "Anjo da morte"!

6. Um cadáver embrulhado em jornal

Estavam em um dos bosques de eucaliptos do Parque do Ibirapuera e um sol tímido aquecia suavemente os seis amigos.

Andrade já guardara no bolso o impresso amarelo com a suástica. Caiu era mesmo impressionante! Num momento de crise como o de encontrar o seu querido amigo e professor assassinado, o rapazinho conseguira descobrir no cesto de lixo um papel amarelo amassado que poderia ser uma pista. Uma pista valiosa. Andrade só não sabia como ligar uma organização neonazista de malucos com o assassinato de um dos maiores atores do Brasil.

Somente Chumbinho aceitou o sorvete oferecido por Andrade. O gordo detetive abriu cuidadosamente a embalagem do seu picolé. À sua frente, Caiu não parecia o mais bonito dos alunos do Colégio Elite. Parecia o mais furioso, o mais revoltado e o olhava quase como se ele, Andrade, tivesse alguma culpa a confessar.

Andrade suave, mesmo sob a temperatura agradável, até um pouquinho fria, do pequeno bosque. Passou o lenço pela careca e enfrentou o olhar de Calú.

— Eu compreendo que você esteja revoltado, Calú. Mas eu juro que vou descobrir quem matou o seu amigo! Você me ajudou muito com a descoberta do panfleto amarelo. Eu também já avancei, pelo meu lado. Ontem à noite, no teatro, depois que vocês saíram, surgiu uma pista que pode ser importante. Acho que é possível identificar quem estava sentado naquela poltrona da sexta fileira!

Magri espantou-se:

— Como? Então você já sabe quem é o assassino?

— Quem era ele eu não sei, Magri. Mas consegui descobrir, com o homenzinho que administra o teatro, um sujeito muito organizado, que alguns ingressos foram reservados pela produção para serem ofertados pelos atores aos seus convidados particulares à estréia. E a poltrona da sexta fileira fazia parte dessa reserva!

— Sensacional, Andrade! — cumprimentou Chumbinho. — E qual dos atores recebeu esse ingresso?

— Vocês não vão acreditar, meninos: o ingresso foi recebido e ofertado a alguém pelo próprio Solomon Friedman!

O velho alemão levou menos de uma hora do Castelo Wachenfeld até a sua pequena loja de taxidermia, numa ruazinha do bairro do Bexiga, perto do centro de São Paulo.

Durante toda a viagem para a loja onde ele reassumiria o disfarce que o protegera no Brasil durante todos aqueles anos, o Komandant saboreou a morte de Solomon Friedman, esquecendo-se do médico incompetente e seus processos.

"Agora não será mais necessário enviar aqueles panfletos ameaçadores para o maldito ator judeu. Ele está morto!"

Os panfletos amarelos tinham sido apenas uma espécie de pequena vingança

por ele ser obrigado a viver escondido, com medo de cruzar com Solomon Friedman, o único ser vivo que poderia reconhecê-lo como o Todesengel, o "Anjo da morte".

O Komandant tinha orgulho de ver seu nome nos livros de História. Só não concordava com eles. Quando se alistou nas tropas SS, ele era pouco mais que um adolescente, filho de um taxidermista de Hamburgo. Depois que foi promovido a tenente e designado para o campo de concentração de Sobibor, treinou um grupo de prisioneiros para embalsamar a cabeça de cada criança judia que saía das câmaras de gás.

"Mas esses malditos historiadores deturparam todo o meu trabalho! Eu mandei fazer aquilo com uma finalidade científica, para preservar aquelas cabeças de crianças, de modo que, no futuro, os cientistas alemães pudessem estudar as características raciais daquele povo de vermes que logo não mais existiria sobre a face da Terra. Mas a História não me compreendeu, e a fúria do mundo desabou sobre mim depois da descoberta da minha galeria de dezoito mil cabeças infantis embalsamadas... Que injustiça! Que falta de compreensão!"

Durante décadas, o alemão estivera a salvo das organizações judaicas, para quem ele era apenas um judeu como eles, sobrevivente do campo de concentração de Sobibor, na Polônia. Um judeu recluso, um homem que vivia recolhido com seus fantasmas, sem conviver com a colônia judaica, sem conviver com ninguém.

Em 1944, quando o III Reich estava perdido, seu plano tinha sido perfeito. Conseguira trocar de identidade com um judeu fugitivo de Sobibor e fora "libertado" pelas tropas soviéticas que avançavam sobre a cidade russa de Brest-Litóvsk, na fronteira com a Polônia.

"Mas por que é que eu tinha, com os diabos, de refugiar-me depois da guerra justo no mesmo país que acolhera Solomon Friedman, um dos três malditos judeus que eu não tive tempo de liquidar naquela madrugada, no porão do armazém russo?"

Mas agora o pesadelo tinha terminado, e o Komandant poderia sentir-se seguro. Agora ele podia agir tranquilo até que pudesse voltar a ser quem era. Depois, novamente no poder, ele alteraria os livros de História, registrando neles sua verdadeira atuação na Segunda Guerra Mundial.

"E o mundo há de reconhecer o meu valor!"

Rodou em volta do quarteirão onde ficava sua oficina de taxidermia até encontrar uma vaga para estacionar, em local permitido. Ele desprezava esses brasileiros que deixam os carros até debaixo das placas de proibido estacionar. Ele não. O Komandant respeitava as leis.

Abriu as portas da oficina e acendeu uma luz muito fraca. Sentou-se na frente da bancada de trabalho e tirou uma cadernetinha do bolso. Folheou-a lentamente.

Ali estavam todos os nomes. Todos os homens que haveriam de ajudar a

Organização a instalar o IV Reich. Que estratégia brilhante! Um plano perfeito. O IV Reich seria imbatível! Na semana seguinte à chegada do Esperado, cada um daqueles homens chegaria ao Brasil, e os últimos detalhes da tomada do poder mundial estariam acertados.

— E o mundo há de reconhecer o meu valor! — repetiu o Komandant, em voz alta.

Guardou a cadernetinha numa gaveta, trancou-a e foi até a geladeira, onde guardara o trabalho que deveria terminar até o final da semana. Uma senhora rica o encarregara de empalhar seu velho gato angorá de estimação, que acabara de morrer. O cadáver do animalzinho estava duro como pedra, embrulhado em um jornal do dia anterior.

O Komandant pegou o pacote, colocou-o sobre a bancada de trabalho e começava a desembulhá-lo quando uma notícia naquele jornal deixou-o branco e gelado como o cadáver do gato. Como uma ressurreição dos infernos, a legenda de uma foto trouxe para ele o pesadelo de volta: Ferenc Gábor, curador universal da obra de Davi Segai, chega hoje a São Paulo...

A revelação de Andrade calou os Karas por um momento, revoltados com a ironia da situação. Solomon Friedman tinha convidado seu próprio assassino para a estréia!

Miguel quebrou a linha de pensamento de todos, tentando pôr um pouco de ordem no que tinham conseguido juntar:

— Muito bem, pessoal. Já sabemos que o provável suspeito pode ser um velho com sotaque alemão, possivelmente um neonazista que manda impressos com ofensas aos judeus. Um velho alemão que estava sentado na sexta fileira e foi visto por aquela testemunha. Um homem que esbarrou em Calú, na porta que leva da platéia aos camarins. Alguém que se gaba de ter um inferno particular. Um demônio. E agora sabemos que a vítima o conhecia. Podemos até pensar que o velho Sol o estimava, pois chegou a convidá-lo para a estréia, sem saber que era ele quem lhe mandava impressos com aquelas ofensas nojentas...

Miguel fez uma pausa, raciocinando. Era preciso dar mais um passo, mas ele não sabia qual.

— Se o velho Sol conhecia seu próprio assassino, talvez a gente encontre novas pistas no passado de Solomon Friedman — sugeriu Crânio, voltando-se para Calú. — Você não acha?

— Nem sei o que achar, Crânio! — lamentou-se Calú.

— O velho Sol sempre conversava comigo sobre sua vida na Europa. Era muito alegre, falador e contava as barbaridades que viveu durante a guerra como se tudo não passasse de uma aventura, como se fosse um roteiro de cinema. Na verdade, ele achava importante passar adiante sua experiência. Ele vivia dizendo que o conhecimento do Mal era a única maneira de impedir que o Mal se repetisse...

Calú começou a rememorar a vida do seu velho e querido professor para os amigos. À medida que falava, tudo lhe revolia a alma, aumentando-lhe a tristeza...

7. Sorria... você ainda está vivo!

Calú adorava ouvir o velho Solomon Friedman. Feliz, falador, cheio de vaidade, como se fosse eternamente jovem, como se São Paulo fosse sua distante Hungria.

— Por que você está sempre sorrindo, Sol? — perguntara Calú, certa vez.

— Porque ainda estou vivo!

Uma tarde, depois de um exercício de interpretação especialmente exaustivo, Solomon Friedman sentara-se ao lado do seu discípulo predileto no imenso vazio da platéia.

— Neste exercício, Calú, você tem de imaginar o personagem como se ele não soubesse o que está se passando. Ou como se ele fingisse não saber. É como o povo europeu, no meu tempo... Naqueles dias, ninguém falava, ninguém comentava, ninguém queria confessar a si mesmo que adivinhava o inferno que se escondia por trás dos desfiles espetaculares e dos discursos fanáticos de Hitler!

Aos poucos, o velho Sol pareceu esquecer-se do exercício de teatro e concentrou-se somente em suas recordações:

— Ah, Calú! O teatro! Quando a Hungria foi ocupada pelos nazistas eu percebi que não adiantava mais ficar lutando pelo teatro. Eu já era um ator de prestígio, apesar de muito moço, e, à noite, depois de cada espetáculo, me juntava aos poucos conspiradores, àqueles que adivinhavam o horror que mergulharia toda a Europa no caos e destruiria boa parte do meu povo. Imprimíamos folhetos clandestinos, tentávamos despertar a consciência dos húngaros e do resto do mundo para as barbaridades que estavam sendo cometidas pelos nazistas. Mas éramos muito poucos, Calú, não podíamos confiar em ninguém...

Solomon Friedman contava tudo aquilo para o seu aluno predileto com uma ponta de orgulho.

— Eu era um ator judeu-húngaro muito conhecido, que lutara com enormes dificuldades para fazer teatro devido ao tremendo preconceito racial que sempre existiu na Europa. Ah, ah! Mas acho que o meu talento estava acima de qualquer preconceito, Calú! O pessoal tinha de me engolir! E como engoliam bem, meu menino! Como aplaudiam!

O velho Sol ria-se, ria-se, como se ensaiasse uma comédia.

— Preconceito racial... Nunca consegui entender direito a divisão das pessoas em raças. O que são raças, Calú? Você sabe o que são raças?

Não esperou o aluno responder:

— O que determina uma raça? A cor da pele? O tamanho da orelha? Não, Calú, não é possível dividir as pessoas em grupos que apresentem pequenas diferenças... Senão, por que não falar da raça dos gordos, ou dos chatos, ou dos presunçosos? O que há, Calú, são povos. São diferenças culturais entre grupos de pessoas. Mas hoje parece que até isso já está perdendo a importância. Todo

mundo conhece todo mundo. Aqui no Brasil, neste fantástico país que me acolheu, come-se quibe em uma pastelaria de japoneses! Serve-se feijoada em cantinas italianas! Minha mãe, judia da gema, fazia o melhor Eisbein de toda a Europa oriental! Imagine: uma judia que cozinhava carne de porco! Todas as culturas podem conviver de mãos dadas, Calú! Só que isso é apenas a força da razão. Naqueles dias, na Europa, o que valia era a razão da força. Da força dos nazistas, da força da Gestapo...

Suspirou fundo e olhou Calú bem dentro dos olhos:

— Já ouviu falar da Gestapo, a polícia secreta de Hitler? É claro que sim, não é? Eu sabia que não conseguiria escapar da Gestapo por muito tempo. E acabei preso. Jogaram-me numa carroçaria de caminhão, amarrado como um maço de vagens. Foi nessa noite que eu conheci dois outros "maços de vagens" jogados ao meu lado. Dois homens que dividiriam comigo os piores momentos de minha vida no campo de concentração de Sobibor, na Polônia... Um pedaço do imenso inferno que Hitler espalhou em forma de campos de extermínio!

Solomon rabiscou, no verso de um programa de teatro, um rústico mapa da Polônia. A leste, perto da fronteira com a União Soviética, desenhou um pontinho acaalcando o lápis, como se quisesse borrar aquela nódoa da História.

— Aqui ficava Sobibor. Agora você já sabe o endereço do inferno, Calú. Foi para lá que fomos, eu e os dois outros "maços de vagens", junto com milhares de outros infelizes. Esses dois amigos eram Ferenc Gábor, um judeu-alemão valente e briguento como ele só, e Davi Segai, o grande pintor também judeu-alemão. O grande Davi Segai! Sabe quem foi Davi Segai, Calú? O maior pintor expressionista do mundo! O único que conseguiu criar seu próprio estilo no expressionismo, como Salvador Dalí criou no surrealismo! Um gênio, um pintor maravilhoso a quem ninguém dava atenção, a quem ninguém valorizava. Como Van Gogh, só depois de morto ele veio a fazer sucesso...

O velho Sol já havia mostrado a Calú um álbum com reproduções de quadros de Davi Segai. Eram telas sombrias, dramáticas, revoltadas, em que o mundo parecia protestar — em forma de tintas pesadas, de tons escuros, de traços fortes — contra todos os horrores.

— Aquele caminhão rodou horas seguidas. Tantas que nem pude calcular. Chegamos a uma estação de trem e lá mesmo fomos metidos em uma sala para receber nossos números, um depois do outro. Veja, Calú!

O velho ator arregaçou a manga da camisa e mostrou o antebraço esquerdo. Na pele clara, tatuados em azul, havia vários algarismos. O velho Sol tapou parte deles com a mão direita e mostrou apenas os quatro últimos: 4444.

— Ai está, Calú: quatro-quatro-quatro-quatro! Parece uma gargalhada, não é? Ah-ah-ah-ah! Quá-quá-quá-quá! Ferenc Gábor foi o primeiro a receber este "enfeite". Depois foi a minha vez e, por fim, a vez de Davi Segai. Gábor tinha de ser o primeiro! Era o primeiro em tudo, o mais valente, o mais ousado, o menos

acomodado dos homens. Ficamos unidos por nossos números, um depois do outro! Como numa corrente...

Solomon Friedman tomou fôlego, parou de rir, e continuou o relato:

— Fomos atirados em um vagão de carga, como gado, e viajamos acho que por mais de um dia, sem comida, sem água, sem qualquer lugar onde pudessemos fazer nossas necessidades... E a principal necessidade de todos, naquele vagão, era que o nazismo nunca tivesse existido... Mas até aquela viagem pareceria um passeio se fosse comparada com o que conhecemos depois que chegamos a Sobibor. É difícil imaginar que aquilo tenha realmente existido, que tanta degradação, tanta impiedade possam ter sido criadas por membros da espécie humana! Os velhos, as crianças e os mais fracos eram imediatamente levados para as câmaras de gás. Somente quem podia trabalhar, quem ainda tinha forças, permanecia vivo. Naturalmente só enquanto as forças durassem... Depois de algum tempo, ninguém pensava mais no sofrimento, na fome, na degradação.

Só importava continuar vivo. Pessoas doentes, desidratadas, à beira da inanição, forçavam-se a trabalhar, procurando parecer saudáveis, para adiar a morte mais um pouco... só mais um pouco...

A maravilhosa voz do grande ator, com um leve sotaque, grave e envolvente, fazia com que aquela descrição parecesse ainda mais dramática. Mas não era a dramaticidade do teatro. Era o drama da verdade. Da triste verdade.

— A política dos nazistas para os campos de extermínio era começar arrancando, de dentro de cada um de nós, tudo aquilo que nos diferenciava de animais enjaulados. Era preciso quebrar nossos princípios morais, arrasar com nossos conceitos de decência, para que, em pouco tempo, estivéssemos seminus, enlouquecidos, lutando uns com os outros na disputa de um pedaço de pão embolorado... Mas Ferenc, Davi e eu decidimos resistir. Só sobreviveríamos enquanto nos mantivéssemos como homens, enquanto pensássemos com a mesma moral que defendíamos antes da guerra, enquanto agíssemos com a mesma decência que fazia de nós seres civilizados... Não largamos um do outro, desde que chegamos ao campo. Éramos jovens e fortes e juramos resistir, resistir sempre, até conseguir escapar daquele inferno. Mas... escapar de Sobibor? Escapar do sádico Kurt Kraut? Do Todesengel? Do Anjo da morte? Do sinistro tenente que mandava embalsamar a cabeça das crianças judias que matava? Escapar das próprias garras de Satanás? Era um sonho impossível, mas era a única maneira de permanecermos vivos...

Solomon Friedman transmitia força, transmitia confiança a quem estivesse ao alcance de sua voz, de sua simpatia. Era alguém que estivera no inferno, mas de lá conseguira escapar, trazendo uma mensagem de fé, de esperança, dizendo a quem quisesse ouvir que é possível viver, é possível ser feliz!

— Eu me lembro muito bem, Calú... 1944, o verão quase já terminara na

Polônia. A guerra também já estava no fim. A contra-ofensiva soviética já começara, e os aliados já haviam desembarcado na Itália. Mas nós não sabíamos de nada disso. Ninguém sabia de nada lá dentro de Sobibor, cercados por camadas de arame eletrificado, guardados por cães ferozes e por homens que agiam como cães hidrófobos. Eu, Ferenc e Davi já estávamos havia oito meses em Sobibor. Já éramos quase só pele e osso. Mas estávamos vivos, porque ainda resistíamos ao tremendo trabalho que nos destinaram. Durante dezoito horas por dia, arrastávamos um carroção por todo o campo. Sabe o que o carroção carregava? Você não vai acreditar, Calú! Você não vai acreditar!

8. A fuga de Sobibor

O velho Sol envolvia-se na narrativa, e seus olhos enchiam-se de água, como se estivesse revendo cada momento daquele suplício.

— É claro que para nós, os prisioneiros, não havia nada no campo, Calú. Mas, principalmente, não havia banheiros. Havia latas nos pavilhões trancados e sem janelas. E, uma vez por dia, passava o nosso carroção para recolher o conteúdo das latas. O carroção era uma prancha, com quatro toneis pregados pelo fundo. E a nossa sorte, minha, de Ferenc e de Davi, foi termos conseguido o serviço de arrastar aquele carroção imundo de pavilhão em pavilhão e deixá-lo, no fim de cada dia, à frente de uma das saídas do campo...

Solomon Friedman sorriu, lembrando a idéia desesperada que os fez sobreviver a Kurt Kraut e a Sobibor.

— Aquela foi a nossa oportunidade, Calú. Uma idéia louca, uma invenção nascida do desespero, mas uma esperança! A possibilidade foi imaginada por Ferenc Gábor.

Naquela noite inesquecível, no finzinho do verão na Polônia, eu, Ferenc e Davi Segai não voltaríamos ao nosso pavilhão. Escaparíamos de Sobibor ou morreríamos tentando. Atrasamos só um pouquinho, de modo que a noite já tivesse chegado na hora de largar o carroção perto da saída do campo. Num descuido dos guardas, rapidamente subimos no carroção, enfiamos na cabeça as meias de seda que Davi Segai havia roubado da lavanderia das famílias dos oficiais, metemos um canudo na boca e entramos nos tonéis, mergulhando naquela imundície...

Calú tremia com a descrição. Era inimaginável o que aquele velho tinha passado antes de chegar ao Brasil e tornar-se seu amigo!

— Ah, Calú, nunca vou me esquecer daquela noite! Respirar pelo canudo, enfiado dentro daquilo... O que um homem é capaz de fazer pela vida e pela liberdade! Era impossível resistir à sufocação, ao fedor que nos infeccionava, que nos fazia desejar a morte... Mas era preciso resistir. No campo, a morte era certa, mas seria mais rápida ainda se qualquer um de nós não resistisse e tentasse sair de dentro do tonel. Tínhamos combinado resistir. Se alguém se sentisse sufocado, deveria lembrar-se do juramento, agüentar e morrer ali mesmo, afogado naquela lama de fezes, para dar uma chance aos outros de escapar...

Aquilo não era a narrativa de uma aventura. Era o relato de um martírio.

— Esperamos ali dentro por um tempo que nos pareceu a eternidade. Eu não podia ouvir nada, atolado dentro daquela lama nojenta. Mas pude perceber quando o carroção começou a mover-se. Sabíamos que o jipe ao qual o carroção fora atrelado percorreria uma distância não muito longa, até as margens do rio Bug, que corria ao lado de Sobibor. Os toneis sacudiram quando o jipe parou e o motorista engatou a ré, de modo a empurrar o carroção em direção ao rio, dependurando-o sobre a margem. Esse era o método que eles usavam para

livrar-se daquela imundície sem precisar manipular os toneis. Como os tonéis estavam presos ao carroção, todo o seu conteúdo escorreu para a água. E, junto com as fezes dos condenados, nós também fomos despejados no rio Bug, fora de Sobibor!

Nesse ponto, o velho ator parecia um locutor de rádio, anunciando um gol:

— Senti o rio! Aquelas águas frias, de início de setembro, envolvendo meu corpo como uma bênção! Continuei com a meia enfiada na cabeça e tentei respirar pelo canudo, o maior tempo possível. Por um momento, desejei morrer afogado, ali, no frescor da liberdade. Ah, como a liberdade é deliciosa, Calú! Suportei o mais que pude e, por fim, tirei o rosto para fora da água. O ar da noite polonesa entrou-me pelos pulmões, puro, como um milagre!

Solomon aspirava fortemente o ar úmido do teatro, revivendo seu renascimento na Polônia, há décadas.

— Lentamente, nadei por baixo da água, a favor da correnteza, procurando, instintivamente, a direção da margem oposta. Algo bateu em meu corpo. Uma mão procurava a minha. Agarrei a mão que se oferecia e nadamos os dois, de mãos dadas, para a liberdade. Senti o lodo com as mãos. Estava perto da margem. Procurei permanecer imóvel e contei até quinhentos. Depois, cuidadosamente, olhei em volta. Estava quase encostado à margem oposta ao campo. Do outro lado, dava para ver as luzes dos alojamentos dos guardas e as silhuetas dos inúmeros pavilhões de prisioneiros, de mortos-vivos. De todos que não conseguiram escapar. De todos que certamente iriam morrer sufocados, não por suas próprias fezes, mas pelo gás das câmaras que soltavam sua fumaça venenosa dia e noite...

Solomon Friedman sacudiu-se como se o horror fosse água sobre pêlo de cachorro.

— Já estava muito escuro. Não dava para ver qual dos dois estava a meu lado. Mas, em seguida, senti o outro companheiro. Abracei os dois. Já não importava quem era quem. Eu só pensava, o tempo todo: "Ainda estamos vivos! Ainda estamos vivos!" Ficamos os três ali, dentro da água, abraçados, mudos, esperando que o rio limpasse completamente nossos corpos e os trapos que nos cobriam. Aos poucos, para nós só havia o perfume da noite, das folhas molhadas, da liberdade. Nós nos sentíamos limpos, felizes, tínhamos vontade de gritar, de chorar, de comemorar. .. Mas era preciso continuar calados.

O velho Sol aproximou-se do rosto de Calú, como se segredasse.

— Saímos silenciosamente do rio. Era o fim do verão na Polônia. Mas as noites de fim de verão por aqueles lados não são como as daqui. Estávamos gelados e havia ainda muito a fazer, antes de nos preocuparmos com o frio, ou com qualquer outra idéia que não fosse fugir, fugir, viver e continuar lutando contra aquela maldição que se abateria sobre o mundo...

Calú pensou que o público brasileiro estava perdendo um dos maiores

desempenhos dramáticos de Solomon Friedman.

— O problema, Calú, eram nossos macacões ordinários e em trapos. Aquilo seria a morte se qualquer pessoa nos visse. Arrastamo-nos rapidamente pelo bosque que circundava o campo, procurando instintivamente a direção norte. Foi uma caminhada às cegas, na noite escura como breu. Silenciosa. Desesperada! Em pouco tempo havia luz.

Havia uma casa. Havia um varal com roupas estendidas, acabadas de lavar. Vestimos o que dava para vestir, enterramos os macacões e pusemo-nos a andar, sem descanso, sempre para o norte, seguindo o rio Bug em direção a Brest Litóvsk, cidade russa na fronteira com a Polônia...

O velho lembrou-se de algo que cortou o entusiasmo da fuga bem-sucedida:

— Pobre Davi! Ao fugir, ele embrulhara do melhor modo possível uma série de desenhos que fizera no campo de extermínio. Ele sabia como seria importante salvá-los. Ali estava o retrato da degradação, da injustiça, da barbárie, da loucura! Mas infelizmente a arte do grande Davi Segai estava perdida. O pacote, molhado pelas águas do rio Bug, emporcalhado pelas imundícies do tonel, se tornara imprestável. Que perda, Calú! Que perda!

— Como vocês conseguiram, Sol? Como percorrer toda aquela distância, sem comida, sem nada?

— Comemos o que pudemos roubar ou encontrar no bosque. Dormimos muito pouco, escondidos como bichos. Levamos um tempo interminável, quase sem trocar qualquer palavra, andando para o norte. Guiamo-nos pelo sol e pelas estrelas. Nem sei quantos dias caminhamos até encontrar a fronteira soviética. Mas não havia mais fronteiras. Tudo era alemão. Os soviéticos já avançavam esmagadoramente contra os nazistas, mas isso nós não sabíamos. Rodeamos Brest-Litóvsk e tomamos o rumo leste, na esperança de chegar aonde estavam as tropas soviéticas. Só que não podíamos saber até onde tinham penetrado os exércitos conquistadores. Nosso pânico aumentava sempre que continuávamos e só encontrávamos uniformes verdes com a suástica. Só nazistas, só nazistas... Parecia que o mundo todo já havia caído nas mãos de Hitler...

— Mas vocês estavam fora do alcance do Anjo da morte. Isso era o que importava, não é?

— Nossa fuga provocou um verdadeiro acesso de fúria no nosso carrasco e carcereiro. Kurt Kraut não podia admitir que três prisioneiros escapassem de suas garras, assim, sem mais nem menos. Com um pequeno destacamento, saiu em nosso encalço como um cão farejador. Estávamos escondidos no porão de um armazém de camponeses russos, entre as cidades de Pulmo e Sack, perto dos lagos, dentro do território soviético em poder dos nazistas. E o Anjo da morte nos encontrou...

Solomon Friedman sorriu:

— Não fomos fuzilados imediatamente, como seria de esperar. Kurt Kraut

nos manteve amarrados nas traves do porão do armazém e ordenou que seus soldados o deixassem sozinho conosco. Ele tinha certeza de haver, no campo, uma conspiração que nos ajudara a fugir e estava disposto a arrancar confissões de nós três. Ele haveria de nos torturar até que implorássemos pela morte! O canalha estava certo de conseguir confissões fabulosas que haveriam de credenciá-lo a receber a Cruz de Ferro, a maior condecoração nazista, das mãos do próprio Hitler...

— Fim do verão de 44? — lembrou Calú, um excelente aluno de História. — Nesses meses, os soviéticos já contra-atacavam, vindos do leste. Esmagaram a resistência alemã e avançaram sobre Varsóvia...

— Certo, Calú. É por isso que estou aqui, forte e saudável, falando com você! Justamente naquela noite as tropas soviéticas avançavam sobre aquela região...

9. À espera da morte

Ferenc Gábor esperava a morte com altivez. As cordas que o atavam a uma das traves do porão cortavam-lhe os pulsos e o seu rosto sangrava, meio arreventado pela coronha do fuzil que o abatera. Ele tinha resistido como um tigre. Morreria como um homem.

Solomon Friedman estava consciente, mas sua cabeça girava e doía violentamente por causa das pancadas que recebera. Mantinha os olhos abertos, forçando-se a permanecer atento, lutando contra o desmaio, procurando resistir ao próprio fim, que agora era certo. Não estava disposto a facilitar a tarefa do Anjo da morte.

Davi Segai tremia. De frio, não de medo.

Depois de oito meses no campo de extermínio de seres humanos de Sobibor, os três amigos eram sombras de gente. Mas se sentiam vitoriosos. Ninguém tinha feito mais do que eles.

Kurt Kraut andava de um lado para o outro, batendo o tacão das botas no chão de pedra. Sua boca se retorcia saboreando a sessão de sadismo que preparava para os três judeus que tinham ousado fugir de sua fúria. E ele haveria de descobrir quem agia em Sobibor preparando a fuga de prisioneiros. Ah, isso ele descobriria! E, ao desmascarar a conspiração, ele haveria de merecer a Cruz de Ferro. Quem sabe o próprio Führer não o chamaria para entregar a medalha? Ah, era felicidade demais!

Atiçou o fogareiro de ferro com um fole e colocou uma comprida torquês sobre o fogo. Quando o aço ficou rubro, pegou a torquês com um trapo para proteger suas mãos e aproximou-se dos prisioneiros. Arrancaria a verdade deles antes de matá-los. Ninguém jamais resistira a uma sessão de torturas nas mãos de Kurt Kraut, o Anjo da morte...

As garras rubras da torquês aproximaram-se do rosto de Ferenc Gábor.

— Abra a boca, judeu! Fale! Quem ajudou vocês na fuga? Abra a boca para falar ou eu a abro para arrancar sua maldita língua com isto!

A torquês incandescente quase tocava o rosto de Ferenc Gábor. Queimava, mesmo a uma certa distância. O jovem fechou os olhos e fingiu amolecer o corpo amarrado à trave, esperando que o alemão se aproximasse um pouco mais e agarrasse a sua nuca para arrombar-lhe a boca com a torquês. Quando sentiu o alemão junto de si, reuniu todas as poucas forças que lhe restavam e desferiu uma joelhada violenta entre as pernas do odiado carrasco.

— Ach! — berrou Kurt Kraut, dobrando-se de dor.

Deixou cair a torquês e rolou pelo cimento, praguejando, esgoelando-se em palavras. Solomon Friedman contorceu-se, tentando livrar-se das cordas. Era impossível. Mas Ferenc Gábor tinha agido bem. Agora, enfurecido, Kurt Kraut sacaria de sua Luger e os mataria rapidamente, livrando-os de mais sofrimento.

O Anjo da morte levantou-se, vermelho de ódio. Seus olhos claros como gelo

soltavam faíscas. Rugiu como uma fera e sacou a arma. Estendeu o braço e encaixou a ponta do cano da Luger entre os olhos de Ferenc Gábor.

— Maldito judeu! Eu vou...

Nesse momento, a porta do porão abriu-se e um soldado entrou esbaforido, a farda em desalinho, ofegante.

— Leutnant! Os russos! Os russos tomaram Pulmo! Estão se aproximando daqui! Estamos cercados!

Kurt Kraut respirou fundo. Cercados! Eles formavam apenas um pequeno destacamento. Não havia como romper o cerco. Pensou rapidamente. Sobre um barril, estavam três pastas que trouxera consigo. Eram os documentos sobre os três prisioneiros. Rapidamente, sua mente sórdida imaginou uma maneira de escapar.

— Soldado! Como soube disso?

— Eu estava de sentinela na colina. Um soldado chegou de motocicleta. Tinha sido baleado mais de uma vez.

Estava fugindo de Pulmo. Fomos derrotados lá! Os russos...

— Onde está esse soldado?

— Morreu, Leutnant...

— Você já falou com os outros?

— Não, Leutnant, corri logo até aqui.

Kurt Kraut viu que seu plano poderia dar certo. Mas, para isso, tinha de agir rapidamente. Ergueu a Luger e atirou. Um orifício negro abriu-se no meio da testa do pobre soldado, que caiu sem um ruído, com a surpresa estampada no rosto.

O Anjo da morte recolocou a Luger no coldre e arrastou o cadáver para trás de alguns sacos de trigo que estavam empilhados no fundo escuro do porão. Ajeitou a farda negra de tenente das SS e tirou um apito do bolso.

Um silvo longo ecoou para fora da casa. Em pouco tempo, os soldados do seu destacamento irromperam pela porta, metralhadoras nas mãos, esperando salvar seu tenente de algum apuro criado pelos prisioneiros.

Tudo parecia sob controle, e os soldados empertigaram-se.

— Achtung! — comandou Kurt Kraut.

— A postos, Leutnant! — prontificou-se o sargento.

Kurt Kraut falou rapidamente, com sua voz metálica, autoritária, sem admitir perguntas ou indecisões:

— Sargento! Acabo de saber pelo rádio que os russos estão se aproximando pelo sul. Nossas tropas reuniram-se em Pulmo e estamos preparados para contra-atacar! Vão todos imediatamente para Pulmo! Levem o caminhão e o jipe. Reúnam-se às nossas tropas. Não saiam da estrada. Vão direto para Pulmo!

— Devemos chamar o Fritz, que está de sentinela na colina?

— Não! — cortou Kurt Kraut. — Eu fico aqui, porque ainda tenho de

transmitir uma mensagem para Sobibor, informando a situação. Podem deixar que eu líquido estes judeus. Depois, eu e Fritz seguiremos na motocicleta atrás de vocês. Rápido! Façam o que eu mandei!

— Jawohl, Leutnant! Heil Hitler!

O sargento e os soldados bateram os calcanhares, ergueram os braços na saudação nazista e desapareceram.

Logo em seguida, ouviram-se os motores do jipe e do caminhão sendo ligados. Em pouco tempo, o ruído dos veículos desapareceu na distância.

Kurt Kraut tinha mandado seus próprios comandados em direção à morte.

Solomon Friedman recordava todo aquele tormento como se narrasse o enredo de um filme:

— Ah, Calú! Eu assisti a tudo aquilo! Só não podia imaginar o que estava se passando no cérebro doentio de Kurt Kraut. Ele foi até os barris e começou a examinar as três pastas de documentos...

O Anjo da morte folheou os documentos apressadamente. De vez em quando voltava os olhos para os três prisioneiros amarrados às traves, como se estivesse em dúvida. Pareceu escolher uma das pastas, separou-a e abriu sua maleta. Tirou de dentro um estilete que servia para tatuar os números nos antebraços dos prisioneiros, uma pena e um tinteiro.

Sentou-se num caixote, arregaçou a manga esquerda do uniforme negro e começou a trabalhar, cuidadosamente, olhando de vez em quando para alguma anotação em um dos documentos da pasta escolhida.

Terminou seu trabalho e começou a tirar a farda e as botas. Estava de camiseta, meias e cuecas quando se dirigiu aos prisioneiros, com a Luger engatilhada na mão direita. Pareceu hesitar entre Gábor e Segai, mas por fim decidiu-se e, com a outra mão, soltou as cordas que prendiam Davi Segai. Estendeu a arma e colou o cano à frente de Solomon, falando para Segai:

— Não tente nada, judeu! Senão, eu estouro os miolos do seu companheiro! Tire a roupa! Vamos! Toda a roupa!

Segai parecia furioso, disposto a atirar-se contra o alemão. Mas não queria ser o responsável pelo disparo que acabaria com a vida do seu amigo. Lentamente fez o que Kurt Kraut lhe ordenava.

— Agora, vista a minha farda! Imediatamente! Vamos!

Com nojo, com mais nojo do que sentira ao mergulhar no tonel de fezes, Davi Segai vestiu a farda, calçou as botas e voltou-se para o alemão.

Com o cano da Luger apoiado na cabeça de Solomon Friedman, o nazista enfiou as calças de Segai com a outra mão. Com calma, enfiou cada braço na camisa surrada do prisioneiro. Temendo pela vida do companheiro, Davi Segai não se mexeu.

Lentamente, o Anjo da morte ergueu o braço e fez uma cuidadosa pontaria, visando o ponto onde quase se uniam as sobrancelhas do pintor judeu-alemão...

Para não presenciar aquele horror, Solomon Friedman desviou o rosto e fechou os olhos, apertando as pálpebras.

10. E o pintor não sobreviveu

Um estrondo sacudiu todo o armazém.

Solomon Friedman abriu os olhos, percebendo que aquilo era muito mais do que o disparo de uma pistola.

Uma claridade vermelha iluminava todo o porão e fazia tremer o armazém. Explosões ensurdecedoras ocupavam tudo.

— São as granadas russas! — berrou Ferenc Gábor, com a alegria da vingança. — Você vai morrer junto com a gente, cachorro nazista!

Num décimo de segundo, o porão encheu-se de chamas, como se a terra se abrisse e o porão fosse tragado para as profundezas do inferno!

Solomon sentiu o corpo sacudir-se ao mesmo tempo que outra granada explodia no porão. Suas pernas bambearam e a maior promessa do teatro europeu da década de 40 não viu mais nada.

— Ah, Calú! E como é que eu estou aqui? Tive sorte! Tive sorte, meu menino, tive muita sorte! Fui ferido por uma granada russa e perdi os sentidos. Fiquei em choque, à beira do estado de coma durante vários dias. Mas felizmente nenhum estilhaço tinha atingido qualquer ponto vital...

— E os outros, Sol? O carrasco nazista sobreviveu fazendo-se passar por Davi Segai?

— Foi o que me apavorou, logo que consegui sair do estado de choque causado pelos ferimentos. Kurt Kraut tinha tatuado o número de Davi Segai em seu próprio braço e tinha obrigado Segai a vestir a farda das SS. O Anjo da morte sabia que só poderia ter esperanças de escapar ao julgamento da História se os russos pensassem que o cadáver encontrado era o dele, Kurt Kraut. O plano era perfeito, naquele instante desesperador: o Anjo da morte nos mataria e cairia nos braços dos russos, dizendo-se Davi Segai, um fugitivo de Sobibor que escapara por um triz da morte durante o ataque dos russos. Ele só não apertou o gatilho da Luger porque naquele momento a granada russa explodiu dentro do porão...

Calú seguia a narrativa como se assistisse a um filme.

Só que a emoção era maior.

— No momento da explosão, não pude ver nada.

Custei a me recuperar, mas, logo que abri os olhos e tomei consciência de mim mesmo, minha única preocupação foi tentar desmascarar o canalha. Se eu sobrevivera, o Anjo da morte também poderia ter sobrevivido à granada. Kurt Kraut poderia estar solto, na pele do meu amigo Davi Segai. Até seus companheiros de farda, que poderiam reconhecê-lo, ele enviara para a morte naquela noite. Restava somente eu sobre a Terra para desmascarar o Anjo da morte!

— E os russos? O que informaram eles?

— Os russos me disseram que só haviam encontrado dois cadáveres: um oficial SS, caído sobre o fogareiro, todo queimado e ferido pela explosão da

granada, e um soldado nazista. O soldado era o pobre Fritz, que o Anjo da morte assassinara covardemente. O outro, com a farda de oficial das SS, eu sabia que era Davi Segai. Mas os russos falaram em dois ou três sobreviventes. Aí eu me alarmei: no caso de dois sobreviventes, o outro poderia ser Gábor ou Kurt Kraut; no caso de três, isso significava que os dois haviam sobrevivido! Eu tinha sido enviado para um hospital distante, e as informações que eu conseguia obter eram imprecisas demais. Ah, a burocracia soviética!

Mas, se os russos podiam dizer quem havia morrido, por que não informavam quem sobrevivera?

— Os russos não sabiam me dizer quem era o outro ou os outros dois sobreviventes, mas insistiam que Kurt Kraut estava morto, pois o cadáver encontrado vestia uma farda SS. Eu tentei mostrar a eles que aquele não era o carrasco nazista, que eu o vira obrigar Davi Segai a vestir a farda.

Que procurassem pelo homem que se fazia passar por Davi Segai, que desmascarassem o Anjo da morte, que...

— Mas eles não ligavam para o que você dizia?

— Depois de muita insistência, consegui que a burocracia russa se abrisse um pouquinho: para meu alívio, não havia registros de qualquer sobrevivente que se dissesse chamar Davi Segai. Encontraram anotações daquela noite que mostravam apenas dois nomes de sobreviventes: Solomon Friedman e Ferenc Gábor. O nome de Ferenc Gábor estava inclusive anotado duas vezes. Isso significava que o maldito Kurt Kraut morrera com a explosão! As granadas russas tinham feito justiça e riscado da face da Terra o terrível Anjo da morte. Deveriam então ser três e não dois os cadáveres encontrados no porão: o soldado Fritz, Kurt Kraut, vestindo os trapos de Davi Segai, e o próprio Davi Segai, com a farda de Kurt Kraut.

Solomon Friedman abriu os braços, num gesto de conformismo:

— A granada havia matado também Davi Segai, um dos maiores pintores do século XX... Pobre homem! Morreu vestindo a vergonhosa farda dos assassinos do seu povo... todo queimado... como um mártir!

— E Ferenc Gábor? Você o encontrou?

— Não... Nunca mais o encontrei. Mas tenho notícias dele. É ele quem cuida da memória de Davi Segai.

Ferenc Gábor, desde o fim da guerra, é o curador da memória artística do maior pintor expressionista do mundo! O teatro é uma profissão maravilhosa, Calú. Só não presta para se ganhar dinheiro. Como é que um ator como eu vai conseguir dinheiro para viajar para a Europa em busca de um antigo companheiro de campo de concentração nazista?

— Quer dizer que, com a explosão, só morreram Kurt Kraut e Davi Segai?

— Sim, Calú, Davi Segai morreu naquela noite. Só a sua arte sobreviveu ao Holocausto. Sobreviverá para sempre, como a mais perfeita testemunha do mais

hediondo crime da Humanidade. Depois de morto, Davi Segai foi descoberto pelo mundo. Hoje ele é considerado o maior pintor expressionista da primeira metade do século.

Muitas de suas telas apareceram depois da guerra.

Quem possui uma delas, Calú, possui uma fortuna! Segai viveu pouco, mas deve ter produzido muito em seu pouco tempo de vida. Eu tenho acompanhado pela imprensa o sucesso que o meu companheiro de campo de extermínio fez depois de morto. E eu me orgulho tanto dele, Calú, tanto...

— Você viveu muito tempo na União Soviética?

— Na verdade, Calú, não era possível alguém como eu viver muito tempo na União Soviética. Eu era um sobrevivente do inferno, mas parece que os russos me achavam um incômodo, quase como se fosse melhor que eu não tivesse escapado. Eu era um estrangeiro.

Era um judeu. E o preconceito contra os judeus continuava. A paz chegou, mas o pesadelo do Shoah, o Holocausto, continuou pairando sobre toda a Europa, sobre todo o mundo...

Solomon Friedman levantou-se, como se fosse o fim do espetáculo...

— Era preciso encontrar uma nova pátria, Calú. E a nova pátria que eu descobri foi esta, foi este Brasil. Aqui voltei a ser ator, aqui voltei a respirar, aqui voltei a ser um homem! Agora, Calú, eu sou brasileiro! Ah, e que orgulho eu tenho de ser brasileiro! Como é bom estar vivo, Calú!

Como é bom ser brasileiro! Aqui, numa terra que eu nem sabia direito onde ficava antes da guerra, reencontrei a mim mesmo, reconstruí minha arte. Como é bom estar vivo, Calú! Sorria, meu menino! Sorria comigo!

11. Já ouvi esse nome...

Ao longe, vindo das avenidas que circundam o Parque do Ibirapuera, o ruído dos automóveis era só o que se ouvia. O grupo permaneceu mudo após o relato de Calú, como se esperasse uma continuação.

— Que história! — exclamou Andrade, baixinho.

— Mas o que isso tudo tem a ver com...

Magrí interrompeu o pensamento do detetive:

— Esperem um pouco! Agora sei o que me chamou a atenção no folheto amarelo que Calú encontrou no cesto de papéis do camarim. Empreste um pouco o papel, Andrade!

O gordo detetive retirou o papel amarelo amarrotado do bolso e o estendeu para a menina. Magrí correu os olhos pelo impresso e apontou:

— Vejam! Aqui!

Todos olharam o parágrafo para onde apontava o dedo de Magrí. Entre as calúnias mais sórdidas, havia uma que dizia:

Os judeus desejam eterna vingança, pois até hoje perseguem velhos sargentos e tenentes que apenas cumpriam ordens na Segunda Guerra Mundial.

— Estão vendo? "Velhos sargentos e tenentes"... O Anjo da morte era um tenente! E se ele tivesse sobrevivido ao ataque russo naquela noite, no porão do armazém? E se o velho Sol soubesse disso? Kurt Kraut tentaria matá-lo, não tentaria?

— Solomon Friedman não sabia disso, Magrí — lembrou Crânio. — De acordo com o que Calú nos contou, Kurt Kraut morreu naquela noite. Os russos informaram que só havia dois sobreviventes: Solomon Friedman e Ferenc Gábor.

Kurt Kraut tinha trocado de identidade com Davi Segai. Se os sobreviventes fossem Solomon Friedman e Davi Segai, isso quereria dizer que o Anjo da morte teria sobrevivido, na pele do pintor. Mas pelo jeito só os dois que estavam amarrados nas traves do porão conseguiram escapar, malferidos pelas granadas soviéticas. Os dois que estavam de pé, no meio do porão, foram mortos. Quando a granada caiu, o nazista voou pelos ares, despachado de volta para o inferno que o gerou!

— E Davi Segai também — lembrou Calú. — Como eu disse, o velho Sol contou que havia o corpo de um oficial nazista, todo queimado, sobre o fogareiro. Era o pobre Davi Segai...

Chumbinho meteu seu bedelho na conversa:

— Somente Sol e Gábor sobreviveram, não é? Sol está morto e, se o outro sobrevivente era o tenente nazista Kurt Kraut, então Ferenc Gábor deve ser Kurt Kraut!

— Você se esquece de que Sol foi assassinado ontem perene Gábor só deve chegar ao Brasil hoje, Chumbinho! — lembrou Andrade.

— Ferenc Gábor...Ferenc Gábor... — falou Chumbinho, vasculhando a

memória em busca de uma certa lembrança. — Já ouvi esse nome... Tenho certeza... eu já... esse nome em algum lugar... Onde terá sido? Acho que foi no Colégio Elite... Acho que foi no laboratório...

Para Miguel, ser líder dos Karas significava sempre tentar ordenar as intermináveis discussões:

— Temos somente a história de Sol, narrada de memória por Calú...

— O que há de errado com a minha memória, Miguel?

Não se esqueça que eu sou um ator, acostumado a decorar qualquer tipo de texto!

— Não estou duvidando da sua memória, Calú. Mas o que você nos apresentou foi o relato de um dos sobreviventes do porão do armazém, na União Soviética, no distante ano de 1944. Que tal agora ouvirmos a versão do outro sobrevivente?

— Ferenc Gábor?

— E quem mais?

Sentindo-se deslocado em um lugar como aquele, Andrade suave, apesar do ar condicionado que emprestava ao ambiente uma atmosfera européia. Ao lado de Magrí, no salão ricamente decorado, o gordo detetive tentava passar despercebido no meio da nata da sociedade paulistana que lotava a sofisticada galeria de arte.

Depois da reunião no Parque do Ibirapuera, os Karas e Andrade haviam se separado, combinando reencontrar-se naquela mesma noite, na galeria onde seria inaugurada a exposição da obra de Davi Segai.

Cobertas de jóias, mulheres de casacos de pele tilintavam suas taças e trocavam risadinhas com homens elegantemente vestidos, que exibiam suas prósperas barriguinhas. O coquetel de abertura da exposição da obra de gênio do grande Davi Segai era apenas um pretexto, uma das ocasiões em que a alta sociedade comparece mais para ser vista do que para ver.

Miguel pensou que aquele era o público errado para a obra do grande Segai, o pintor judeu-alemão que eternizara em tela e tinta o sofrimento e a miséria dos esquecidos, dos marginalizados, dos massacrados. Aquelas pessoas elegantes sequer podiam imaginar o que fosse miséria, o que fosse fome, o que fosse o Holocausto, o que quer que fosse. Pessoas como aquelas é que provocavam a miséria, a fome, a marginalização, o holocausto dos esquecidos.

Iluminadas por fortíssimos refletores, cerca de trinta telas destacavam-se, artisticamente organizadas sobre uma larga plataforma coberta por tapetes persas tão caros quanto as telas. Ali estava parte do talento enfezado de Davi Segai.

Ali estavam as massas escuras, os protestos sombrios à humana, a denúncia desesperada do suplício de milhões que pereceram nas câmaras de gás do regime político mais demente da História. Era impossível permanecer tranqüilo

enquanto se via um daqueles quadros. Eles faziam pensar, faziam pulsar mais forte os corações, faziam os rostos corarem de vergonha.

Os cinco Karas e o detetive Andrade tinham conseguido convites para a inauguração com um tio de Magrí, um especialista em arte. Mas, por mais fantásticos que fossem, os quadros de Davi Segai não conseguiam afastar da mente daquelas seis pessoas o assassinato de Solomon Friedman. Dentro em pouco, conheceriam o outro sobrevivente do campo de extermínio de Sobibor. O companheiro de Solomon Friedman que o ator nunca mais vira, desde aquela noite fatídica na União Soviética.

Um murmúrio mais concentrado anunciou a chegada do principal convidado da noite.

12. A outra testemunha do inferno

Ferenc Gábor era um velho apumado, elegantíssimo e desenvolto, que ostentava o sucesso financeiro que vinha obtendo como curador da obra de Davi Segai. Desfilou entre os presentes como se fosse o próprio pintor e subiu à plataforma iluminada. O dono da galeria fez as apresentações, excitado pela rara oportunidade de ter, no Brasil e em seu estabelecimento, uma exposição tão importante. O velho aproximou-se de outro microfone, agradeceu o discurso do anfitrião, cujas palavras ele naturalmente não entendera, e falou num francês perfeito, mas ainda repleto de sotaque, enquanto suas palavras eram traduzidas pelo dono da galeria.

— Je sais que vous avez venu ici...

— Sei que os senhores vieram aqui para ouvir falar de arte. Mas, para falar da arte de Davi Segai, é preciso, primeiro, falar de morte...

Um sussurro de estranhamento percorreu a assistência.

— Há muitos anos, no pior momento da minha vida, eu conheci Davi Segai. Todos vocês só pensam em Segai como o gênio da pintura expressionista. Mas poucos pensam que só a morte transformou a arte de Segai no que ela representa para vocês, para todo o mundo. O artista que todos admiram hoje não foi reconhecido por ninguém enquanto estava vivo e ansiava pelo reconhecimento do mundo. Só recebeu desprezo enquanto pintava a alma da Europa sofrida. Enquanto jogava na tela toda a revolta que teria impedido o crescimento do nazismo, se todos sentissem e percebessem o que ele sentia, percebia e transmitia com sua arte...

A voz do velho era grave, compungida, e penetrava no espírito da platéia, revolvendo culpas há muito acomodadas dentro de cada um.

— Por isso, agora, eu devo falar na morte. Na morte do povo judeu, na morte da Europa. Na loucura que só os artistas percebem enquanto todos se acomodam, tapam os próprios olhos e ouvidos e calam as palavras que poderiam sair de suas gargantas para impedir a ação do Mal. Foi o protesto contra a insanidade de uma sociedade assassina que fez de Segai o artista que vocês conhecem. E foi só com a própria morte de Segai que o mundo descobriu a tremenda verdade que havia nestas telas...

O velho Gábor apontou para as telas, como se apresentasse seu amigo vivo, ali, à frente de todos:

— Aqui está Davi Segai, senhoras e senhores. Ambos nascemos na Alemanha, de famílias judaicas. Com ele, eu dividi o pão da desgraça no campo de extermínio de Sobibor, na Polônia ocupada pelo nazismo. Juntos fugimos daquele inferno e juntos fomos recapturados por alguém que nenhuma mulher deveria ter gerado: o SS Leutnant Kurt Kraut, que passou para a História como o Todesengel, o "Anjo da morte". Kurt Kraut estava a ponto de fuzilar Davi Segai quando chegaram as tropas soviéticas e jogaram uma granada no porão onde nós

estávamos.

O canalha nazista e Davi Segai foram estraçalhados pela explosão, junto com outro companheiro que havia fugido conosco de Sobibor. Somente eu sobrevivi. Quando me recuperei dos ferimentos, jurei dedicar minha vida ao restabelecimento da memória artística de Davi Segai, cuja arte falava por todos nós. Por mim, por todos os judeus, por todos os injustiçados, por todos os massacrados...

A seleta platéia não tinha ido ali para ouvir um discurso tão sério, tão emocionado. A inauguração parecia um velório.

— Vim ao Brasil para mostrar as últimas telas pintadas em vida por Davi Segai. São trabalhos feitos no campo de Sobibor, quando Segai já era testemunha e vítima do horror que vinha combatendo...

Ferenc Gábor continuou falando da obra de Davi Segai, dos quadros que ele pintara febrilmente durante todos os anos da guerra até ser preso pelos nazistas. Falou da injusta incompreensão de todos para com a obra do artista, só reconhecido depois de sua morte. Comparou-o com Van Gogh, com Modigliani. Falou de sua miséria e comparou-a com a valorização que chegara tarde para Davi Segai.

A consternação da platéia refletia-se num silêncio absoluto, que paralisara até mesmo os garçons e o tilintar das taças do coquetel. Depois daquele discurso, cada quadro valeria o dobro do que os mais ricos ali estariam dispostos a pagar. Mas quem pudesse pagar levaria junto com a tela todo um pedaço da História, desenhado com revolta e sofrimento. Ferenc Gábor explicou a motivação contida em cada tela, em cada detalhe de cada tela, em cada pincelada de cada detalhe. Ninguém conhecia tanto a obra do artista assassinado quanto ele.

Terminou a explanação com lágrimas nos olhos, e foi com lágrimas nos olhos que todos aplaudiram, em verdadeiro delírio.

Ferenc Gábor desceu da plataforma iluminada e foi cercado por pessoas que faziam questão de apertar-lhe a mão, de dar-lhe um tapinha nas costas. Era como se Gábor fosse o próprio Davi Segai que tivesse voltado da morte para apresentar-se no Brasil.

Magrí, cotovelando, abriu caminho até a frente do grupo que cercava o velho.

— Schönes Mädchen. Quelle beauté! — observou Gábor, com um sorriso, ao ver a menina, deslumbrante em seu vestido de festa. Alegre e descontraído, o velho misturava expressões em alemão à língua francesa, que ele adotara tão bem.

Miguel e Calú já estavam ao lado de Magrí. Crânio e Chumbinho tentavam abrir passagem para Andrade.

— Adorei o seu discurso — cumprimentou Magrí, em francês, com um sorriso encantador. — Eu e os meus amigos gostamos muito da obra de Davi Segai. Já tínhamos ouvido falar muito de Segai e do senhor...

— Cest vrai? Danke, mein liebes Fräulein... Je vous remercie... — agradeceu o velho Gábor, misturando a língua natal com a língua adotiva.

— Este aqui é meu amigo Calú — apresentou Magri, sempre em francês. — Ele conheceu muito bem o outro prisioneiro que fugiu com o senhor e com Segai do campo de Sobibor...

— Comment?! — o velho empalideceu na mesma hora e seus olhos se esbugalharam.

— O que eles estão dizendo? — perguntou Andrade a Crânio, quando conseguiram chegar perto da conversa.

— Não foi só o senhor que sobreviveu à explosão da granada russa naquela noite, no fim do verão de 44, senhor Gábor — explicou Calú, também num francês perfeito. — Solomon Friedman também sobreviveu.

— Solomon Friedman? — balbuciou Gábor. — Comment vous avez su?

— O que eles estão dizendo, Crânio? — Andrade suava novamente.

— Ele esteve no Brasil todos estes anos, senhor Gábor.

Foi meu professor de teatro. Mas, infelizmente, ele não pôde comparecer a esta inauguração. Solomon Friedman foi assassinado ontem à noite...

— Solomon Friedman... — o velho parecia desorientado. — Solomon Friedman... assassine... je...

— O senhor pode nos ajudar, senhor Gábor. Talvez o senhor se lembre de algo que...

Andrade sentia o mal-estar daquela conversa, mas não conseguia entender o que se passava:

— O que eles estão dizendo, Crânio? Pelo amor de Deus, o que é que eles estão dizendo?

— Pardon... Excusez-moi, mon ami... excusez-moi...

O velho deu meia-volta e encaminhou-se de cabeça baixa para uma porta lateral. Andrade tentou segui-lo, mas o dono da galeria interrompeu-o, delicadamente:

— Desculpe, cavalheiro...

Levantou o braço e falou alto, para todos na galeria:

— O senhor Gábor precisa repousar um pouco. A viagem foi muito cansativa para um homem na idade dele. Logo ele estará refeito e nós o teremos conosco...

Enquanto isso, divirtam-se! Esta é uma noite especial.

Uma noite gloriosa para o movimento artístico deste país. Divirtam-se e apreciem a obra do grande Davi Segai. O preço de cada tela pode ser discutido diretamente comigo...

Os garçons voltaram a circular e as taças tilintaram novamente, acompanhando as risadinhas que outra vez ocupavam o salão. A música suave do perfeito sistema de som ambiente da galeria ajudou a restabelecer a frivolidade necessária ao sucesso da noite.

Andrade aceitou todos os salgadinhos que lhe eram oferecidos enquanto ouvia um resumo da conversa entre os meninos e Ferenc Gábor.

— Coitado do velho! — comentava Magri. — A surpresa de saber que Solomon também sobrevivera foi demais para ele... Ainda mais com o assassinato... Um choque! Foi mesmo um choque para o velho.

— Vamos esperar um pouco, Andrade. Não podemos sair daqui sem falar com Gábor. Se o assassinato do velho Sol tem alguma ligação com o panfleto amarelo que ele recebeu, talvez Gábor saiba de alguma coisa que...

Um estampido ressoou por toda a galeria, interrompendo Calú.

Uma taça caiu sobre o mais caro dos tapetes.

Andrade forçou caminho às cotoveladas, apressando-se na direção de onde viera o estampido. Calú já abrira a porta ao lado da plataforma e Andrade entrou atrás, acompanhado pelos outros Karas.

Havia um corredor e várias outras portas. Uma delas estava aberta. O detetive atravessou o corredor rapidamente e entrou. Aquele deveria ser o escritório do dono da galeria.

Uma lufada de vento entrou pela janela aberta.

Calú estava abaixado ao lado do corpo de Ferenc Gábor.

13. Pouco mais que uma criança

Sangrando, no Mercedes-Benz do dono da galeria de arte, Ferenc Gábor chegou ao hospital com a cabeça no colo de Magri.

Depois que o velho foi levado para a sala de emergência, o hospital virou uma confusão. Dois carros da Polícia Federal chegaram cantando os pneus, repletos de agentes.

O cônsul francês apareceu numa limusine cheia de bandeirinhas, muito preocupado com o estado de saúde daquele velho que já passara mais anos de sua vida como francês do que como alemão. Repórteres de televisão, de rádio e de jornais invadiram o hospital com suas câmeras, máquinas fotográficas, gravadores e perguntas a esmo.

A sala dos médicos foi invadida por um grupo de homens com expressão carregada que agiam como se fossem os donos do mundo. No meio deles, com o terno manchado pelo sangue da vítima que ajudara a socorrer, o detetive Andrade enxugava o suor da careca, desta vez na condição de testemunha.

O líder do grupo identificou-se como Doutor Pacheco e sentou-se à frente de Andrade. Ninguém conseguia entender por que, àquela hora da noite, o agente precisava de óculos escuros.

— O que fazia o senhor, detetive Andrade, na inauguração de uma exposição de arte? Está querendo renovar a decoração de sua sala? O seu salário na Polícia Estadual dá para isso?

O gordo detetive não se deixou intimidar. Respondeu, procurando olhar dentro dos olhos que o fitavam por trás das lentes escuras:

— Sua posição não lhe dá o direito de vir com gozação, Doutor Pacheco. Eu estava na galeria de arte a serviço. Estou investigando o assassinato de Solomon Friedman...

— De quem?

— Do ator, morto ontem à noite. Eu tinha razões para pensar que o senhor Ferenc Gábor...

— Que ligação pode haver entre os dois casos, detetive Andrade?

— Os dois fugiram juntos do campo de concentração de Sobibor, em 1944...

— Na Segunda Guerra Mundial? O que está dizendo?

— Estou dizendo que pode haver uma ligação entre os dois atentados, Doutor Pacheco. Talvez a mesma pessoa "precisasse" da morte de Solomon Friedman e de Ferenc Gábor...

O agente federal levantou-se e sorriu, com a superioridade de um galã de filme de espionagem, que parece muito valente olhando para a câmera, mas que é sempre substituído por um dublê nas cenas de maior perigo.

— Um caso político, hein? Se o senhor desconfiava que este poderia ser um caso político, por que não passou o caso para nossas mãos? Não lhe ocorreu que a Polícia Federal está mais bem aparelhada para enfrentar estes casos e que

poderia ter evitado a tentativa de assassinato contra Ferenc Gábor?

Andrade suspirou. Seu salário era na certa muito menor do que o do empregado agente, mas ele não trocaria seus velhos métodos pelo tal "aparelhamento" dos federais.

— Durante uma investigação, nunca me ocorre a idéia de livrar-me dela, Doutor Pacheco. Solomon Friedman e Ferenc Gábor eram judeus. Fugiram juntos do campo de extermínio de Sobibor, mas viveram separados, um no Brasil, outro na França, durante todos esses anos. Se há alguma ligação entre os dois atentados, ela não será pessoal, uma vez que eles sempre estiveram afastados. O único elo que os une é o passado comum, vivido à beira da morte, em um campo de extermínio nazista. Por isso creio que este pode ser um caso político. Solomon Friedman vinha recebendo panfletos ameaçadores de alguma org...

O agente de óculos escuros interrompeu:

— Panfletos? Que espécie de panfletos?

Andrade tirou do bolso o impresso amarelo amarrotado e estendeu-o para o agente federal.

— Desta espécie, Doutor Pacheco. Solomon Friedman estava lendo este impresso minutos antes de morrer. Depois do assassinato, o panfleto foi encontrado no cesto de papéis do camarim da vítima.

O Doutor Pacheco arrancou o papel amarelo da mão de Andrade, passou os olhos por ele e pareceu empalidecer. Por um momento, quase tirou os óculos escuros. Recuperou-se e sorriu para Andrade:

— Muito obrigado por sua colaboração, detetive Andrade. É só, por enquanto. Agora vá para casa e deixe o caso em nossas mãos.

Andrade suspirou novamente. Ajeitou-se na cadeira, correu os olhos em volta e sorriu para o agente.

— Doutor Pacheco, ninguém me manda para casa quando eu estou no meio de uma investigação. Este é um caso meu e o senhor não vai me afastar dele. Eu estou no caso e nele vou permanecer!

— Isto está fora de cogitação, detetive Andrade — respondeu o agente, em um tom definitivo. — Agradecemos sua colaboração, mas eu insisto que tudo fique agora sob responsabilidade federal.

Andrade levantou-se com esforço, como se a decisão fosse difícil de ser tomada.

— Está bem, então. Os jornalistas já estão aí fora. O senhor me obriga a explicar a eles, tintim por tintim, todas as pistas que eu já localizei...

O Doutor Pacheco não teve outro jeito senão ceder à chantagem do gordo detetive, porque a Polícia Federal tinha razões para manter a imprensa fora do caso. Quando o médico responsável entrou na sala, o detetive Andrade já estava novamente sentado, desta vez mais à vontade, como um integrante da equipe de

agentes federais.

— Acabamos o procedimento cirúrgico — relatou o médico. — O senhor Ferenc Gábor não corre nenhum perigo. O projétil penetrou pouco acima da cintura, rasgando apenas a carne e saindo no flanco sem atingir o baço. O paciente deve ficar em observação somente devido à sua idade, mas não-há nada imediato que justifique preocupações.

— Obrigado, doutor.

Andrade recordou-se da cena que presenciara ao entrar no escritório da galeria de arte. O velho Gábor caído, com o lado esquerdo do paletó ensangüentado, pressionando um lenço contra o ferimento, à beira do desmaio. A arma do crime era uma pequena pistola calibre 22, que o criminoso deixara cair perto da janela por onde provavelmente fugira. A pistola já fora levada pela perícia, mas o detetive não tinha esperanças de que fossem encontradas impressões digitais.

O médico retirou-se e Andrade novamente insistiu:

— Muito bem, Doutor Pacheco. Já contei o que sabia. Agora, que o senhor tão gentilmente me convidou para participar das investigações, eu gostaria de tomar conhecimento do que a Polícia Federal sabe. Principalmente quero saber por que o senhor ficou tão pálido ao ler o panfleto amarelo encontrado no camarim de Solomon Friedman...

O Doutor Pacheco sentou-se à frente de Andrade e entregou os pontos-.

— Está certo. O senhor é um profissional e, se vai trabalhar conosco, deve saber de tudo. O caso pode ser muito mais grave, muito mais abrangente do que o senhor pensa. Pelo jeito, o atentado contra Ferenc Gábor e o assassinato de Solomon Friedman fazem parte de uma conspiração maior, cujos membros vão continuar matando.

Panfletos como este, com exatamente o mesmo texto, têm sido enviados em várias línguas a judeus influentes de todo o mundo...

— Até aí não há muita novidade, Doutor Pacheco — comentou Andrade. — Fanáticos neonazistas ameaçam mas não incomodam muito, desde o fim da guerra. São cães que ladram mas não mordem...

— Parece que agora esses cães estão dispostos a morder — continuou o agente federal. — Investigações internacionais vêm descobrindo uma série de pequenas pistas que apontam todas para uma mesma direção: os neonazistas de todo o mundo não mais agem desordenadamente. Estão reunidos sob um comando centralizado que se chama simplesmente Organização. Desta vez deve haver um plano que ultrapassa a simples propaganda. Agora vão partir para a ação direta. Até há pouco tempo não tínhamos idéia desse plano. Mas, aos poucos, foi possível reunir algumas pistas e traçar um quadro mais claro. Detetive Andrade, estamos às vésperas da instalação do IV Reich!

Andrade escarafunchou seus conhecimentos de História. O IV Reich fora o

império de Frederico, o Grande. O SS tinha sido a unificação alemã, no século XIX. O 3Q, de triste memória, foi mesmo aquele, o de Adolf Hitler.

— A Organização se estrutura em bases imperiais. Sabíamos que, em alguma parte do mundo, estava a pessoa que a Organização preparava para assumir o comando mundial do IV Reich. Não seria mais um movimento alemão, com características nacionalistas. Tratava-se agora de algo universal, sem pátria e, portanto, muito mais perigoso, pois suas pretensões incluiriam o domínio sobre o mundo inteiro!

— O senhor disse que estamos às vésperas do início da ação direta dessa tal Organização. Como sabe disso?

— As investigações foram centralizadas na descoberta de quem seria esse grande líder, essa pessoa que contaria com a confiança de todo o movimento neonazista internacional. E acabamos descobrindo. Essa pessoa é chamada pela Organização de "O Esperado", e é aguardada para reinstaurar o Império do Mal sobre a Terra, como muitas religiões esperam o Messias para uma missão oposta.

— Descobriram? E quem é esse Esperado?

Por trás das lentes escuras, o olhar do Doutor Pacheco pareceu mais penetrante quando ele disse:

— É um menino, detetive Andrade. Pouco mais que uma criança!

Os preparativos para a recepção ao Esperado faziam fervilhar o Castelo Wachenfeld. Como um alucinado, cuidando de cada detalhe, o velho Komandant não dava um minuto de sossego aos seus "soldados":

— Achtung! Se alguma coisa sair errada, muitos de vocês vão pagar o erro com a própria vida!

— Jawohl, mein Komandant! Tudo vai dar certo, mein Komandant!

O Komandant estava exultante. Dentro de poucas horas ele teria o Esperado sob sua guarda, e o novo Führer haveria de cumprimentá-lo ao tomar conhecimento do segredo. Ah, ele guardara aquele segredo durante tantos anos!

O Esperado ficaria contentíssimo!

A surpresa de Andrade correspondeu ao que esperava o agente federal. O Doutor Pacheco deixou o suspense mais um pouquinho no ar e recomeçou:

— Um menino! É um garoto chamado Max Godson.

Somente não sabemos por que um menino seria o grande Guia capaz de unificar os malucos neonazistas e possibilitar uma reviravolta no movimento, fazendo-os abandonar sua crotina política de provocação e propaganda para passar à ação direta. O tal Max Godson é mantido pela Organização, sob cuidados muito especiais, em Durban, na África do Sul.

— E por que a Polícia Federal brasileira estaria mais interessada nesse garoto do que...

— Eu disse que a Organização vai partir para a ação direta, não disse? Pois

parece que essa ação deve começar pelo Brasil, detetive Andrade. O tal Max Godson deve estar se preparando para levantar vôo de Durban a esta hora, acompanhado de um rapaz que tem sido seu companheiro inseparável na África do Sul e que deve ser um jovem agente da Organização, naturalmente. O avião trazendo o Esperado deve aterrissar no aeroporto de Cumbica amanhã à tarde!

As luzes da reportagem de televisão acenderam-se quando a porta da sala dos médicos se abriu. Repórteres com microfones na mão cercaram o Doutor Pacheco e o detetive Andrade, todos fazendo perguntas ao mesmo tempo.

Andrade procurou defender-se da claridade tapando os olhos com as mãos. Atrás do grupo de repórteres estavam os cinco meninos que aguardavam ansiosos na recepção do hospital. Protegida pelos óculos escuros, a visão do Doutor Pacheco estava menos afetada pelas luzes do que a de Andrade, e o agente federal ordenou, olhando para o grupo dos cinco Karas:

— Prendam aquele menino!

Seu olhar estava fixo em Chumbinho.

14. Eles vão continuar matando!

A sala dos médicos parecia pequena para tanta gente.

Os cinco Karas estavam agora cercados pelos agentes federais, e Andrade agia como um pai que procura proteger os filhos de alguma ameaça pouco definida.

O Doutor Pacheco movia os olhos do rosto de Chumbinho para uma foto que trazia nas mãos e de volta para o menino, sem saber o que pensar:

— Impressionante! Impressionante!

A confusão reinou por mais algum tempo. Os federais queriam expulsar os meninos do hospital e permanecer apenas com Chumbinho. Andrade esfalfava-se, vociferava, ameaçava novamente com a imprensa, tentando manter o grupo unido, e exigia maiores explicações para o estranho comportamento do Doutor Pacheco e dos federais.

Aos poucos, mais uma vez, o gordo detetive conseguiu o que exigia, e o Doutor Pacheco concordou em explicar tudo, mesmo na frente daquelas cinco jovens testemunhas, que ele se recusava a admitir que poderiam ter alguma coisa a ver com o caso.

— O senhor está me levando à loucura, detetive Andrade! Está bem! Sente-se e pare de gritar que eu lhe digo o que está acontecendo!

— Eu sei ouvir muito bem em pé, Doutor Pacheco!

Por um momento todos se calaram dentro da sala dos médicos. O Doutor Pacheco esperou um pouco para assegurar-se de que a paz estava mesmo restabelecida e estendeu a foto para Andrade:

— Veja o senhor mesmo, detetive Andrade!

O gordo detetive pegou a foto e estranhou:

— Uma foto de Chumbinho? O que o senhor está fazendo com uma foto de Chumbinho?

— A foto não é de nenhum chumbinho nem ferrinho, detetive Andrade! É uma foto do menino Max Godson, o Esperado!

Dessa vez todos os Karas começaram a falar ao mesmo tempo e foi preciso mais algum esforço para controlar a situação. Mas Magri só se calou depois que Andrade obteve licença para repetir para os Karas, palavra por palavra, tudo o que a Polícia Federal sabia sobre Max Godson e sobre a Organização.

— Em que ninho de vespas nos metemos, pessoal! — exclamou Chumbinho, todo feliz por sentir-se o centro das atenções: — Quer dizer que o tal nazistinha é parecido comigo? Deve ser muito bonito esse danado!

Miguel interrompeu a euforia do amigo e impôs-se, exigindo a atenção de todos os presentes. Mesmo os experientes membros da Polícia Federal dobraram-se à força do rapaz, cujo poder de liderança era claríssimo.

— É preciso agir depressa! Se o tal Max Godson chega amanhã, não podemos perder tempo. O que a Polícia Federal pretende fazer? Descobrir quem receberá

o garoto no aeroporto de Cumbica? Segui-lo depois? Descobrir para onde ele será levado? E daí? As forças policiais de todo o mundo têm espionado esse menino, Max Godson, na África do Sul, têm até tirado fotografias dele, mas o que descobriram até agora? Como saber quais os planos da tal Organização? Sendo ou não espionados por vocês, eles vão continuar matando!

O Doutor Pacheco perdeu a paciência com a petulância daquele rapazinho que ousava tomar satisfações da Polícia Federal:

— O que você sabe de nossos métodos, menino? É muito irregular tudo o que está acontecendo por aqui! Você nunca deveria ter ficado sabendo de tudo isso! O que você tem de fazer agora é voltar para casa e ir para a cama, que é onde deveria estar um rapaz da sua idade a uma hora destas!

Andrade interrompeu:

— O senhor não conhece este rapaz, Doutor Pacheco. Se quer o meu conselho, é melhor tê-lo ao seu lado do que contra o senhor...

Miguel procurou ser conciliador:

— Desculpe, Doutor Pacheco, estar interferindo no seu trabalho. Acontece que Solomon Friedman era um grande amigo de Calú e todos estamos querendo ajudar a Polícia Federal a descobrir quem assassinou o amigo do nosso amigo. Não quero prejudicar o seu trabalho; quero apenas sugerir uma maneira de descobrirmos de uma vez por todas tudo o que está por trás dessa sinistra Organização.

— Muito bem, rapazinho. O que você sugere? Que prendamos o tal Max Godson e quem mais vier recebê-lo no aeroporto? Sob que acusação? Como poderemos interrogá-lo? Até o momento, a Organização não cometeu nenhum delito às claras que nos autorizasse a...

— Nada de prender ninguém, Doutor Pacheco. O meu plano é o seguinte...

— É claro que eu topo! — concordou Chumbinho, que jamais tirava o corpo fora, mesmo diante de uma missão arriscada como aquela. — O problema é que eu não falo alemão!

— Mas eu falo! — atalhou Calú. — O senhor não disse, Doutor Pacheco, que o tal Max Godson vem na companhia de um rapaz um pouco mais velho, que tem sido companheiro dele na África do Sul? Eu serei esse rapaz!

— Mas você não é nem um pouco parecido com o jovem companheiro de Max Godson! — argumentou Andrade.

— Isso não importa! Temos de arriscar! — atalhou Magri. — Talvez nenhum membro da Organização, aqui no Brasil, conheça o companheiro de Max Godson. E, além de tudo, Calú é um ator. Ele saberá convencer quem ele quiser de tudo o que ele quiser!

E olhou com orgulho para Calú.

Meio enciumado, Miguel repetiu a última parte do seu próprio plano, reforçando os argumentos:

— É só deter Max Godson e seu amigo por algum tempo. Calú e Chumbinho, fazendo-se passar pelos dois, serão recebidos imediatamente e levados embora. Ai, será só os agentes federais seguirem discretamente o carro em que os dois forem embarcados e...

O Doutor Pacheco abriu os braços:

— Esse é o plano mais maluco que já ouvi! Como vamos manter os dois viajantes detidos "por algum tempo"? E o que vamos fazer com... Espere aí! O que eu estou dizendo? É claro que eu não posso deixar vocês se envolverem nisso, seus fedelhos! Vocês estão me pondo maluco! Vou perder meu cargo se permitir que vocês continuem com essa história! E os seus pais? A polícia existe para manter a população afastada de confusões e não pode permitir que jovens como vocês se envolvam em nossos problemas! Não, não e não! Está encerrado! Chega!

Crânio resolveu entrar na discussão, usando uma tática diferente. Era quase impossível imaginar que os Karas pudessem se envolver numa investigação com a Polícia Federal, como se fossem adultos, mas ele acreditava na sua própria capacidade de persuasão:

— O Doutor Pacheco tem razão, pessoal. Nenhum de nós pode discutir com a experiência de uma autoridade policial como ele. Como está, o plano tem muitos pontos fracos e o Doutor Pacheco não poderia concordar com ele. Vai ser difícil deter os dois nazistinhas no aeroporto de Cumbica sem criar um incidente internacional...

— Eu não disse? — interrompeu o agente de óculos escuros. — Esse plano não passa de uma estripulia de crianças!

— Só que é possível fazer uma boa estripulia, Doutor Pacheco — continuou Crânio. — Acho que não será difícil para o senhor, com toda a sua autoridade, conseguir que o comandante do avião desvie o pouso para o aeroporto de Viracopos, em Campinas, em vez de pousá-lo no aeroporto de Cumbica, em Guarulhos...

— Ora, garoto! Isso é impossível! Onde já se viu desviar a rota de um Jumbo daquele tamanho sem uma razão muito forte?

Crânio agia com um cinismo incrível:

— Então está bem, Doutor Pacheco... Vamos esquecer tudo isso. Eu pensei que o senhor tivesse autoridade suficiente pelo menos para desviar um simples avião pelo bem da segurança nacional...

O agente pôs-se em brios:

— Você está duvidando da minha autoridade? Quem lhe disse que eu não tenho autoridade para desviar um aviãozinho daqueles?

— Mas é um Jumbo, Doutor Pacheco...

— O que importa não é o tamanho do avião, rapazinho! É o tamanho da autoridade! O que é que você está pensando?

— Ótimo! Temos sorte de contar com o apoio de uma autoridade como o senhor. Então é só ordenar para o comandante do Jumbo que desvie o pouso para o aeroporto de Viracopos, em Campinas, sem avisar os passageiros. Os dois garotos, que naturalmente não conhecem qualquer aeroporto brasileiro, vão sair para o saguão como se tudo estivesse normal. Na certa eles vão fazer algum sinal, vão usar uma senha, qualquer coisa que atraia os homens que estariam ali para recebê-los e que mostre para eles que está tudo normal para o contato. Naturalmente não haverá ninguém, Doutor Pacheco, mas agentes seus, disfarçados, estarão espionando cada gesto dos dois. Será só telefonar para o aeroporto de Cumbica, onde nós estaremos, e informar todos os gestos feitos pelos dois rapazes. Bastará então que Calú e Chumbinho saiam para o saguão do aeroporto de Cumbica e façam os mesmos gestos. Desse modo, os homens que estarão lá para receber os dois nazistinhas não desconfiarão de nada e farão contato com Chumbinho e Calú com toda a tranquilidade!

— Genial! — exclamou o Doutor Pacheco.

— Não sou? — sorriu Crânio, triunfante.

15. Dublê de nazista

O problema dos pais ficou resolvido da forma costumeira: Chumbinho comunicou que dormiria na casa de Calú para receber algumas explicações sobre a matéria que cairia na "prova" do dia seguinte e iria para o colégio com o amigo. Os cinco Karas sabiam como manter seu incrível disfarce: os pais de todos eles estavam convencidos de que seus filhos jamais se metiam em confusões.

O agente de óculos escuros acabou concordando com a maluquice daqueles garotos. Concordando? Bem, na verdade, o plano foi impingido a ele como um purgante. Sua vaidade fora provocada do modo certo e, agora, o plano de Miguel e de Crânio era para ele uma questão de honra.

Os dois garotos quase não descansaram naquela noite, preparando-se para os papéis que desempenhariam na manhã seguinte. Chumbinho estava excitadíssimo, e Calú orientou-o como pôde na arte de representar. Era alta madrugada quando Calú adormeceu, pensando que o amigo daria um Max Godson mais ou menos.

"Tomara que os nazistas não desconfiem..."

Depois de uma noite de sono, ou melhor, depois de ficar acordado rolando na cama a noite inteira, Andrade parecia um grande bebê ranzinza:

— Já estou cheio de fazer tudo o que vocês dizem, seus danadinhos! — desabafou Andrade na manhã seguinte, quando todos se reuniram na sala da Polícia Federal, no aeroporto de Cumbica, em Guarulhos, perto de São Paulo.

— Eu devia estar maluco quando concordei com a maluquice do plano de vocês!

O enorme jato procedente da África do Sul pousou no horário previsto, só que no aeroporto de Viracopos, em Campinas, e não no de Cumbica. Seguindo as orientações recebidas pelo rádio, o comandante da aeronave não comunicou a mudança de destino aos passageiros. Garantiram-lhe que tudo ficaria esclarecido e que a situação estava sob controle. Assim, os passageiros daquele vôo desceram normalmente e dirigiram-se para o local onde apresentariam os passaportes.

Ao mesmo tempo, no aeroporto de Cumbica, os alto-falantes anunciaram o pouso do vôo procedente da África do Sul, para que nenhuma suspeita fosse despertada nas pessoas que pudessem estar à espera de algum passageiro. Como é normal que passageiros do exterior percam bastante tempo na alfândega antes de sair para o saguão, Calú e Chumbinho tinham tempo para fazer o que tinha de ser feito.

Em Viracopos, os funcionários da alfândega deram um jeito de fazer com que os passaportes e as bagagens de dois jovens passageiros fossem liberados em primeiro lugar.

Naturalmente os documentos dos dois viajantes estavam corretíssimos, com

as devidas autorizações de seus responsáveis na África do Sul e com o visto de entrada no Brasil. Assim, os dois garotos saíram para o saguão do aeroporto de Viracopos sem qualquer suspeita de que aquele era o aeroporto errado.

A partir daquele momento, cada movimento dos dois era observado, anotado e relatado a um agente que estava com o celular na mão, em contato com o agente de óculos escuros, no aeroporto de Cumbica.

— Os dois entraram no banheiro, Doutor Pacheco. Quer que a gente vá ver o que eles estão fazendo?

— O que eles estão fazendo no banheiro eu sei, seu cretino! — gritou a voz do Doutor Pacheco, do outro lado da linha. — Verifique apenas se alguém os seguiu. Veja se eles saem sozinhos de lá!

Os dois pareciam agir com calma. Foram até a bonbonnière do saguão e compraram alguma coisa. Saíram do aeroporto e postaram-se no fim da fila dos táxis enfileirados à frente do aeroporto. Se algum deles coçava a cabeça ou metia as mãos nos bolsos, o Doutor Pacheco ficava sabendo na mesma hora.

— Um deles está metendo o dedo no nariz, Doutor Pacheco!

— Um deles está metendo o dedo no nariz, Crânio! — repetiu o Doutor Pacheco para o rapaz ao lado dele.

— Continue ouvindo, Doutor Pacheco. Isso não deve ser um sinal.

Em certo momento, o agente comunicou ao Doutor Pacheco que os nazistinhas mostravam-se perturbados.

— Aí está! — gritou Crânio. — Estão nervosos porque já fizeram o sinal e não apareceu ninguém! Seus agentes não conseguiram perceber o sinal, Doutor Pacheco!

De Viracopos, o agente informou que os garotos tinham voltado à bonbonnière e comprado mais alguma coisa.

— É isso! — exclamou Miguel, batendo na testa. — O sinal é a compra na bonbonnière. Mande os seus agentes esperarem que os garotos se distanciem e depois descubram o que eles disseram à vendedora, o que perguntaram, tudo!

O Doutor Pacheco transmitiu a ordem e, em poucos minutos, veio a resposta:

— Engraçado, Doutor Pacheco... O mais velho falou em português!

— Ele está bem treinado para vir para o Brasil, Doutor Pacheco — comentou Crânio. — Pergunte o que o garoto falou!

— O que ele disse? — perguntou o Doutor Pacheco, ao telefone.

— Ele pediu chicletes e disse à moça da bonbonnière que chocolate faz mal para quem tem pele muito branca. Coisa mais idiota de se di...

— Idiota é você! — berrou o Doutor Pacheco. — Preste atenção no serviço e guarde seus comentários para você mesmo!

— Espere, Doutor Pacheco! — a voz vinha preocupada, do outro lado. — O menor deles está chorando!

— Isso deve ser outra senha, Calú — concluiu Miguel, depois de receber a

informação através do Doutor Pacheco.

— Estão prontos?

— Claro que sim! — riu Chumbinho muito decidido.

— Então, boa sorte, meninos! — sussurrou Andrade.

— Por que você não deseje "merda" para nós?

— Hein?

— Nada, Andrade... — sorriu Calú. — Você não é de teatro, né?

Em Viracopos, os dois nazistinhas de verdade começaram a mostrar sinais de pânico. Foram até o balcão de informações e o mais velho reclamou esclarecimentos, em bom português.

Depois de algum tempo, uma agente federal muito solícita, que se fazia passar por funcionária da companhia aérea, concordou que aquele não era o aeroporto onde os dois jovens pensavam estar desembarcando.

— Desculpem... — disse ela, sorrindo. — Vamos providenciar para que vocês dois sejam embarcados imediatamente para o aeroporto onde estão sendo esperados. Acompanhem-me, por favor...

Foi assim que, "por engano" e sem que os dois garotos desconfiassem, eles foram gentilmente embarcados em um vôo para Sydney, na Austrália, que decolaria naquele momento. Desse modo, os dois nazistinhas só poderiam comunicar-se com a Organização quando o avião fizesse escala!

A Polícia Federal teria cerca de doze horas para agir antes que a troca fosse descoberta.

Carregando sacolas de mão como qualquer passageiro que desembarca, Calú e Chumbinho saíram para o saguão do aeroporto de Cumbica. Na sacola de Calú estava instalado um transmissor, menor que uma moedinha, que emitia bips para um aparelho receptor instalado em um carro da Polícia Federal.

Calú e Chumbinho agiram com a maior tranquilidade do mundo e dirigiram-se à bonbonnière.

Calú pediu chicletes, falando em português, com um leve e perfeito sotaque alemão.

A moça da bonbonnière sorriu para ele, falando com um sotaque bem mais carregado:

— Os meninos não querem chocolate?

— Chocolate faz mal para quem tem pele muito branca — respondeu Calú.

Sussurrando, a moça informou no mesmo instante:

— Tudo está bem. Podem ir para o local de encontro.

Calú sentiu-se gelar. E agora? Onde era o tal local de encontro? Os dois alemãezinhos haviam saído para o final da fila dos táxis. Seria lá?

— Venha! — comandou Calú.

Chumbinho procurava assumir um ar de "esperado", embora ele não fizesse a menor idéia de como deve agir um menino que está sendo esperado por uma

associação de nazistas.

Andaram calmamente para o ponto de táxi, na saída do aeroporto. Do ponto de táxi, um dos motoristas começou a vir na direção deles. Naquele momento, Calú concluiu que Chumbinho deveria agir como agira o verdadeiro Max Godson em Viracopos.

— Chore, Chumbinho! — sussurrou Calú.

— Como?

— Chore! Esgoele-se como um garotinho!

E Chumbinho fez o maior escarcéu!

Os motoristas de táxi estranharam ao ver aquele garoto chorando tão desconsoladamente. O motorista que vinha vindo parou. Outros dois começaram a se aproximar, com aquele jeitão de adulto que vem socorrer criança. Em volta, alguns "transeutes" aproximaram-se. Eram, sem dúvida, os agentes do Doutor Pacheco.

Foi nesse momento que, em diferentes pontos do aeroporto de Cumbica, ouviram-se explosões ensurdecedoras!

Um pandemônio dos diabos tomou conta do aeroporto. As explosões provocaram nuvens de fumaça, e uma gritaria de final de campeonato de futebol ressoou pelos enormes vãos livres do prédio do aeroporto.

Alguma coisa rolou pelo chão entre os garotos e o grupo de "transeutes", bateu na parede e começou a silvar, soltando um forte jato branco.

Uma bomba de fumaça!

Quase abafado pelo ruído das explosões, um outro ruído aproximou-se por cima deles. Calú levantou os olhos.

Era o ruído das pás de um helicóptero!

— Kommen Sie! — ordenou uma voz, atrás do garoto.

Calú voltou-se. Era a moça da bonbonnière que segurava seu braço e o empurrava. O motorista de táxi havia agarrado Chumbinho, e os dois foram empurrados por alguns metros na direção do helicóptero que pousava. Braços fortes puxaram os dois para bordo.

— Sieg Heil!

A sacola caiu das mãos de Calú quando o helicóptero levantou vôo.

16. Os Karas não se entregam facilmente

Quando o efeito das bombas de fumaça se dissipou, parecia que um terremoto havia abalado o aeroporto de Cumbica. Foi preciso muito tempo para todos ficarem convencidos de que ninguém fora ferido, mas todo mundo ainda berrava e tremia, sentindo-se envolvido em um verdadeiro atentado terrorista.

No meio do caos, o Doutor Pacheco era o mais histérico de todos, certo de que seria responsabilizado por todas as conseqüências.

— Inferno! Eu bem que disse que essa loucura não ia dar certo! E agora? E agora? Vou perder meu cargo!

— Que se dane o seu cargo! — Andrade estava a ponto de agredir o empreado agente federal. — Vocês perderam Chumbinho e Calú! Agora eles estão nas mãos dos bandidos. E vocês não têm nem idéia do lugar para onde eles foram levados!

Miguel apanhou a sacola de Calú, caída no asfalto. Chegou-se perto de Andrade e puxou o detetive pelo paletó:

— Venha, Andrade. De que adianta botar a boca no mundo? Deixe os federais cuidarem dessa confusão. Onde está o seu fusquinha? Vamos voltar para São Paulo.

Em poucos minutos, Andrade estava dirigindo pela Rodovia dos Trabalhadores com Miguel, Crânio e Magrí.

Sua cabeça fervilhava em busca de alguma ponta daquele novelo que ele pudesse puxar a fim de descobrir para onde tinham sido levados Calú e Chumbinho.

Magrí comportara-se como um Kara, com valentia, durante toda a confusão. Mas, ao entrar no fusquinha, deixou que as lágrimas corressesem livres por seu lindo rosto:

— Calú... meu querido... Chumbinho! Ai, onde estão vocês? O que é que nós vamos fazer?

Andrade tentou dizer alguma coisa, consolá-la, mas tudo o que pôde fazer foi chorar junto com a menina.

Calú e Chumbinho estavam nas mãos dos bandidos mais fanáticos que Andrade já combatera. Se a farsa fosse descoberta, eles poderiam desaparecer para sempre... Os nazistas não teriam piedade!

Sentado no banco de trás, junto com Miguel, Crânio passou suavemente as mãos pela maciez dos cabelos de Magrí, como se consolasse uma criança.

— Calma, gente, calma... Não adianta perdermos a cabeça. Nós vamos descobrir para onde Calú e Chumbinho foram levados...

Miguel tomou a liderança:

— Pare na primeira lanchonete que encontrar na estrada, Andrade. Precisamos pôr as idéias no lugar.

Calú agiu como o excelente ator que era. Mostrou-se entusiasmado e

procurou demonstrar perfeito domínio da situação, como se o garoto que acompanhava dependesse totalmente dele.

O genial ator do grupo dos Karas percebeu aliviado que agira corretamente ao mandar Chumbinho chorar.

Eles haviam usado a senha correta com a mulher da bonbonnière, mas havia alguma outra, que deveria ser dita ao falso motorista de táxi. Como esta eles não conheciam, o próximo procedimento era mesmo fazer o Esperado chorar. E ele estava certo: o choro do Esperado era outra senha que indicava que alguma coisa não estava correndo bem, e era também a ordem para precipitar a operação mais arriscada, com as bombas de fumaça e o helicóptero. Se Chumbinho não tivesse chorado, eles não teriam dito nenhuma senha para o motorista de táxi e todo o plano teria ido por água abaixo.

Apesar de todo o risco que corriam agora, Calú sentiu-se quase satisfeito. Por enquanto, o plano corria bem.

Ele estava na pista do assassino do seu querido professor de teatro!

Chumbinho notou que a sacola de Calú caíra quando eles tinham sido içados para o helicóptero. Agora, a Polícia Federal não poderia segui-los. Estavam sozinhos.

Tudo dependeria somente deles. Inclusive suas próprias vidas... Não sentiu medo, porém. Só um leve tremor, certamente devido ao forte vento provocado pelas pás do helicóptero.

Viu que Calú agia com segurança, rindo, comemorando o sucesso do resgate e falando animadamente em alemão com o piloto, com o falso motorista de táxi e com a moça da bonbonnière. Compenetrou-se no papel do Esperado. O garotinho sabia que seria absurdo permanecer calado. Ele não falava alemão, mas os dois tinham combinado uma saída durante os ensaios daquela noite, na casa de Calú. Voltou-se para o amigo, rindo de modo encantador e falando em Código Vermelho:

— Pomberr enterstais nãisomber
enterspenterráisvaisombers,Caislúfter.Omber
traisnsmiinissomberrcaisinisufter. Enterlenters aisgomberrais vãisomber tenterr
denter aiscenterdinistaisr nais genterntenter, senternãisomber,
enterstaisombers frinistombers!

Os dois tripulantes e a mulher olharam espantados para Chumbinho, sem entender o que ele dizia. Calú apressou-se a explicar em alemão:

— O Esperado está falando em afrikaans, que é a língua dos afrikaners, os arianos da África do Sul, Kameraden. Por razões de segurança, ficou decidido que o Esperado só deverá falar em afrikaans, uma vez que, para todos os efeitos, ele é da África do Sul, e em português, pois aqui será erguido o IV Reich. Ele foi perfeitamente treinado em português, para comandar daqui a nossa operação. O Esperado é muito inteligente, Kameraden. Fala qualquer língua. Fala até bantu,

que é a língua dos miseráveis negros da África do Sul. Querem ver?

Voltou-se para Chumbinho:

— Enterufter dinissnter quenter vombercênter faislaisvais ais linisnguais dombers aisfriniscainombers, Chuftermbinishomber. Dinisgaisquaisquenterr comberinissais paisrais inismprenterssinisombernaistr enterstenters caisnaislhaiss...

Dizer qualquer coisa? Chumbinho adorou a brincadeira:

— Jabaculé! Na tonga da mironga do kabuletê! Sarava!

Aquilo estava começando a ficar divertido!

— Viram?

— O que disse o jovem Führer, Kamerad?

— Ele disse que está muito feliz pelo fato de ter sido resgatado por soldados tão competentes como vocês e que haverá de conceder as primeiras medalhas do IV Reich para todos os três. Disse que a edificação do nosso novo império depende da competência de arianos como vocês!

— Tudo isso?

— É que a língua dos bantu é muito econômica, vocês sabem... Eles são tão pobres...

O helicóptero começou a descer. Embaixo, estendia-se uma imensa propriedade murada, onde campos e jardins muito bem-cuidados circundavam uma grande construção. Aquele deveria ser o destino final da curta viagem. Para Calú foi fácil localizar-se. O helicóptero tinha voado rumo oeste. Embaixo, estava a rodovia Raposo Tavares. O sítio devia ficar em algum ponto entre os municípios de Cotia e Vargem Grande.

Magrí voltou do lavatório da lanchonete com outra expressão. Lavara o rosto, ajeitara o cabelo e já recuperara o controle. Era novamente um Kara. Aproximou-se da mesinha onde os outros três estavam instalados. Andrade devorava um enorme sundae. Crânio e Miguel não quiseram nada. Raciocinando, o gênio dos Karas tocava a sua gaita, baixinho, com uma melodia tão suave que acalmava os espíritos perturbados de todos.

A menina sentou-se e encarou os amigos. Sua voz estava emoldurada pelo delicado fundo musical da gaitinha de Crânio.

— Vamos colocar em ordem tudo o que sabemos: pelo que Calú nos contou, Solomon Friedman e Ferenc Gábor só se conheceram e estiveram juntos no campo de extermínio de Sobibor. Nunca mais se encontraram desde então. Se alguém tem algum motivo para querer eliminar os dois, só pode ser alguém que Gábor e Solomon conheceram naquele inferno. Algum oficial sádico que corra o risco de ser julgado como criminoso de guerra.

Lembram-se do panfleto amarelo? Lá estava escrito: "Ninguém escapa ao meu inferno!" E quem pode ser "dono" do inferno de Sobibor?

— O demônio, como eu já disse... — lembrou Crânio, interrompendo a

melodia.

— Ou poderia ser um anjo, Crânio... Um anjo tristemente especial... —
aparteou Miguel.

— É aí que eu quero chegar, Miguel — continuou a menina, com uma
segurança que fazia esquecer sua frágil reação de ainda há pouco. — O anjo que
você citou é a nossa única suspeita lógica. Desses oficiais, temos apenas um
nome, relatado a Calú pelo velho Sol. "Ninguém escapa ao meu inferno..." estava
escrito no panfleto amarelo. E quem era o "dono" do inferno de Sobibor? Kurt
Kraut, o Anjo da morte!

Andrade raspolo o fundo da taça de sorvete:

— Esse não serve, Magrí. Esse já morreu.

— Pode não ter morrido. Pode ter conseguido fugir do tal porão, depois da
explosão da granada.

— Mas os russos disseram...

— De acordo com o que contou o velho Sol, os russos não tinham registros
precisos daquela noite. O que é fácil de se compreender: quem se preocuparia
com anotações detalhadas no meio daquele caos?

— Se Kurt Kraut tivesse sobrevivido — observou Crânio —, ele
provavelmente usaria o nome de Davi Segai.

Devemos então procurar por algum Davi Segai que, se existir, deverá morar
em São Paulo, ou perto daqui, escondido como um tatu, por se sentir em risco de
ser desmascarado por Solomon Friedman.

O líder dos Karas voltou-se para Andrade, como se o experiente detetive
fosse um simples auxiliar:

— Se esse Davi Segai existe, como você poderia descobrir?

— Posso ver nos registros do Tribunal Eleitoral. Se ele for eleitor, estará
registrado lá. Como ele não se naturalizou, pode não ser eleitor. Neste caso,
estará registrado na Delegacia de Estrangeiros.

— Você conhece gente lá? Pode investigar por esse lado?

— É claro que posso!

17. Sieg Heil, Chumbinho!

O helicóptero pousou lentamente, como um enorme ventilador brinçalhão que se divertia desarrumando aquela pequena multidão, cuidadosamente vestida e penteada para o grande momento.

Ao surgir na porta do helicóptero, Chumbinho sentiu-se uma espécie de Caramuru, logo depois de fazer soar o trovão de seu bacamarte e prostrar em admiração uma tribo de índios ingênuos.

Os braços de todos se esticaram com as palmas das mãos estendidas para a frente e todas as vozes berraram, ao mesmo tempo:

— Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!

— Pufterxais! Enterstenter taisl denter Enterspen terraisdomber denterverter mentersmomber senterr aislguén term mufterinistomber inispomberrtaisntenter, Caislufter!

À frente da multidão, um velho empertigado parecia ser a figura mais importante. Dirigiu-se respeitosamente na direção de Chumbinho e falou em alemão:

— Mein Führeú Em nome do Supremo Komand da Organização, eu lhe dou as boas-vindas!

Também em alemão, Calú interrompeu com arrogância, do jeito que tinha aprendido nos filmes de guerra:

— Kamerad! Por razões de segurança, o Esperado decidiu que só devemos falar em português, uma vez que estamos neste país!

O velho alemão pareceu surpreso e perguntou, ainda em alemão:

— Só em português? Por quê?

Naquele momento, Calú parecia Charles Chaplin na sua clássica interpretação de Adolf Hitler no filme O grande ditador.

— O senhor, quem é?

— Eu? Sou o Komandant da Organização no Brasil...

— Então, como Komandant, o senhor devia ser o primeiro a saber que ninguém, mas ninguém mesmo, tem o direito de perguntar as razões daquilo que o Esperado decidiu!

— Sim, claro... Entschuldigung...

— Entschuldigung, não, Komandant! — berrou Calú. — Diga "desculpe", em português!

A ousadia de Calú era demais! Mas, talvez mesmo por ser demais, o velho Komandant estava quase chorando ao dirigir-se a Chumbinho:

— Desculpe, mein Führer... desculpe... Posso dizer mein Führer?

— Não! — Chumbinho procurou agir exatamente como vira Calú fazer. — Diga "meu Guia"!

— Meu Guia...

— Outra vez!

- Meu Guia!
 - Mais alto!
 - Meu Guia!
 - Agora todo mundo junto! Vamos lá: meu Guia!
- E a pequena multidão gritou, em uníssono:
- Meu Guia!
 - Agora gritem "viva"!
 - Vivaaa!
 - Três vezes!
 - Viva! Viva! Vivaaa!

Chumbinho estava se divertindo como nunca!

Os três Karas tentaram atender ao mesmo tempo quando tocou o telefone público da lanchonete onde os três tinham combinado esperar pelo resultado das investigações de Andrade.

Do outro lado da linha, o gordo detetive esfriou a expectativa dos garotos. Informou que acabara de telefonar para seu amigo influente no Supremo Tribunal Eleitoral.

O tal amigo consultara os computadores e... nada! Seus contatos na Delegacia de Estrangeiros também não encontraram nenhum Davi Segai registrado. Aquela pista dera em nada!

— Além dessa decepção, eu só tenho uma novidade, Miguel — informou o detetive. — A perícia concluiu que a bala que matou Solomon Friedman saiu da mesma arma com que atiraram contra Ferenc Gábor!

— E daí, Andrade?

— Daí que estamos na mesma, Miguel...

Miguel desligou e ficou olhando para o telefone da lanchonete como se ali pudesse ver a expressão derrotada do seu amigo detetive. E agora? O que fazer? Calú e Chumbinho estavam em mãos perigosíssimas e totalmente desconhecidas. Para que lado andar? Como investigar?

Crânio estava tenso. Empunhou a gaitinha e começou a passá-la pelos lábios, sem dela tirar nenhum som. Magrí sentiu duas lágrimas quentes escorrerem-lhe pelo rosto.

— Chumbinho... Calú... meu querido... — balbuciou a menina.

Em momentos como aquele, a liderança de Miguel tinha de mostrar-se ativa. Era preciso manter os Karas em ação:

— Temos uma outra pista, Karas. Não parece muito forte, mas o jeito é seguir o que há para ser seguido. Se não achamos Davi Segai, vamos seguir Ferenc Gábor!

— Ferenc Gábor? — repetiu Magrí. — Não é preciso segui-lo. Nós sabemos que ele está no hospital. Logo que melhorar, Andrade vai interrogá-lo. Só que eu acho difícil que haja alguma coisa que ele possa nos contar...

— Ferenc Gábor nunca esteve antes no Brasil, Magri — continuou Miguel. — Mas Chumbinho disse que já tinha ouvido esse nome em algum lugar. Que já tinha lido esse nome, talvez no próprio Colégio Elite.

— É verdade — concordou Crânio, guardando de novo a gaitinha. — Ele disse isso no fusquinha, quando Andrade foi nos pegar no Elite, e repetiu a mesma coisa no bosque do Ibirapuera, depois que Calú nos contou a história do velho Sol. Ele disse que talvez tivesse lido o nome de Ferenc Gábor no laboratório do Colégio Elite.

— Essa pode ser a outra ponta do novelo — continuou Miguel. — Se Chumbinho tivesse lido o nome de Ferenc Gábor na biblioteca, isso não teria a menor importância. Mas o laboratório não é o lugar certo para se ler sobre arte!

Magri enxugou as lágrimas e levantou-se:

— Está bem, Miguel. Sei que vai nos adiantar muito pouco saber onde Chumbinho ouviu falar de Ferenc Gábor.

Mesmo que exista um outro sujeito com o nome de Ferenc Gábor em São Paulo, isso na certa não terá nada a ver com o caso. Provavelmente não vai nos adiantar nada encontrar um xará de Ferenc Gábor. Sei que a única investigação que poderia dar em alguma coisa seria se encontrássemos algum Davi Segai. Mas este não existe no Brasil... Então, vamos atrás do que é possível seguir!

— Está decidido, Karas — finalizou Miguel. — Vamos para o Elite, em busca de Ferenc Gábor.

— Ah, meu jovem Guia! Que prazer tê-lo aqui!

O Komandant estava muito emocionado. O momento que ele tanto esperara tinha finalmente chegado. À sua frente, no seu Kabinet, estava o Esperado, em carne, osso e sangue ariano!

Chumbinho sentou-se na cadeira alta da mesa de trabalho, e Calú, na cadeira das visitas. O velho Komandant teve de ficar de pé.

— O mundo pensa que nos derrotou, mas agora vamos mostrar a eles a força que ainda temos, meu jovem Guia! — o Komandant estava pálido, humilde, como se falasse com um deus. — Eles pensaram que o Führer tinha acabado naquela madrugada, no Bunker da Chancelaria! Mas eles não sabiam da grande paixão de Adolf Hitler!

Sobre a mesa do Komandant estava um velho porta-retratos com uma foto, amarelecida pelo tempo, de uma jovem cujos traços mal dava para se distinguir. Calú olhou.

A moça não se parecia com Eva Braun, a mulher que se casara com Hitler poucas horas antes de os dois se suicidarem, em 1945, no esconderijo subterrâneo da Chancelaria do III Reich, em Berlim, quando a guerra já estava perdida para os nazistas.

O velho Komandant levantou-se e pegou o porta-retratos.

— Aqui está, meu Guia! Geli Raubal, a sobrinha do grande Hitler, que teve a

honra de ter sido amada pelo Führer... ahn... desculpe, pelo Guia... pelo Guia de todos nós! Ela morreu em 1931, na casa de campo que tem o mesmo nome deste castelo, meu Guia: Wachenfeld. E ninguém ficou sabendo que a amada de Adolf Hitler tinha deixado uma filha! Uma filha do grande Adolf Hitler!

O velho estava quase em lágrimas.

— A menina foi guardada como uma relíquia. Poucos souberam do seu paradeiro. Mas, secretamente, a dinastia do grande Hitler continuou até que pudéssemos ter a sua pessoa, meu Guia, para reconduzir a todos nós de volta ao nosso passado de glória!

O velho estava à beira de um colapso de euforia, e os dois meninos tiveram de segurar-se na cadeira para resistir à revelação:

— O senhor, meu jovem Guia! O bisneto de Adolf Hitler!

O almoço foi servido no vasto salão nobre de banquetes do Castelo Wachenfeld. Na mesa de mogno entalhado caberiam umas quarenta pessoas, mas havia só três: Chumbinho, à cabeceira, quase enterrado na cadeira de espaldar alto, o Komandant à sua direita e Calú à sua esquerda.

A comida alemã estava muito bem preparada, mas Chumbinho pouco tocou nos vários pratos que desfilaram à sua frente. Na pele do Esperado, Chumbinho deveria agir como se soubesse de todos os planos da Organização. Mas não sabia o que dizer. Tudo o que conseguia era manter uma arrogante superioridade, enquanto Calú, que também não sabia o que dizer, falava o tempo todo, dando ordens, recusando certa comida, mostrando-se importante.

Mas o alemão não parecia desconfiar de nada. Falava sem rodeios, pois havia represado durante anos o entusiasmo pelos novos tempos de poder que agora estavam próximos:

— Os preparativos estão perfeitamente de acordo com os planos, meu Guia. Nosso jovem exército está em treinamento acelerado! Que idéia brilhante, meu Guia! Um país como este, enorme, rico, mas cheio de crianças e jovens abandonados! Estamos recolhendo esses recrutas com a maior facilidade. Aqui, eles recebem o melhor treinamento militar e ideológico. São todos analfabetos, mas isso não tem importância, não é? Para que ensiná-los a ler? O que nós queremos é a carne deles, para lutar e morrer pela nossa causa! Que grande idéia, meu Guia! Que grande idéia!

"Então era isso!", pensou Calú. "Uma organização de nazistas fanáticos e enlouquecidos que recolhem crianças e jovens pelas ruas para transformá-los em soldados! Mas é com este 'exército' que os nazistas pretendem voltar ao poder? Que idéia mais maluca!"

— Os meninos adoram o Castelo Wachenfeld, meu Guia! Adoram o Lar da Juventude Brasileira. Aqui, pela primeira vez em suas vidas, estão sendo bem alimentados. Aqui eles têm uma cama quente para dormir e um médico alemão para tratar de sua saúde. Logo serão soldados perfeitos, meu Guia! Temos agora

a Brasilianische Jugend, uma reprodução perfeita da saudosa Nazijugend! A "Juventude Nazista"!

Calú sentiu vontade de chorar. O abandono de grande parte da juventude brasileira estava sendo usado por aqueles malucos para um destino ainda pior do que a miséria! Seria esse o preço que o Brasil teria de pagar pelo pecado de ter abandonado suas crianças?

Afinal, qual seria o destino delas, se aquele mundo fanático de crimes não lhes tivesse aparecido? Não seria também um outro mundo de crimes? Não seria também acabar morto pelas balas da polícia ou enterrado nas prisões?

18. O bichinho empalhado

De pé, encarando com respeito o "bisneto" de Adolf Hitler, o Komandant tomou um ar solene:

— Meu Guia, é chegada a hora de apresentar-lhe o único de nossos grandes trunfos que a Organização não transmitiu ao senhor...

— O quê?! — Chumbinho fingiu-se encolerizado. — Como alguém ousou não me contar alguma coisa? Quero saber imediatamente que raio de trunfo é esse! Depois, os responsáveis por essa traição vão conhecer o sabor da minha vingança!

Calú pigarreou, tentando mostrar ao amigo que a sua encarnação do Esperado estava meio exagerada.

Chumbinho nem ligou para a advertência e continuou agindo como um senhor feudal de filme de Idade Média:

— Cabeças rolarão! Ninguém está autorizado, está sabendo? Ninguém está autorizado a dar sequer um passo sem o meu consentimento!

— Sim... é claro, meu Guia... Mas acontece que essa informação foi guardada como uma surpresa para o senhor...

— Então me surpreenda, desgraçado! Qual é a sua maldita surpresa?

— Acompanhe-me, meu Guia. O senhor vai me perdoar depois que souber qual é a surpresa...

Chumbinho levantou-se e Calú foi atrás dele.

— Um momento! — interrompeu o Komandant. — A informação só pode ser conhecida pelo Guia, em pessoa. Ninguém mais está autorizado a...

— E quem autoriza ou desautoriza alguma coisa nesta porcaria, hein, Komandant? Quem é o senhor para desautorizar alguém que eu mesmo autorizei? O meu companheiro vai aonde eu for!

— Claro, meu Guia... desculpe... por aqui, meu jovem Guia...

— Por aqui onde, Komandant? Isto é uma estante!

— É uma porta secreta, meu Guia...

Batendo os pés, Chumbinho caminhou para a estante que o alemão lhe apontava. Calú foi atrás, segurando-se para não rir.

Chumbinho não parecia um bisneto de Adolf Hitler. Parecia um bisneto de Charles Chaplin!

Os Karas haviam faltado às aulas aquele dia, coisa difícil de acontecer. Por isso, o bedel surpreendeu-se ao ver Magrí, Miguel e Crânio chegando ao Colégio Elite quase no fim da última aula. Mas, como aquela era uma escola democrática, ninguém impediu a entrada dos três, mesmo tão fora de hora.

A encarregada do laboratório sorriu ao ver entrar Crânio, o mais competente dos seus frequentadores, e voltou a ler o que estava lendo. Os três Karas nada disseram.

Cada um sabia o que fazer. Percorreram as estantes cheias de frascos, lendo

cada rótulo, cada etiqueta. Depois de alguns minutos reuniram-se desanimados no fundo do laboratório, onde estava a seção de zoologia.

— Não adianta, pessoal — lamentou-se Crânio. — Chumbinho pode ter lido o nome de Ferenc Gábor em um folheto, em um livro, em qualquer lugar... Nunca vamos descobrir...

Miguel ficou calado. Ele sabia que aquela era uma pista fraca, uma alternativa desesperada. Agora, até mesmo aquilo tinha se transformado em nada!

Magrí acariciou um esquilo empalhado.

— Coitado do Chumbinho... Ele adorava bichinhos... Vivia dizendo que era uma maldade empalhar os bichos. Ele só gostava de bichos vivos...

Com seus olhos de vidro, o esquilo estava fixado sobre uma base de madeira, à frente da qual havia uma plaquinha metálica onde estava escrito *Sciurus kaibabensis*.

Virou o esquilo. Sob a base de madeira, havia uma etiqueta com a assinatura do autor do trabalho:

FERENC GÁBOR — ARTE EM TAXIDERMIA

O Komandant fez girar a estante, revelando uma antecâmara sem janelas. Como em um filme de terror, o alemão acendeu as velas de um velho candelabro e iluminou fracamente o caminho.

Um calafrio percorreu as costas de Chumbinho. Um verdadeiro Kara não sente medo, mas com aquela umidade... Bem, Chumbinho tinha certeza que aquilo era frio, não era medo.

Entraram por um estreito corredor que dava em uma escadaria cheia de teias de aranha. Ao lado da escada, havia uma pequena porta trancada.

— Esta porta, meu Guia, abre-se para um túnel. É uma perfeita saída de emergência. O túnel foi construído secretamente, e os homens que o construíram não existem mais. O jovem Guia vai ver: eu pensei em tudo. Só eu tenho a chave desta porta...

Um rato passou por entre as pernas de Chumbinho. O menino agarrou a mão de Calú. O amigo estava tão gelado quanto ele. Também deveria estar com frio.

Guiados por aquele velho, que parecia ainda mais terrível sob a luz das velas, os dois Karas começaram a subir a interminável escadaria desvencilhando-se de teias de aranha e respirando um ar carregado de mofo e velhice.

O Komandant não parecia fazer nenhum esforço para subir. A cada degrau, mostrava-se cada vez mais enlevado, como se estivesse subindo para o céu.

A escada enrolava-se em espiral pelo interior da torre que os dois Karas haviam visto quando o helicóptero chegou ao Castelo Wachenfeld e terminava em uma porta de madeira grossa e pesada.

O Komandant empurrou a porta, que abriu rangendo.

Através do vão da porta, o velho alemão esticou o braço que segurava o

candelabro. Calú e Chumbinho tentaram enxergar o que havia dentro do pequeno quartinho do alto da torre. O candelabro pouco iluminava e não deu para distinguir quase nada.

Um cheiro espesso ocupava o ar do quartinho. Um cheiro de morte.

O Komandant entrou primeiro e depositou o candelabro sobre uma mesinha, onde havia vários discos antigos, uma velha vitrola, um amplificador e um microfone.

Não abriu a porta-janela que devia dar para a pequena sacada que os garotos haviam visto do lado de fora, no alto da torre. Parece que o dia estava proibido de entrar naquele local. O Castelo Wachenfeld era servido por luz elétrica, mas aquele alemão parecia preferir as velas, talvez para aumentar o tom sinistro do que preservava naquele quartinho. O velho pegou uma das velas e rodeou o quartinho, acendendo vários outros candelabros.

Aos poucos, no centro do quartinho, uma sombra começou a destacar-se.

Os dois Karas seguraram a respiração, não só pela expectativa, mas para se defenderem do cheiro de mofo que infectava aquela atmosfera.

— Aqui está, jovem Guia! O grande segredo!

Aos poucos, os olhos dos dois garotos foram se acostumando com a fraca iluminação. A sombra tornou-se um pouco mais nítida.

Naquele momento, o coração de Calú disparou. Ele fez um rápido cálculo mental e exclamou:

— Caramba! Ele deve ter mais de cem anos!

Sentado numa poltrona, envergando um uniforme caqui, com a cruz suástica em vermelho no braço direito, um velho mais ou menos da idade do Komandant olhava para os visitantes com um olhar vítreo, duro, tresloucado!

O Komandant estava à beira das lágrimas quando anunciou, com a ênfase e o fanatismo que guardara por décadas:

— Aqui está, meu jovem Guia! O grande segredo que vai nos levar à vitória!

19. A pátria do crime

Calú e Chumbinho desceram a longa escada em espiral sentindo-se zonzos como se tivessem bebido. A surpresa que o Komandant lhes revelara fora grande demais! Felizmente os verdadeiros nazistinhas também não sabiam daquilo, pois do contrário a reação dos dois Karas os teria denunciado.

O velho Komandant ainda saboreava o efeito daquela surpreendente excursão, quando os três chegaram de volta ao Kabinet de trabalho do Castelo Wachenfeld. O velho serviu-se de um cálice de Schnaps e aceitou normalmente a recusa dos dois garotos aos cálices que ele lhes oferecera:

— Gut! O jovem Guia não bebe! Gut! O Führertam também não bebia!

Bebeu o Schnaps de um só gole. Quando se voltou para Chumbinho, seus olhos brilhavam, pela excitação e pelo álcool.

— Meu jovem Guia! Agora tudo está preparado. O que eu acabei de mostrar-lhe terá um efeito moral avassalador, tanto para dar ânimo ao nosso pessoal quanto para arrasar nossos inimigos! Na próxima semana, nossos aliados começarão a chegar ao Castelo Wachenfeld. Nossos planos, meu jovem Guia, já podem passar do papel para a ação!

Com o ar mais tranqüilo do mundo, Chumbinho perguntou:

— Fale-me desses planos, Komandant!

O velho pareceu surpreendido:

— Como? O senhor não está a par de...

Calú apressou-se em ajudar o amigo:

— É claro que o Guia está a par de tudo, seu velho imbecil! O senhor parece que não entende as coisas!

— Eu... quer dizer... eu pensei que...

— Pois pare de pensar e repasse os planos, idiot! Quer fazer o Guia perder tempo?

O alemão tremeu, inseguro, e desculpou-se:

— Nein... É claro... vamos repassar os planos...

Pegou um comprido rolo de papel e desenrolou-o sobre a grande mesa. Era um mapa da América Latina, desde o México até a Patagônia. Círculos negros destacavam as capitais. No Brasil, havia círculos em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

— Aqui está, meu Guia. O mapa do futuro IV Reich! Dentro de uma semana, a bandeira com a suástica estará tremulando daqui até aqui! Nossa nova pátria, meu Guia!

Calú já tinha percebido que aquele velho era um demente. A frieza e a crueldade estavam tatuadas em sua expressão, mas faltava uma coisa: inteligência. Com cuidado, era possível enrolá-lo.

— Gut, gut, Herr Komandant! O senhor está ciente de todos os detalhes do plano?

— É claro que sim, jovem Kamerad. Eu sou o Komandant da Organização no...

— Isso eu sei! Quero agora saber se fizemos uma boa escolha ao nomearmos o senhor. Repita, palavra por palavra, todos os detalhes do nosso plano!

O Komandant procurou raciocinar, mas não conseguiu uma explicação satisfatória para a ordem do companheiro do Esperado.

— Quer dizer... repetir tudo? É uma espécie de teste, Kamerad?

A autoridade de Chumbinho, na pele do Esperado, era mais forte que a de Calú aos olhos do velho. Por isso, o mais novinho dos Karas assumiu a farsa:

— Não importa saber de que espécie são as ordens que o senhor recebe! O que importa é obedecer às ordens! Quero que todos os detalhes estejam perfeitamente preparados. Eu não admito erros, Komandant! Faça o que lhe mandam, já!

— Claro... claro, meu Guia... Tudo está muito bem preparado, veja... — seu comprido indicador apontava para o mapa, à medida que falava. — O primeiro grande passo foi fazer contato com todos os grupos que controlam o crime no mundo inteiro...

A cada nova palavra do velho mais se surpreendiam os dois Karas. Para Calú, encontrar o assassino do seu velho professor de teatro parecia agora um objetivo de menor importância diante do que o Komandant dizia.

Durante décadas, os nazistas derrotados tinham ruminado uma forma de voltar ao poder, mas as lições das barbaridades por eles cometidas na Segunda Guerra Mundial haviam criado uma espécie de defesa de todos contra a louca pregação nazista. Até que as frustrações daqueles dementes encontraram um outro tipo de frustração e, conseqüentemente, encontraram seu perfeito aliado: o crime organizado internacional! Por mais lucro que tenham conseguido os criminosos que controlam a produção e o tráfico de drogas, o jogo, a chantagem e a prostituição em todo o mundo, não era possível comprar paz e tranquilidade para continuar impunemente com suas sinistras atividades.

O velho entusiasmava-se, como se esperasse uma salva de palmas ao fim de cada frase:

— Brilhante, meu Guia! Tanto eles quanto nós precisávamos de uma nova pátria, um lugar onde nossas atividades fossem legais, onde pudéssemos trabalhar sem que ninguém nos incomodasse! Era preciso um novo Estado. Era preciso conquistar uma pátria para o IV Reich!

Então era isso! Um novo Estado, uma pátria do crime, onde o Mal seria o Bem, onde o crime seria a legalidade!

Um enorme território onde a produção e o tráfico de tóxicos fossem uma atividade econômica normal! E o lugar para a instalação dessa pátria era a América Latina! E o Brasil era o centro de tudo!

— Brilhante, não é, meu Guia? Afinal de contas, o que é o Bem? O que é o

Mal? Aquilo que hoje é considerado Bem poderá transformar-se em Mal, se algum governo o proibir. E o Mal se tornará Bem quando todas essas atividades forem permitidas no novo Reich!

Usando de todo o seu talento teatral para impedir as próprias faces de corarem, Calú examinou o mapa e perguntou:

— O IV Reich, Komandant! E o plano da tomada do poder é mesmo genial, não é?

O velho caiu como um patinho:

— Wunderbahr! "Genial"! Na próxima semana, estaremos reunidos com políticos e militares corruptos de todos os países da América Latina, aqui, no Castelo Wachenfeld! Já compramos todos eles com alguns milhões de dólares. Estaremos reunidos com a presença do nosso jovem Guia! Vamos marcar o dia e a hora. Depois, no mesmo momento, serão desfechados golpes de Estado em todos os países da América Latina! Tomaremos o poder ao mesmo tempo, meu Guia! Exatamente como o seu bisavô fazia. Um Blitskrieg! "Uma guerra relâmpago"! Wunderbahr! "Maravilhoso"! Não é, meu Guia?

Chumbinho sentia seu coração bater tão forte que chegou a pensar que o alemão seria capaz de ouvi-lo.

Calú tremeu. A ousadia de Chumbinho ainda acabaria por desmascará-los.

— É claro que sim, idiot! A maior parte dessas idéias foi minha!

O raciocínio de Calú estava um rebuliço. Aquele plano era totalmente louco! Como os nazistas e os líderes do crime internacional pensavam ter sucesso com tamanha maluquice? Por mais dinheiro que tivessem, como poderiam eles esperar que as poderosas nações do planeta aceitassem esse novo Estado?

O Komandant, como se adivinhasse sua dúvida, continuou:

— Com dinheiro, meu Guia, tudo é mais fácil! O dinheiro não tem moral! Todos esses países estão atolados em dívidas com os países ricos. E não têm como pagá-las! E dinheiro é o que não falta para a Máfia e para todas as organizações que exploram as drogas e o crime. Bastará então pagar parte da dívida externa de todos os países! Nem será preciso pagar tudo, não é, meu Guia? Os banqueiros internacionais não existem se não existir quem deva dinheiro para eles! O que eles querem é receber os juros, em dia. E isso nós vamos garantir a eles! Todas as potências vão reconhecer o IV Reich na mesma hora! O crime organizado será oficial! O nazismo voltará ao poder!

Seu braço estendeu-se na saudação nazista e ele terminou, tresloucado:

— Com a vossa liderança, meu Guia, o bisneto do grande Führer, e com o conhecimento do grande segredo, que eu mesmo preparei e protegi durante todos esses anos, o IV Reich reinará sobre a Terra!

Calú raciocinava. A Polícia Federal precisava saber do que estava para acontecer. Mas a sacola com o transmissor havia caído de suas mãos quando ele subira ao helicóptero. Estavam isolados, nas mãos dos loucos mais fanáticos do

planeta!

O Komandant respirava ofegante, como se estivesse correndo enquanto discursava. Sua excitação era evidente.

Chumbinho parou de andar pela sala e falou rispidamente:

— Muito bem, Komandant. Tudo está mesmo preparado para a reunião da semana que vem? Virão todos? Os chefes do crime organizado? Os políticos e militares corruptos de toda a América Latina?

— Sim, meu Guia. Todos já confirmaram a presença.

— Certo! Quero agora ver a lista com todos os nomes!

O alemão apalpou o próprio paletó.

— A lista? Claro... está aqui mesmo... Oh, meu Guia, eu deixei a caderneta com os nomes na minha loja... eu...

— Absurdo! O senhor não tem amor à vida, Komandant?

— Eu...

— Quero essa lista, já, já!

O alemão gaguejava:

— Já, meu Guia... vou buscar imediatamente... volto em menos de duas horas...

Enquanto o Komandant, com um ar humilde, se voltava para sair da sala, Calú tentava juntar tudo o que sabia até aquele momento.

Quem seria aquele velho? Lembrou-se do relato de Solomon Friedman sobre o campo de extermínio de Sobibor e juntou-o com o grande segredo que conhecera no alto da torre. Olhos vítreos, fanáticos, fixos... Aquela imagem se somava ao pesadelo de milhares de cabeças de crianças judias embalsamadas em Sobibor. Meine Hölle... Era isso! Aquele homem só poderia ser...

— Um momento, Komandant!

O velho parou e voltou-se para o rapaz.

Calú encarou o velho e jogou sua grande cartada:

— Está tudo muito bem preparado, Komandant. Eu e o jovem Guia conhecemos todos esses detalhes melhor do que o senhor. Nós sabemos de tudo. Sabemos até quem é o senhor!

— Eu? Ora, eu sou o mais fiel dos...

— Sabemos o seu nome verdadeiro, Komandant. O nome que o senhor deixou de usar depois do fim da guerra!

O velho pareceu surpreso:

— Meu verdadeiro nome? Mas ninguém sabe...

— O Guia sabe tudo! O senhor é o SS Leutnant Kurt Kraut!

O alemão não parecia surpreso. Ao contrário, mostrava-se quase como se tivesse sido lisonjeado.

— Brilhante, Kamerad! Eu devia saber que o Guia sabe de tudo, até mesmo o meu verdadeiro nome, que escondi durante todos esses anos! A Organização

sempre soube que eu, na verdade, não sou o judeu que represento ser... Mas nem ela sabia o meu verdadeiro nome. Como SS Leutnant Kurt Kraut, eu lutei até o último minuto da guerra, meu Guia. Estava perto de Brest-Litóvsk quando os malditos soviéticos chegaram. Eu tinha acabado de capturar novamente três judeus que pensavam poder fugir de Sobibor. Para escapar e continuar servindo ao Reich alemão, era preciso usar a cabeça. Eu tatuei o número de um dos judeus no meu braço. Veja!

Arregaçou a manga do paletó e da camisa e mostrou o antebraço esquerdo. Uma série de números estava ali, em azul-escuro, quase negro. A série terminava pelos números 4443.

— Vesti os trapos do judeu e obriguei o desgraçado a vestir a minha farda. Mas uma granada russa impediu que eu acabasse com os prisioneiros. Perdi os sentidos e, quando despertei, disse aos idiotas russos que eu era um fugitivo de Sobibor. Os cretinos acreditaram! Depois, eu consegui fugir para o Brasil e... bem, foi preciso levar uma vida discreta para não chamar a atenção das malditas organizações judaicas que jogaram a opinião pública contra a grande obra do seu bisavô, meu Guia. Foi um tempo muito duro, meu Guia, muito duro... Para piorar tudo, um dos prisioneiros que eu tinha recapturado em Brest-Litóvsk, um desgraçado de um ator judeu, não morreu naquela noite e veio também para o Brasil. Era a única pessoa que podia me reconhecer. Felizmente, porém, esse judeu não existe mais...

Kurt Kraut não conseguia mostrar-se totalmente feliz com o anúncio da morte de Solomon Friedman. Balançou a cabeça e continuou:

— Ontem, meu Guia, eu estava aliviado por me ver livre do ator judeu que tinha sido o meu fantasma durante tanto tempo. Mas ontem mesmo eu soube que outro dos prisioneiros sobreviveu depois da explosão da granada russa. Viveu na França todos esses anos e agora resolveu aparecer no Brasil. Minha segurança está novamente em perigo, meu Guia. O judeu que veio da França tem o mesmo nome que...

Chumbinho procurava representar o melhor que podia, mas o acúmulo de surpresas estava sendo demais, até para ele. Dominou-se e procurou reforçar a admiração do velho:

— Sabemos de tudo isso, SS Leutnant Kurt Kraut. Sabemos até o nome judeu que o senhor usa. O senhor, aqui no Brasil, é conhecido por Davi Segai!

O Komandant estranhou:

— Davi Segai? Oh, não, meu Guia. Eu uso o nome de Ferenc Gábor!

20. A loja do embalsamador

A pequena loja estava fechada. Em frente, na outra calçada, Miguel, Magrí e Crânio esperavam olhando para a placa onde estava escrito:

BICHOS EMPALHADOS EM GERAL

ARTE EM TAXIDERMIA

Depois de terem encontrado a etiqueta do fornecedor do esquilo empalhado, não foi difícil descobrir o endereço no recibo da loja de taxidermia, que estava arquivado na secretaria do Colégio Elite.

Os pais dos meninos nem desconfiavam do que estava acontecendo. Cada um dos Karas tinha telefonado e avisado que ia almoçar na casa do outro, para "estudar para uma prova". O mesmo recado foi transmitido para as casas de Chumbinho e de Calú. Almoçaram um sanduíche e seguiram de táxi para o bairro do Bexiga.

Os três não se falavam, como se não se conhecessem.

Miguel e Crânio permaneciam de pé, à beira da calçada, como se estivessem à espera de um ônibus. Só que não passava nenhum ônibus naquela rua. Na esquina, uma mocinha malvestida, de jaqueta surrada, segurando um embrulho volumoso e malfeito nem parecia a elegante Magrí.

Não esperaram muito. Eram quase quatro horas quando um velho de chapéu, alto e empertigado, aproximou-se andando apressadamente depois de estacionar seu carro meio distante, em um lugar permitido.

O velho abriu a porta da loja e entrou.

Logo em seguida, com o ar mais humilde do mundo, Magrí entrou na loja, abraçada ao embrulho amarrotado.

— Boa tarde... O senhor é Ferenc Gábor, o taxidermista?

Atrás do balcão, o velho mostrou-se mal-humorado:

— O que você quer? A loja já vai fechar.

— Mas o senhor acabou de abri-la...

— Não interessa! O que você quer? Estou muito ocupado!

Magrí colocou delicadamente o embrulho sobre o balcão e abriu-o, revelando um esquilo empalhado, sem os olhos de vidro e com uma das pernas quebrada.

— Eu... eu trabalho na secretaria do Colégio Elite, senhor Gábor... — explicou a menina, timidamente. — Pediram que eu trouxesse isto para o senhor. Disseram que foi o senhor que fez este trabalho. Perguntaram se o senhor poderia consertar...

Os três Karas tinham feito uma barbaridade. Tinham furtado o esquilo do laboratório do Colégio Elite, quebrado sua perna e arrancado seus olhos. O paradeiro de Calú e Chumbinho valia qualquer coisa. Até mesmo um furto.

Depois de tudo resolvido, qualquer um deles tinha pais ricos o suficiente para doar até um milhão de esquilos ao colégio. E vivos, se fosse necessário.

O velho alemão pareceu revoltado ao ver o esquilo.

Revirou-o e voltou-se para Magrí.

— Por que fizeram uma barbaridade destas? O pessoal do seu colégio não sabe respeitar uma obra de arte?

— O senhor sabe... as crianças...

— Ah, essa juventude de hoje! Não respeita nem mesmo a arte!

Enquanto o velho examinava o esquilo, resmungando e preparando um orçamento para o concerto, Magrí procurava vasculhar a pequena oficina com os olhos. A loja tinha um cheiro de bolor, de poeira, de morte. Nada parecia suspeito. Arranjados em prateleiras, dezenas de animais empalhados olhavam para a menina com seus olhos de vidro. Eram trabalhos muito bem-feitos. Quase perfeitos. Sacos com palha, paina, arames e muitos frascos com essências embalsamadoras completavam as quinquilharias que serviam para a arte da taxidermia.

Meio coberta por uma lona, havia uma máquina. Parecia ser uma pequena impressora tipográfica. Ao lado dela, Magrí viu uma pilha de papéis ainda não impressos. Eram folhas de papel amarelo!

O velho estava de costas, revirando o esquilo numa bancada de trabalho. Silenciosa como uma cobra, Magrí abaixou-se e pegou uma das folhas de papel amarelo. Escondeu-a dentro da jaqueta, um décimo de segundo antes de o velho voltar-se para ela com o orçamento anotado em um talão de pedidos. Destacou a primeira folha e estendeu-a para a menina.

Magrí recebeu a folha com o orçamento e saiu, sem mais nada dizer.

Crânio apalpou cuidadosamente a folha de papel amarelo que Magrí trouxera e procurou compará-la mentalmente com o panfleto impresso que estava com a polícia.

— Parece o mesmo papel, não é, Crânio?

— À primeira vista é o mesmo tipo de papel, Magrí. Você fez um bom trabalho...

Crânio tentou lembrar-se da letra que escrevera as ameaças em alemão no panfleto amarelo. Seria bom se ele pudesse compará-la com a letra do taxidermista, que estava na folha de orçamento entregue a Magrí. Era difícil garantir que as duas tivessem sido escritas pela mesma mão.

Ele se lembrava de que a letra do panfleto era de fôrma. E aquela, do orçamento, era cursiva.

— Só a polícia técnica poderá comprovar se o panfleto ameaçador foi impresso neste mesmo tipo de papel e na máquina da loja de taxidermia, Karas — explicou o gênio dos Karas. — E também só os técnicos poderão provar que foi o dono da loja quem escreveu a frase ameaçadora no folheto. Mesmo assim, isso me parece muito pouco para uma acusação de assassinato. No máximo, o dono do papel e da letra poderá ser acusado de ameaçar cidadãos de origem judaica...

— Acho que não conseguiremos nada através desses caminhos oficiais, Crânio — argumentou Miguel. — Temos de continuar agindo por nossa conta.

— E o que podemos fazer por nossa conta?

Miguel mostrou a sacola de Calú que ele trouxera consigo:

— Vamos arranjar um telefone e ligar para o celular do Andrade. Ele precisa encontrar o carro da Polícia Federal que tem o receptor que capta os bips deste transmissor aqui na sacola. Minha idéia é esta, Karas...

Depois de pegar na gaveta a cadernetinha que viera buscar, o velho taxidermista enfiou o chapéu na cabeça e saiu. Trancou a porta da loja e começou a caminhar com passos apressados.

Na direção contrária vinham dois jovens conversando animadamente e brincando um com o outro. O alemão tentou desviar-se deles, mas o que parecia mais estabonado acabou esbarrando violentamente em seu ombro. O velho alemão perdeu o equilíbrio e ia caindo, quando o outro jovem o amparou. O primeiro abaixou-se e apanhou o seu chapéu, que havia caído no chão. Sacudiu-o e devolveu-o ao velho, sorrindo sem jeito:

— Desculpe, senhor...

O alemão resmungou algum desaforo, de mau humor, e seguiu apressado para onde deixara o carro estacionado.

Longe dali, Andrade fizera um escarcéu e conseguira que o Doutor Pacheco instalasse em seu fusquinha o receptor de bips. Agora, ele tinha de forçar o velho motor do seu carrinho para encontrar o mais rápido possível aqueles três meninos endiabrados.

O receptor, colocado no banco traseiro, emitia bips cada vez mais distantes. O que teriam aprontado Miguel, Crânio e Magri?

O que o gordo detetive não podia adivinhar é que, naquele momento, o minúsculo transmissor estava afixado dentro do chapéu de um velho taxidermista do Bexiga!

21. Na pista de um chapéu

Depois que o velho saiu em busca da cadernetinha com os nomes dos conspiradores, Calú tentou compreender pelo menos parte de todas aquelas surpresas:

— O nome que esse desgraçado usa é Ferenc Gábor e não Davi Segai! Eu me lembro muito bem: o velho Sol tinha uma numeração no antebraço que acabava com o número quatro. "Quá-quá-quá-quá"! O número no braço desse alemão termina com três. O velho Sol me disse que o primeiro a receber a numeração foi Gábor, depois foi ele e, por fim, Davi Segai. Estavam unidos pelos números, como em uma corrente... A ordem deve ter sido esta: 3 para Gábor, 4 para Sol e 5 para Segai.

— Vai ver o Anjo da morte escolheu Ferenc Gábor para substituí-lo, naquela noite, na Rússia, mas confundiu Gábor com Davi Segai na hora de escolher o prisioneiro que deveria vestir a farda...

— É bem possível, Chumbinho... Os três deviam estar irreconhecíveis, imundos, esqueléticos e de barba comprida. Os três, na certa, até já se pareciam. Todos tinham no rosto a mesma marca. A marca da morte. A marca desse maldito Kurt Kraut!

Calú e Chumbinho fingiram dar uma volta pelo interior do castelo para fazer um reconhecimento. Tinham de descobrir alguma forma de escapar dali.

Aquele era um castelo medieval em quase tudo: não foi possível encontrar um telefone em qualquer uma das salas que deu para espisar. Além de tudo, apesar de Chumbinho, no papel do Esperado, ser a figura mais importante e respeitada da Organização, os dois não podiam dar um passo fora do Kabinet sem que pelo menos dois guardas viessem servilmente acompanhá-los por todo lado.

O falso Esperado sentiu-se como um rei, prisioneiro em seu próprio castelo.

Voltaram para o Kabinet e puseram-se a xeretar tudo o que havia lá dentro. Os papéis arquivados não tinham grande interesse. O Komandant se protegia. Ali a polícia só encontraria inocentes documentos do Lar da Juventude Brasileira. Tudo perfeitamente legal.

Calú sorriu ao perceber o sentido do que tinha visto no alto da torre:

— Lembra-se de quando vimos a torre lá de fora, Chumbinho? Lembra-se de que havia um terracinho com dois alto-falantes e refletores instalados? E lembra-se dos discos, da vitrola, do amplificador e do microfone, lá, no quartinho sinistro?

— Lembro, é claro que me lembro!

— Acho que temos uma encenação pronta para a estréia. Na certa Kurt Kraut preparou toda a cena para o seu primeiro discurso...

— Seu dele?

— Não, Chumbinho. Seu de você mesmo. Você não é o Esperado? O chefe desta bagunça toda?

Chumbinho balançou a cabeça:

— Aqui eu sou tudo e não sou nada, Calú. Precisamos pensar em alguma saída. Não podemos dar um passo fora daqui. Não podemos avisar os Karas. Não podemos falar com Andrade nem com o Doutor Pacheco. Perdemos a sacola com o transmissor. Os Karas nunca vão nos encontrar aqui. O plano dos nazistas e dos líderes do crime organizado vai ser posto em prática com a maior tranquilidade!

Calú tomou uma decisão. A mais desesperada de todas.

— Quando a situação é louca, Chumbinho, precisamos de uma saída também maluca!

Calú abriu a gaveta da mesa de trabalho de Kurt Kraut.

Pegou um tinteiro, um vidro de cola, uma escovinha de pêlos escuros que servia para limpar teclas de uma velha máquina de escrever, uma tesoura e uma pesada espátula de bronze.

— Se não podemos fugir daqui, ninguém mais vai poder!

Giraram a estante e entraram pela passagem secreta.

Com pressa, Calú foi até a porta trancada que dava para o tal túnel e para a saída de emergência. Enfiou a espátula na fechadura, arrancou uma pedra que estava meio solta no revestimento da parede e deu uma forte pancada na espátula, que se partiu dentro da fechadura.

Pronto. Agora ninguém mais escaparia por aquele túnel.

— Chumbinho, agora nós vamos novamente até lá em cima...

— Lá em ei... cima, Calú?

— Isso mesmo. Eu vou desaparecer, Chumbinho. Ajude-me lá na torre e depois volte para o Kabinet. Invente qualquer desculpa para a minha ausência. Diga que eu fiquei indisposto e fui descansar no quarto. Você vai ter de dar um jeito de precipitar a encenação do discurso que o Anjo da morte está preparando. Vamos escrever o seu discurso juntos.

— O meu discurso?!

— Você vai falar, Kara! É preciso. Este é o seu papel. Eu é que tenho de mudar de personagem. Você acha que vai dar para eu passar por adulto?

— Sei não, Kara...

— Como não? Eu já tenho até barba! Você não notou?

— Só se alguém me emprestar uma lente, Kara...

Chumbinho novamente tremia de frio quando os dois começaram a subir a comprida escada que levava ao alto da torre e ao grande segredo de Kurt Kraut.

Com o anoitecer, parece que os ratos estavam mais ousados. Havia agora uma porção deles e, a cada desvão pouco iluminado pelas velas que os dois Karas carregavam, olhinhos vermelhos brilhavam como rubis.

Os dois vestiam terninho e gravata, como se esperaria de dois nazistinhas. Chumbinho sentia-se pouco à vontade, e concluiu que devia ser por causa

daquelas roupas incômodas.

A última porta rangeu nos gonzos, e os dois Karas penetraram no quartinho do alto da torre. Uma lufada de ar gelado recebeu-os, fazendo com que os dois se arrepiassem até a medula dos ossos.

Como se os esperasse, a figura do velho sentado olhava fixamente para eles. A luz das velas refletiu-se em seus olhos e chispas de ódio vítreo fulminaram os dois invasores.

— Ca-Ca-Calú... Será que você não poderia ter tido outra idéia?

O ator do grupo dos Karas aproximou-se lentamente, como se a velha figura estivesse dormindo de olhos abertos e o rapazinho não quisesse acordá-la.

Segurando o candelabro, Chumbinho olhou por sobre o ombro de Calú.

O trabalho parecia de primeira. Kurt Kraut tinha posto toda a sua habilidade naquela tarefa. Até os olhos de vidro tinham a expressão certa. Uma expressão que feria a própria alma de quem os olhasse.

Ali estava o grande segredo. Não aparentaria nem sessenta anos. O bigodinho e o cabelo bem alisado, caído na testa, eram inconfundíveis.

Ali estava o trunfo de Kurt Kraut, o sádico taxidermista que embalsamava as cabeças das crianças judias que mandava matar nas câmaras de gás do campo de extermínio de seres humanos chamado Sobibor.

Ali estava a grande obra de Kurt Kraut: a eternização do Mal.

Ali estava o cadáver embalsamado de Adolf Hitler!

Buzinando e tentando vencer o trânsito pesado da rodovia Raposo Tavares naquele fim de tarde, Andrade suave e falava com o fusquinha, como se o carrinho fosse um cavalo que precisa de estímulo para correr mais depressa.

— Anda, lata velha! Se você não ratear, prometo levar você ao lava-rápido! Vamos, queridinho!

— Parece que o velho alemão chegou ao seu destino, Andrade — informou Crânio, às voltas com o aparelho receptor. — Os bips agora estão sendo emitidos do mesmo lugar...

— Anda, lata velha!

Os bips guiarão Andrade, os três Karas e a "lata velha" por uma estradinha de terra quase oculta pela vegetação.

Poucos minutos depois, os quatro avistaram uma construção diferente, uma espécie de castelo europeu, cercado por muros de pedra. Irritantemente, os bips soavam no aparelho receptor, vindos daquela fortaleza murada.

A uns cem metros da entrada, Andrade desligou o fusquinha. Magré sentiu seu coração pular, na expectativa de um fim para todo aquele suspense.

— É aqui. Aposto que Calú e Chumbinho estão lá dentro!

Pelo celular, o gordo detetive comunicou-se com a Polícia Federal. Deu a localização do lugar ao Doutor Pacheco e esperou. Com as sirenes ligadas, os federais chegariam em meia hora, talvez...

Por enquanto, não havia nada a fazer.

Miguel desligou o aparelho receptor. Agora não era mais necessário ficar ouvindo o bip. Agora só era necessário esperar.

Esperar... Magrí não conseguia ficar parada. Ela não era menina de ficar esperando sentada num fusquinha enquanto anoitecia e os seus amigos pudessem estar em perigo.

— Vou andar um pouco. Quem sabe eu vejo a polícia chegando, daquela curva da estrada...

Andou uns poucos metros, até que não pudesse mais ser vista pelos amigos. Aí, silenciosamente, escalou o muro do castelo.

Já estava meio escuro, mas a menina percebeu o perigo:

"Cuidado, Magrí!", disse para si mesma. "Cães!"

No alto do muro, escondeu-se atrás da copa de uma árvore.

"Calú... meu querido... Onde está você?"

A imagem sorridente do menino mais bonito do Colégio Elite não se afastava de sua memória. E do seu coração.

Chumbinho voltou sozinho para o Kabinet. Tinha acabado de fechar a passagem secreta da estante quando o velho Komandant entrou. O menor dos Karas se recompôs e deu uma pequena bronca no recém-chegado:

— Demorou, Herr Kraut! Trouxe a lista?

— Aqui está, meu Guia...

Chumbinho arrancou a cadernetinha das mãos de Kurt Kraut e enfiou-a no bolso, sem a menor cerimônia.

— Gut, SS Leutnant Kurt Kraut! O senhor está trabalhando direito. Logo que a nova revolução nazista estiver vitoriosa, eu vou promovê-lo a *Öbersturmführer*!

Mentalmente, o menino havia ensaiado um bocado para conseguir pronunciar aquela palavra tão difícil que Calú lhe ensinara. Mas valeu a pena, pela reação do velho nazista:

— Oh, meu Guia! Quanta honra...

Nesse momento, lá do alto da torre, preparado para a maluquice do seu plano, Calú ouviu o canto estridente de um pássaro. Um canto que jamais passou pelo bico de qualquer ave. Um som que só podia ter saído de um par de lindos lábios. Dos lábios de Magrí.

"Os Karas!", alegrou-se Chumbinho ao também reconhecer o sinal de Magrí. "Eles nos encontraram!"

O menino pensou rapidamente. Os Karas tinham de ser avisados.

— Komandant, eu quero dar uma volta pelo jardim, agora.

— Oh, meu Guia... — o velho tentou demovê-lo. — Creio que não será bom... Sabe? A segurança...

— Por quê? O sistema de segurança que o senhor instalou aqui é falho?

— Não, meu Guia... É um sistema perfeito...

— Se o sistema é perfeito, então não há nada a temer. Saia da frente, Herr Kraut. Eu sempre gosto de dar um passeio antes do jantar!

— O seu companheiro vai também?

— Não. Ele está meio cansado. Foi descansar no quarto. Não quero que ele seja incomodado!

— Jawohl, meu Guia!

O alemão, pressurosamente, deu ordens para que os cães dobermans fossem presos, destacou dois guardas para escoltarem o Esperado e ele, e apontou o caminho:

— Está tudo pronto, meu Guia. Podemos ir...

Como se fosse mesmo um guia de escoteiro, Chumbinho puxou o passeio, fazendo o velho e os guardas andarem meio acelerado em volta do imenso jardim do Castelo Wachenfeld. O garoto sabia para onde devia andar. Disfarçou, fez o pessoal dar algumas voltas e aproximou-se do lado do muro de onde tinha ouvido o "pássaro" cantar.

No alto do muro, atrás da copa de uma árvore,

Chumbinho pensou ter visto um vulto. Deu uma risada e cumprimentou o Komandant, em voz bem alta:

— Muito bem, Herr Kurt Kraut! O jardim é lindo, Herr Kurt Kraut!

— Não fale tão alto, meu Guia — sussurrou o velho, para que os dois guardas não o ouvissem. — Por que fica repetindo o meu nome? Os guardas não sabem quem eu sou... A segurança...

— O que tem a segurança, Herr Kurt Kraut? Quais são as falhas do seu sistema de segurança? Não há guardas armados?

— Claro que sim! Há muitos guardas armados, meu Guia...

— Há muitos guardas e bem armados, não é? E os jovens da Juventude Brasileira? Estão preparados?

— Sempre, meu Guia. Eles estão sempre preparados para a ação...

— Há muitos jovens e bem armados! Muito bem! E o helicóptero? Está pronto para decolar?

— Está sim... do outro lado do Castelo Wachenfeld...

— O helicóptero está pronto para voar! Muito bem! Do outro lado do castelo, não é?

— Por que repete tudo o que eu digo, meu Guia?

— Está tudo preparado?

— S... sim...

— Então não me amole, Herr Kurt Kraut!

— Por que está gritando, meu Guia?

— Eu?! Gritando? Eu estou gritando, Herr Kurt Kraut?

Afastaram-se dali. Chumbinho estava fazendo gato-sapato do Anjo da morte!

O recado estava dado. Magrí agora sabia onde estava o helicóptero e sabia

que havia guardas armados e um pequeno exército de adolescentes, prontos para a defesa do castelo. E sabia mais: sabia que aquele velho que eles haviam seguido desde a loja de taxidermia era Kurt Kraut, o Anjo da morte!

22. O fantasma da torre

Os carros da Polícia Federal aproximaram-se de faróis apagados e foram estacionados a uma boa distância. Os agentes haviam sido avisados por Andrade, que lhes passara as informações que Magrí tinha ouvido. Era preciso cuidado.

Aquele castelo estava protegido como uma praça de guerra!

A pé, cercaram todas as saídas do castelo. Estavam fortemente armados e eram muitos. Nem se podia contá-los, na escuridão que já tomara conta de tudo.

O detetive Andrade estava aflito:

— Cuidado, Doutor Pacheco! Calú e Chumbinho estão lá. O castelo está ocupado por homens armados. São fanáticos! Se o senhor invadir à força, vai correr sangue! Se alguma coisa acontecer com os meninos eu juro que vou...

O Doutor Pacheco, de óculos escuros apesar da noite fechada, deu as costas para o detetive. Ele havia trazido uma tropa especial. Seus homens agiam como soldados treinados. Instalaram-se silenciosamente em torno do castelo murado e escolheram pontos estratégicos de onde pudessem acompanhar cada movimento dos guardas do castelo.

Depois de certificar-se de que tudo estava preparado, o Doutor Pacheco pegou um megafone e fez um sinal. No mesmo instante, vários refletores instalados nos carros acenderam-se, jogando sua luz na direção do castelo. Um agente, com uma bazuca, fez pontaria e atirou no helicóptero estacionado. A granada não atingiu o alvo em cheio, mas uma das hélices voou longe. O helicóptero estava imobilizado.

— Aqui é a Polícia Federal! — gritou o Doutor Pacheco ao megafone. — Vocês aí, no castelo, estão cercados! Não tentem nada. Deponham as armas pacificamente e saiam de mãos para cima!

Dentro do grande salão do Castelo Wachenfeld, o Komandant ouviu a explosão da granada, logo seguida pela voz do Doutor Pacheco, ampliada pelo megafone.

Naquele momento, Kurt Kraut sentiu-se como se estivesse de novo na Segunda Guerra Mundial, no comando de uma operação de batalha. Era novamente o SS Leutnant Kurt Kraut, o Anjo da morte. Somente em circunstâncias como aquela ele tinha se sentido alguém, algum dia. Com poder de vida e de morte sobre pessoas. De um certo modo, o Anjo da morte estava feliz.

— Achtung! Fomos descobertos! — gritou ele. — Franz! Rolf! Ernst! Aqui, imediatamente!

Três homens apresentaram-se na mesma hora.

— O helicóptero está avariado, Komandant! — informou o piloto que havia trazido Calú e Chumbinho. — O Führer não pode fugir pelo...

— Nada de pânico, Ernst! — cortou o Anjo da morte.

— Tudo está sob controle. Vamos pôr em prática o plano R. Resistência total!

Cada homem cada menino sabe o que deve ser feito. Não recuem um passo! Não importa quantos morram! Em ação! Já!

Um dos homens correu para um quadro de chaves.

Acionou uma delas três vezes e depois travou-a na posição "ligado".

Uma sirene estridente soou três vezes, com toques curtos, e depois disparou, berrando ininterruptamente.

Com grande eficiência, a defesa do Castelo Wachenfeld foi imediatamente preparada. Dezenas de guardas adultos correram para seus postos e apareceram várias metralhadoras, colocadas em pontos estratégicos. Os jovens componentes da Juventude Brasileira alinharam-se ao lado dos adultos, também armados e também treinados para morrer. Suas vidas tinham sido de miséria. Agora, estavam preparados para uma morte miserável.

— Diabo! — praguejou o Doutor Pacheco. — Esses danados não vão se entregar! Vamos ter de invadir à força!

— Não! — gritou Andrade. — Nunca! Você está louco, Pacheco? Chumbinho e Calú estão lá dentro!

Kurt Kraut subiu as escadas que levavam ao Kabinet.

Na excitação, esqueceu-se de que não devia chamar o Esperado de...

— Mein Führer! Estamos novamente em guerra! Nossa revolução começou, mein Führer! Venha comigo!

Praticamente arrastou Chumbinho pelo braço para a passagem secreta na estante de livros. Subiram a escadaria o mais depressa que o velho agüentava.

Como Calú previra, tudo estava preparado para a encenação. O Anjo da morte agarrou o cadáver embalsamado e colocou-o de pé, apoiado em uma armação previamente preparada. Abriu a porta-janela que dava para a pequena sacada da torre e arrastou "aquilo" para fora, com alguma dificuldade.

A excitação de todo aquele dia devia tê-lo deixado exausto. Nunca como naquele momento aquele cadáver lhe parecera tão pesado.

— Venha, mein Führer! — chamou o Anjo da morte.

— Precisamos dar um grande motivo moral para que nossos homens lutem com bravura! Depois, teremos tempo de fugir pelo túnel!

Pelos alto-falantes da sacada, uma música marcial foi ouvida e os refletores acenderam-se, mostrando um homem de pé, fardado e carrancudo. Iluminado de baixo para cima, aquilo era uma aparição fantasmagórica!

O Doutor Pacheco pegou um binóculo poderosíssimo e apontou-o para a sacada iluminada do castelo, de onde vinha aquela voz.

— Não é possível! Estou vendo fantasmas!

Andrade arrancou-lhe o binóculo das mãos e procurou ver o que causara tanta surpresa ao agente federal.

— Ei! Como pode ser?

Um homem que Andrade só vira no cinema estava de pé, iluminado pelos

refletores. O bigodinho ridículo, o cabelo penteado, bem liso, para o lado esquerdo, quase caindo na testa.

— Que diabos está acontecendo? Isto é um filme? Aquele lá só pode ser o...

— Quem, detetive Andrade? — perguntou um agente, ao seu lado.

— O desgraçado do Hitler!

Ali estava o terrível ditador. A sombra sinistra de um tremendo fantasma ressurgido das profundezas do inferno.

A música diminuiu. No mesmo instante, a figura alta de um velho avançou para a luz dos refletores, tendo um menino ao lado.

— É Chumbinho! — gritou Andrade.

Do alto da torre, pelos alto-falantes, ouviu-se a voz do Anjo da morte, ecoando pela amplidão dos jardins:

— Kameraden!

Em seus postos de combate, os guardas do Castelo Wachenfeld levantaram os olhos para a sacada, aturdidos.

— Kameraden! Aqui está o motivo que vocês precisam para lutar até a morte! Aqui está a prova de que o nosso sonho de grandeza nunca morrerá! Aqui está o nosso líder! O Führer! Heil Hitler!

Seu braço estendeu-se na saudação nazista.

Embaixo, os guardas e os meninos da Brasilianische Jugend hesitaram por um segundo. Em seguida, todos os braços se levantaram e centenas de vozes encheram a noite com seu brado fanático:

— Heil Hitler!

O Anjo da morte falou de novo:

— Aqui está o motivo para a resistência total, Kameraden! Nós somos invencíveis, nós somos imortais! Ouçam agora a palavra do Esperado, o bisneto do Führer! O menino que traz nas veias o sangue de Adolf Hitler!

Estendeu o microfone para Chumbinho e pediu:

— Fale, mein Führer! Seja breve, mas seja duro! Os homens precisam de uma razão para lutar!

Chumbinho pegou o microfone e subiu num caixotinho.

Um incrível silêncio tinha tomado conta de tudo. Não se ouviam nem os grilos nem os pássaros noturnos que esperam a noite para mostrar que existem. Até o vento tinha parado de murmurar entre as folhas.

Chumbinho não sentia nenhum medo. Era agora!

— Meus amigos! Aqui está a sombra de alguém por quem milhões de homens lutaram, mataram e morreram.

O Komandant acabou de dizer que eu sou bisneto desta sombra. Mas... não é verdade!

O Komandant empalideceu. O que estava acontecendo?

— Não é verdade! — repetiu Chumbinho, berrando como se não falasse em

um microfone. — Para se ter um bisneto é preciso ter um neto. Para se ter um neto é preciso ter um filho. E, para gerar um filho, é preciso ter amor. Este monstro nunca amou ninguém! Monstros como este jamais gerariam um ser humano, pois eles próprios jamais foram humanos. Tudo o que ele fez foi tentar implantar o império do ódio nesta terra!

O Anjo da morte recuou, cambaleando. Todo o seu sonho parecia agora um pesadelo. Não era possível acreditar no que o menino falava.

— É preciso resistir, sim, meus amigos! É preciso resistir, meninos que foram tirados da sarjeta e trazidos para este lugar! É preciso resistir ao egoísmo nojento que os abandonou, que não se importou com vocês. É preciso resistir, homens da Organização. É preciso resistir ao racismo insano que divide os seres humanos. É preciso resistir ao ódio. É preciso lutar juntos por um novo amanhecer, em que não haverá mais diferenças entre as pessoas!

Com o binóculo imóvel no foco daquele rostinho tão querido, o detetive Andrade tremia de emoção.

— O amanhecer de um novo dia — continuava Chumbinho —, em que não haverá mais crianças abandonadas, não haverá mais miséria, não haverá mais exploração, não haverá mais racismo. Um dia em que todos, judeus e palestinos, brancos e negros tiverem os mesmos direitos à própria pátria, à própria terra, ao trabalho, à vida, à paz, à felicidade!

O assombro do Anjo da morte, naquele momento, não foi menor do que o da multidão que assistia àquela cena incrível: como se fosse uma múmia ressuscitando do sarcófago, o cadáver embalsamado de Adolf Hitler arregalou ainda mais os olhos e levantou o braço direito, na saudação nazista! Em seguida, atravessou o esquerdo sobre o direito e deu uma vistosa "banana" enquanto punha a língua para fora, presa aos lábios! Pelos alto-falantes, todos ouviram um ruído sonoríssimo, muito conhecido de todos os brasileiros:

— Brrrrrr!

O Anjo da morte tremia. Com sua Luger em punho, tentou falar alguma coisa. Foi aí que a "perna do Adolf Hitler" girou no ar e deu um valente pontapé na mão do carrasco nazista!

A Luger voou por sobre a sacada. Kurt Kraut girou sobre si mesmo e correu para baixo, pegando as chaves do bolso. Ainda havia tempo de fugir pelo túnel!

"Esses malditos judeus nunca me pegarão!"

Uma a uma, as armas dos defensores do Castelo Wachenfeld foram jogadas no chão. Aos poucos, um murmúrio, surgido dentre os meninos da Juventude Brasileira, foi aumentando, foi crescendo, até terminar em um clima de festa, como se aquele fosse o último dia da Segunda Guerra Mundial!

Quando os primeiros agentes da Polícia Federal invadiram o castelo, encontraram um velho enlouquecido, balbuciando frases sem nexos e tentando abrir um buraco na grossa porta de carvalho com os dedos ensangüentados...

Na sacada da torre, Chumbinho agarrou os ombros de "Adolf Hitler":

— Evitamos um banho de sangue, Calú! Se esses malucos resistissem, muita gente ia morrer esta noite! Como conseguimos fazer tudo isso, Kara? Será que baixou por aqui o espírito de Solomon Friedman?

A tinta de escrever com que Calú tingira os cabelos começava a escorrer-lhe pela testa. O bigodinho cortado da escova começava a descolar-se.

— Não sei, Chumbinho... Acho que foi mesmo o velho Sol quem nos inspirou. Acho que você falou por mais de seis milhões de vítimas... Nunca mais você representará uma cena como esta. A um só tempo, você representou seis milhões de papéis...

O rapazinho não era mais um ator naquele momento.

Naquele momento, ele chorava de verdade.

Chumbinho abraçou-se a ele, apertado, apertado...

23. Um número tatuado no braço

— Cadáver de Hitler coisa nenhuma! Apenas um boneco de palha! Uma cabeça de cera! Esse louco Anjo da morte criou uma farsa para manter vivo seu doído projeto de provocar outra guerra mundial!

Na sala de espera do hospital, aguardando para uma visita a Ferenc Gábor, Andrade não conseguia parar de falar naquela aventura tresloucada ao Doutor Pacheco e aos seus queridos meninos. Como uma homenagem especial àqueles adolescentes fantásticos e àquele dedicado policial, o Doutor Pacheco até tinha tirado os óculos escuros.

O gordo detetive continuava:

— E o molequinho da África do Sul era outra fraude! Hitler jamais teve filhos, netos ou bisnetos! Tudo não passou de uma farsa louca. Como é fácil fazer as pessoas acreditarem em qualquer coisa!

Miguel balançou a cabeça:

— Só que, na verdade, Andrade, na verdade verdadeira, no que realmente aconteceu, ninguém vai acreditar!

Os meninos tinham razão. Não adiantava contar tudo o que tinha acontecido naquela noite. Se a imprensa publicasse aquela história, ninguém acreditaria. Além disso, não havia nenhuma prova material nem contra o Anjo da morte nem contra a Organização. Mais uma vez, os seus queridos meninos ficariam na sombra, como se não tivessem tido nada com o esclarecimento daquele caso!

O gordo detetive olhava orgulhoso para Calú e Chumbinho. Como dois garotos podiam ter feito aquilo tudo? Como Chumbinho podia ter feito aquele discurso? O que teria acontecido se aqueles cinco meninos não tivessem se metido naquele caso?

Todos gostariam de poder anunciar para o mundo que um dos maiores criminosos nazistas havia sido capturado. Mas não havia como provar coisa alguma. Para todos os efeitos, aquele velho tinha a identidade de um judeu chamado Ferenc Gábor e era apenas o benemérito diretor do Lar da Juventude Brasileira: uma instituição legal, "filantrópica", inatacável. O Anjo da morte não poderia ser julgado criminoso por recolher jovens abandonados pelas ruas e dar-lhes alimento e um teto.

Foi possível comunicar-se com a polícia de todos os países da América Latina de modo que os conspiradores que viriam ao Brasil fossem localizados. Mas também nada havia que pudesse ser usado contra eles. Nem mesmo contra os líderes do crime organizado que constavam da cadernetinha do Anjo da morte. Que crime tinham eles cometido? Ninguém pode ser julgado pela intenção de reunir-se no Brasil com o chefe de uma instituição filantrópica. A Organização continuaria impune. Talvez a lição tivesse servido, e eles não tentassem mais uma loucura como aquela. Talvez...

O Anjo da morte seria levado a julgamento apenas pelo assassinato de

Solomon Friedman. Sua letra trêmula no impresso amarelo seria prova suficiente para condená-lo. Seria também julgado pelo atentado contra Ferenc Gábor, uma vez que a arma dos dois crimes era a mesma. Fora isso, nada mais podia ser alegado contra ele. Os milhares de seres humanos que assassinara e os milhares de crianças que o canalha havia mandado embalsamar continuariam esquecidos.

— E os jovens do Lar da Juventude Brasileira, Andrade? — perguntou Miguel.
— O que vai ser feito com eles?

O detetive não conseguiu responder. O que ele poderia dizer? Que aqueles jovens agora seriam recolhidos pela sociedade e a eles seria dado um lar, alimento, saúde, educação, afeto? E quanto de tudo isso eles tinham recebido até agora? E quanto de tudo isso recebia a maior parte da infância e da juventude brasileira?

Andrade não respondeu. Só sentiu vergonha. Uma imensa vergonha.

— O Anjo da morte estava conseguindo convencer pessoas com sua loucura do mesmo modo como Hitler conseguiu convencer o povo alemão, décadas atrás — comentou o Doutor Pacheco. — Eu nunca poderei entender isso tudo! Como é que um louco como Adolf Hitler pôde dominar as consciências de uma gente civilizada como o povo alemão?

Andrade falou alto, como se discutisse futebol:

— Louco? Louco nada! Um louco pode cometer uma violência, uma barbaridade em seus acessos de loucura. Mas não vive em acessos o tempo todo. Hitler não era louco.

Acusá-lo de louco seria uma forma de desculpá-lo. Ele era mau!

— Ele era o Mal... — juntou Magri.

— Assim como Kurt Kraut. O nazismo aconteceu porque um grande demônio deu a outros demônios a oportunidade de fazer tudo o que suas mentes sórdidas imaginavam. Eles mentiram e enganaram o povo alemão. Por causa deles, foi jogada uma nódoa sobre a História da Alemanha. Uma nódoa que o povo alemão não merece...

— Um assassino que embalsamava cabeças de crianças! — lamentou o Doutor Pacheco. — Eu posso não acreditar em Deus, porque hoje não há ninguém bom o suficiente para comprová-lo. Mas eu acredito no diabo, porque existe este maldito Kurt Kraut para provar a existência do Mal absoluto sobre a Terra. Porque existiu e existe o nazismo, para provar a força do demônio!

Andrade sorriu. Para ele, a prova material da bondade de Deus era a existência de um certo grupo de cinco adolescentes...

Magri enlaçou carinhosamente o braço de Calú. A interpretação de Hitler a que ela havia assistido tinha sido demais! Aquele rapazinho era um ator tão bom que ela pediria um autógrafa a ele. Só que ela não precisava de um autógrafa de Calú. A menina tinha Calú inteirinho para ela!

Miguel remexeu-se na cadeira, incomodado com o agarramento dos dois.

Crânio quase mordeu a gaitinha.

Naquele momento, apareceu um funcionário do hospital avisando que Ferenc Gábor já tinha voltado para o apartamento, depois de um último exame.

— Vamos subir, pessoal — convidou o Doutor Pacheco.

— O pobre velho vai ficar muito contente ao saber que enjaulamos a fera que tanto o fez sofrer!

O velho Ferenc Gábor estava deitado e recebeu os visitantes com um sorriso. Já estava corado e, não fossem as bandagens que lhe enfaixavam toda a volta do abdômen e que apareciam sob a camisolinha que todos os pacientes tinham de usar naquele hospital, ninguém diria que o velho sofrerá um atentado há apenas dois dias.

Miguel olhou para o velho. Um companheiro de Solomon Friedman que não chegara a tempo de rever o amigo.

Em seu antebraço esquerdo, o rapaz viu a tatuagem que marcava seres humanos antes de levá-los ao matadouro. Lá estava o número, terminado por 4445.

"Este número não dá pra rir", pensou o rapaz, lembrando-se da narrativa de Calú. "Não dá pra fazer quá-quá-quá-quá..."

O líder dos Karas estava pálido como uma folha de papel ao perguntar para o seu amigo detetive:

— Andrade, eu tenho uma pergunta muito importante. Preste atenção. Lembra-se da manhã seguinte ao assassinato de Solomon Friedman quando você veio nos buscar no Colégio Elite?

— Claro que lembro, Miguel. Por que isso agora?

— Lembra-se que havia um jornal no fusquinha? Você tinha comprado jornal naquela manhã?

— Não...

— Então... aquele jornal era do dia anterior?

O Doutor Pacheco pigarreou:

— Um momento, Miguel. Acho que não podemos nos demorar muito para não perturbar o descanso do senhor Gábor — e voltou-se para Calú. — Você, Calú, que fala francês, poderia explicar para o senhor Gábor que o caso já foi resolvido e...

A interrupção de Miguel caiu sobre todos naquele quarto como uma descarga elétrica:

— Não, Doutor Pacheco. Este caso não está resolvido!

— Vamos, Miguel! O que você está dizendo? Não podemos acusar Kurt Kraut de ser o Anjo da morte, mas ele vai passar o tempo que lhe resta para viver atrás das grades, pelo assassinato de Solomon Friedman. Acho que é o suficiente para...

— O Anjo da morte não assassinou Solomon Friedman, Doutor Pacheco!

— Como?!

Miguel suspirou. A revelação da verdade pareceu-lhe cruel demais. Na cama, sem entender o que estava sendo dito a sua volta, o velho Ferenc Gábor mostrou-se um pouco aflito:

— Qu 'est ce qu 'ily a? Qu 'est ce qu 'il dit?

Miguel olhou cada um dos presentes nos olhos e continuou a falar, fitando por fim o velho deitado na cama do hospital.

— Este senhor não chegou depois do assassinato de Solomon Friedman. Aquele jornal que encontramos no fusquinha de Andrade era do dia anterior. Isto quer dizer que este senhor chegou a São Paulo na manhã do dia em que Solomon Friedman foi assassinado!

Andrade sorriu incomodado. Não gostava de ver o seu querido Miguel passar vergonha:

— Ora, Miguel! E daí? O que muda este caso o fato de o senhor Ferenc Gábor ter chegado antes ou...

— O Anjo da morte fazia-se passar por Ferenc Gábor. Mas Ferenc Gábor não existe mais. Ele morreu em 1944, num velho armazém na União Soviética!

Andrade estava pasmo. Tentou abrir a boca e dizer que aquilo era um absurdo, que Ferenc Gábor estava ali, na frente deles, deitado na cama, mas resolveu calar-se. O rapazinho estava seguro demais, tenso demais. E o gordo detetive sabia que não era bom contrariar Miguel nessas ocasiões.

— Lembra-se, Andrade? O assassino foi convidado para a estréia do Rei Lear pelo próprio Solomon Friedman. Você acha que o velho Sol convidaria Kurt Kraut para sua estréia? É claro que não! Mas ele convidaria um companheiro de campo de concentração que chegara naquele mesmo dia a São Paulo, não convidaria?

— Você quer dizer que aquele convite foi oferecido por Solomon Friedman ao senhor Ferenc Gábor? A este senhor?

Miguel cortou bruscamente:

— A este senhor sim, mas este senhor não é Ferenc Gábor!

Forçou-se a sorrir ao falar em francês com o velho:

— Bonjour, Monsieur Davi Segai!

Naquele instante, o velho adquiriu um aspecto mais condizente com alguém que tinha sido ferido à bala. Empalideceu, quis falar, mas parou, com a boca aberta, no meio da primeira palavra.

— Davi Segai? — espantou-se o Doutor Pacheco.

— Que negócio é esse?

Miguel pegou o braço nu do velho e o levantou:

— Vejam! 4445! Lembram-se da seqüência da numeração dos três amigos que Solomon Friedman contou a Calú?

Compreendendo aonde Miguel queria chegar, Calú repetiu, em voz alta:

— Ele disse: "Aí está, Calú: quá-quá-quá-quá! Parece uma gargalhada, não é? Ah-ah-ah-ah! Quá-quá-quá-quá!"

Ferenc Gábor foi o primeiro a receber este 'enfeite'. Depois foi a minha vez e, por fim, a vez de Davi Segai. Gábor tinha de ser o primeiro! Era o primeiro em tudo, o mais valente, o mais ousado, o menos acomodado dos homens..."

— Ferenc Gábor foi o primeiro! — continuou Miguel.

— O número de Solomon Friedman terminava por 4444! Assim, o número de Ferenc Gábor, o "primeiro em tudo", deveria terminar por 4443. Logo, o de Davi Segai terminaria por 4445!

O velho não resistia ao rapaz, que mantinha seu braço estendido. Ali estava tatuado claramente: 4445. O número de Davi Segai!

— A exposição! — lembrou Magrí. — A exposição que veio ao Brasil é de "desenhos feitos dentro do campo de Sobibor"! Solomon Friedman contou a Calú que os desenhos se perderam na fuga. Ficaram completamente estragados depois do mergulho nos tonéis de sujeira e no rio Bug!

— É isso! — reforçou Crânio. — Solomon Friedman foi informado pelos russos de que o nome do sobrevivente Ferenc Gábor estava anotado duas vezes no registro de ocorrências daquela noite. Kurt Kraut e Davi Segai declararam-se como Ferenc Gábor, cada um por sua vez, quando recobriram a consciência. Dois Ferenc Gábor! Mas dois falsos Ferenc Gábor!

O sangue subiu às faces de Calú e ele praticamente se jogou na direção do velho, agarrando-lhe o braço:

— Por quê? Por que o senhor tomou o lugar de Ferenc Gábor? O senhor vestia a farda de Kurt Kraut naquela noite! Qual foi o outro corpo encontrado com a farda? O rosto e o braço esquerdo queimados, não é? Para que ninguém pudesse reconhecer o cadáver, não é? Por quê? De quem era aquele cadáver? Solomon Friedman, o Anjo da morte e o senhor sobreviveram à explosão da granada russa. Só poderia ser de Ferenc Gábor, não é? Por quê? Por que o senhor matou Ferenc Gábor e vestiu-lhe a farda de Kurt Kraut? Por que se fez passar por Ferenc Gábor por todos estes anos? Por quê?

Muito nervoso, o rapazinho fazia as perguntas em português. O velho, na cama, não entendia as palavras, mas compreendia os nomes de Kurt Kraut, de Solomon Friedman, de Ferenc Gábor e de Davi Segai, gritados por Calú.

O velho baixou a cabeça e começou a chorar.

O Doutor Pacheco não compreendia nada. Ele não tinha ouvido o relato de Solomon Friedman que Calú contara aos outros e, além de tudo, não conhecia aqueles garotos.

Calú não pôde traduzir a acusação para o francês, tão nervoso se encontrava.

Esse papel coube a Magrí.

O velho não resistiu às acusações. Estava frágil e chorava como uma criança enquanto confessava tudo.

Magrí traduziu a confissão:

— Este homem era um gênio da pintura, frustrado por não ser reconhecido e admirado — Magrí misturava seus próprios comentários à tradução das palavras do velho.

— Naquela noite, depois da explosão da granada russa, só Ferenc Gábor morreu. Este homem, Davi Segai, nada sofreu, mas pensou que todos os outros estivessem mortos. Aí, então, imaginou seu plano maluco: resolveu "morrer" aos olhos do mundo, para que seu valor artístico pudesse ser, enfim, reconhecido. Vestiu a farda do Anjo da morte no cadáver do amigo Gábor e jogou-o sobre o fogareiro, de modo a queimar-lhe o rosto e o braço tatuado. Queimou também as pastas com os documentos dos três prisioneiros.

Ninguém saberia o que acontecera, e ele poderia fazer-se passar por Ferenc Gábor o resto da vida. Assim ele fez. Passou estas décadas "cuidando" da obra de Davi Segai. E enriquecendo com ela. Apesar disso, foi ficando cada vez mais neurótico, pois era obrigado a pintar somente os pesadelos que mantinha na memória porque, para todos os efeitos, aqueles quadros tinham sido todos pintados antes da suposta morte de Davi Segai. Assim, ele só podia pintar o passado. Por isso ele misturou em suas telas a loucura do nazismo, o povo judeu massacrado e as suas próprias neuroses, por viver esse tempo todo ouvindo elogios ao gênio de Davi Segai como se fosse outra pessoa! Davi Segai falava sem parar e sem olhar para ninguém.

Magrí continuou traduzindo e introduzindo as outras informações que eles tinham para que o Doutor Pacheco pudesse entender melhor o que estava acontecendo:

— Solomon Friedman deve ter exultado de felicidade ao ler nos jornais que chegaria ao Brasil seu saudoso companheiro Ferenc Gábor. Foi ao hotel à procura do amigo e, não o encontrando, deixou um ingresso para a noite de estréia do Rei Lear e uma carta, com todo o seu carinho.

Este homem, ao encontrar o ingresso e a carta, enlouqueceu de vez. Ele não sabia da existência de Solomon, de uma testemunha que poderia desmascarar sua fraude. Ele pensava que todos que pudessem reconhecê-lo estivessem mortos. Assim, decidiu que Solomon Friedman não poderia continuar vivo. Pouco antes de a peça começar, ele resolveu cometer o crime. Ao sair da poltrona, pediu licença àquela mulher, com seu sotaque alemão. Era o sotaque de Davi Segai, não o de Kurt Kraut. Foi até os camarins e esbarrou em você, Calú...

— Por isso o velho Sol morreu com um sorriso! — comentou Crânio. — Ele deve ter reconhecido seu velho amigo Davi Segai pelo reflexo no espelho do camarim, um segundo antes de receber um tiro na nuca!

O Doutor Pacheco estava de boca aberta:

— Mas e a tentativa de assassinato contra ele, na galeria de arte?

— Ele ficou apavorado ao receber nossa visita, Doutor Pacheco. Foi para o

escritório, alegando cansaço, e deu um tiro em si mesmo, de raspão, segurando a pequena pistola com um lenço, para não deixar impressões digitais. Lembram-se do lenço com que ele procurava estancar o sangramento? Deixou a janela aberta e jogou a pistola perto dela, para que a polícia pensasse que o assassino havia deixado a arma cair enquanto fugia. Como era a mesma pistola com que ele matara Solomon Friedman, o plano parecia perfeito!

— Este canalha matou o próprio amigo, apenas e somente para não ser reconhecido! — espantou-se o Doutor Pacheco, deixando-se cair numa poltrona que havia no quarto do hospital. — Incrível! Se não fosse por suas revelações, Calú, nós jamais conseguiríamos desmascarar este assassino.

Abriu os braços, concluindo:

— Muito bem: temos o suficiente para conseguir uma condenação. Pena é que teremos de pôr aquele maldito Kurt Kraut em liberdade!

Calú pulou:

— Como?! Libertar o Anjo da morte?

— Sim, Calú. Jamais poderemos provar que aquele velho é Kurt Kraut, o Anjo da morte. Oficialmente, sua vida como carrasco nazista acabou naquela noite, em 1944, na União Soviética. O único modo que tínhamos de puni-lo, indiretamente, por seus milhares de crimes, era condená-lo, como Ferenc Gábor, pelo assassinato de Solomon Friedman...

Todos, no quarto do hospital, olhavam para Calú. O rapazinho tremia, totalmente dividido por dentro. Cravou seu olhar no chão e falou, com um fio de voz:

— Doutor Pacheco, eu não vou testemunhar contra este homem.

Ninguém falou nada. Mas, pela cabeça de todos, passou o dilema de Calú: que assassino eles queriam prender?

Davi Segai, que matara o amigo Solomon Friedman? Ou Kurt Kraut, que assassinara milhares de inocentes, homens, velhos, mulheres, e mandara embalsamar dezoito mil cabecinhas de crianças? Quem merecia ir para a cadeia?

Davi Segai, que ficara famoso porque fora considerado morto, porque sofrera num campo de concentração, porque defendera a memória de todas as vítimas com a sua pintura?

O que fazer? Inocentar um maldito carrasco, uma prova da existência do demônio? Ou levar à cadeia um gênio que todos pensavam morto? E que poderia ainda, acobertado pelo disfarce da morte, produzir mais algumas daquelas maravilhosas telas que chocavam o mundo e que mantinham viva a lembrança dos horrores do nazismo, que nunca, nunca deveriam ser esquecidos, sob pena de se repetirem?

A decisão era difícil. Do ponto de vista estrito da justiça, era até imoral. Mas todos compreenderam o enorme sacrifício de Calú, que deixaria livre o covarde

assassino do seu querido professor de teatro para que a Humanidade pudesse punir o Anjo da morte, embora tardiamente, embora não com uma pena proporcional aos seus crimes hediondos...

O Doutor Pacheco falou lentamente, dirigindo-se a Magrí:

— Por favor, diga a esse desgraçado que desapareça deste país. Diga a ele que vá para onde quiser e tente viver com o crime que ele cometeu em sua consciência.

Todos choravam ao sair do hospital.

Anoitecia no Colégio Elite.

O pátio estava deserto quando Magrí saiu, depois de passar a tarde na biblioteca, recuperando as matérias que perdera por causa daqueles dias de aventura.

No fundo do pátio, a menina viu uma silhueta encostada no muro, de cabeça baixa.

A silhueta era Calú.

Lentamente, Magrí aproximou-se do amigo.

Calú ergueu os olhos ao perceber a presença da menina. Mas não a fitou. Seus olhos perderam-se longe, sob sobranceiras apertadas, como se encarasse sua própria consciência.

— Solomon Friedman... — Calú pronunciava lentamente o nome do velho amigo, como se avaliasse o peso de cada sílaba. — Em muitas línguas, "Friedman" significa "homem livre"... O velho Sol lutou a vida inteira para conquistar a liberdade, para tornar-se um homem livre. E foi aqui, no Brasil, que ele conseguiu construir sua liberdade...

Magrí ouviu com ternura a declaração de admiração e saudade que Calú sentia pelo velho Sol. E reforçou:

— E, em troca, com sua arte, esse grande homem ajudou-nos a consolidar a nossa própria liberdade... Nós nunca o esqueceremos, querido...

O rapaz voltou os olhos para sua querida amiga:

— Magrí... Será que eu fiz a escolha certa, Magrí?

As mãos espalmadas da menina apoiaram-se docemente sobre o peito do rapaz. Ele a abraçou e sentiu-se envolvido pelo calor e pelo perfume do corpinho da amiga.

— Calú, meu querido!

Ela queria falar, queria consolar o amigo, queria elogiar-lhe a valentia, a inteligência. Gostaria de mostrar-lhe que ele escolhera o único caminho justo.

Mas, com o corpo colado ao corpo forte de Calú, Magrí só pôde levantar o rosto. Sua mãozinha apoiou-se na nuca do rapaz e trouxe seu rosto delicadamente em sua direção.

Calú sentiu a deliciosa pressão dos lábios de Magrí esmagando-se contra os seus.

E, por um momento, pensou que um beijo como aquele, daquela menina adorada, compensava tudo. Todos os riscos que tinha enfrentado para livrar a Humanidade da sombra sinistra do Anjo da morte...

Fim

Recado do autor

Miguel, Magrí, Chumbinho, Calú e Crânio!

Os nomes destes cinco adolescentes já se misturaram aos nomes do Rodrigo, do Marcelo e do Maurício, meus filhos de verdade.

Personagens são como filhos, só que são filhos da imaginação de um autor. Mas, entre todos eles, os cinco adolescentes que formam o grupo dos Karas acabaram por assumir um papel ainda maior: eles são como irmãos de milhares de jovens brasileiros que se emocionaram com suas aventuras em A droga da obediência, Pântano de sangue, Anjo da morte, A droga do amor e Droga de americana!

Para quem ainda não me conhece, para quem ainda não leu nenhum dos meus livros, é preciso contar que eu nasci em Santos, em 1942, e vim para São Paulo em 1961 estudar Ciências Sociais na USP. Tornei-me ator de teatro e de comerciais de televisão, fui jornalista, editor e publicitário, até começar, em 1983, a escrever para vocês. Vocês, que começam a conhecer meus livros enquanto ainda não acabaram a primeira cartilha e que continuam lendo o que eu crio até um pouco depois da primeira barba e do primeiro batom.

Para os jovens, já publiquei A droga da obediência, Pântano de sangue, Anjo da morte, A droga do amor, Droga de americana! e A droga virtual (estas são as aventuras com Os Karas), A marca de uma lágrima (Prêmio A.P.C.A. — Associação Paulista de Críticos de Arte), Agora estou sozinha, O medo e a ternura, O grande desafio, A hora da verdade, Prova de fogo, Brincadeira mortal, Mariana, Descanse em paz meu amor, Gente de estimação, O mistério da fábrica de livros, O primeiro amor de Laurinha, O fantástico mistério de Feiurinha (Prêmio Jabuti), Minha primeira paixão, Amor impossível possível amor, O poeta e o cavaleiro, Aqueles olhos verdes, Eu quero ficar com você, O vírus final, Como conquistar essa garota, Um crime mais que perfeito, O par de tênis, e Malasaventuras — safadezas do Malasarte, além de outras obras para o público infantil.

Vocês são a razão dos meus livros e minha esperança. Você, que acabou de ler Anjo da morte, é o meu Miguel, o meu Calú, o meu Crânio, a minha Magrí, o meu Chumbinho. Mas você é muito mais, porque você existe de verdade!

Pedro Bandeira

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base texto enviado através de doação anônima

